

SUZANO E O IMPACTO DA INDUSTRIALIZAÇÃO

NIDIA NACIB PONTUSCHKA

Dissertação de Mestrado, realizada sob a orientação da Profa.Dra. Léa Goldenstein, apresentada ao Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, em Fevereiro de 1979.

SÃO PAULO, SP.

- 1979 -

Ao Walter

Aos meus filhos

À minha grande família

Nossos agradecimentos:

- à Profa.Dra. Léa Goldenstein, pela orientação nesses longos anos de trabalho;
- às Profas. Ana Maria Camargo Marangoni, Claudete B. Junqueira e, Léa Francesconi pela ajuda prestada em diferentes momentos e, sobretudo, na programação dos dados para a linguagem de computador;
- ao sociólogo Vilmar Faria que nos orientou seguramente a elaboração dos questionários;
- ao demógrafo Moisés Kessel pela orientação na elaboração das amostras;
- aos alunos do Colégio Estadual de Suzano Marlene, Rita de Cássia e Willy e ao meu irmão Luiz pelos serviços prestados na aplicação dos questionários;
- à Profa. Odete Seabra que contribuiu com valiosas sugestões na fase de redação;
- e a todas as pessoas que direta ou indiretamente colaboraram no sentido de tornar possível a realização deste trabalho.

ÍNDICE

página

→ Capítulo I - OBJETIVOS E PROPOSIÇÃO DE PROBLEMAS	
- objetivos	1
- pesquisa de campo	4
- bases bibliográficas	7
Capítulo II - SUZANO: BASES HISTÓRICAS	
- da decadência do ciclo dos muares à instalação das rodovias	12
Capítulo III - A ATIVIDADE INDUSTRIAL EM SUZANO	
- localização industrial na Região de Mogi das Cruzes	21
- localização industrial em Suzano	25
- a concentração industrial	36
→ - a mão-de-obra na indústria	47
Capítulo IV - A DINÂMICA POPULACIONAL E O DESENVOLVIMENTO INDUSTRIAL EM SUZANO	
- crescimento populacional	60
- composição etária da população	64
- migrações	65
Capítulo V - SUZANO: ANÁLISE SÓCIO-ECONÔMICA	
- absorção da mão-de-obra na indústria....	82
- reflexões sobre a população inativa....	87
- problemas de habitação	91
- cotejo entre padrões sócio-econômicos diferenciados	98
-	
Capítulo VI - AS TRANSFORMAÇÕES SOCIAIS E A GRANDE INDÚSTRIA	
- os grupos sociais	104
- reflexões sobre o uso do solo urbano....	108
- considerações finais	114
BIBLIOGRAFIA	118

Objetivos e proposição
de problemas

A grande concentração e expansão urbanas que se verificaram nos arredores da cidade de São Paulo, nos últimos 30 anos, fizeram-se sentir, a partir da importância crescente da produção industrial e do acelerado crescimento demográfico, fortemente ligadas aos movimentos migratórios.

O presente trabalho tem como meta estudar o impacto que a implantação da grande indústria ocasionou sobre Suzano (município da Grande São Paulo, antigo distrito de Mogi das Cruzes), dentro do processo de expansão industrial da Capital paulista, em direção aos municípios da atual região metropolitana.

Sabendo-se que a indústria procura instalar-se nos locais que apresentem maiores vantagens do ponto de vista da lucratividade, para garantir a continuidade do processo de a cúmulo de capital, pergunta-se, no caso do município de Suzano, quais os fatores que têm influenciado na decisão dos industriais.

Com esse objetivo, é realizada uma análise dos mais relevantes fatores responsáveis pela localização de indus-

trias - principalmente as dinâmicas - desde meados da década de 50 até meados da década de 70, quando se fazem expressivas ampliações nas unidades fabris já existentes e implantam-se novas unidades de grande porte, com capitais nacionais e internacionais.

Embora seja um processo geral, que ocorre nas áreas brasileiras onde a industrialização já se iniciou, em cada lugar ele se reveste de características especiais que devem ser estudadas, para maior compreensão dos processos específicos, e eventuais intervenções no direcionamento dos mesmos.

A implantação industrial em Suzano somente pode ser compreendida se analisada a partir do estudo, já mencionado, da expansão industrial do grande "centro", representado pela Capital paulista, assim como pela satelitização urbana e industrial da cidade de Mogi das Cruzes. Embora Mogi das Cruzes tenha abrigado indústrias tradicionais, desde o início do século XX, o seu desenvolvimento urbano-industrial acelerou-se bastante na década de 40, quando ali foram implantadas indústrias siderúrgicas e mecânicas de porte significativo.

No caso particular de Suzano, as indústrias de grande porte instalaram-se somente na década de 50, com base em indústrias de tipo totalmente diverso de Mogi das Cruzes, quando ainda o município tinha na agricultura comercial para o abastecimento das duas mais importantes capitais do País (São Paulo e Rio de Janeiro), a sua principal fonte de renda.

Ao contrário dos subúrbios orientais mais próximos da Capital, onde a especulação desenfreada deu origem a bairros proletários, com infra-estrutura se restringindo apenas ao arruamento e à presença dos eixos ferroviários, Suzano funcionava, até a década de 50, como uma pequena cidade do interior paulista, já caracterizada por uma comunidade ati-

va, participante de movimentos sociais e políticos locais.

Um dos aspectos que demonstra a importância da vida comunitária local, relaciona-se, como se verá, com a própria gênese do núcleo urbano, que está intimamente ligada ao fenômeno da estruturação ferroviária que articulou a cidade de São Paulo e o porto de Santos às áreas cafeeiras do interior da Província, no final do século passado.

Suzano viveu, até a década de 50, principalmente da agricultura comercial, dinamizada por imigrantes dedicados à horticultura, e da agricultura de subsistência ou agricultura caipira. A função comercial desenvolvida junto à estação e na área destinada ao comércio pelos primeiros proprietários, ainda se confundia muito com a função residencial. Nas proximidades da estação ferroviária existiam também algumas pequenas indústrias tradicionais, sobretudo têxteis.

A partir dessa década, assiste-se em Suzano uma mudança qualitativa, pela influência da Capital sobre a economia local, através de um elemento dinâmico representado pelas grandes empresas industriais que, até então, eram estranhas à vida desse núcleo urbano.

A produção industrial em grande escala provocou a reestruturação na vida urbana local, e introduziu muitos dos problemas urbanos específicos da Capital. Nas áreas atravessadas pela Estrada de Ferro Central do Brasil, e pela antiga rodovia Rio-São Paulo instalaram-se tanto indústrias tradicionais (têxteis, curtumes, vidros, etc.), como dinâmicas (química, celulose e papel, farmacêutica).

Não resta dúvida que a concentração industrial em Suzano aumentou a arrecadação industrial do município. No entanto, deve-se perguntar se os benefícios da concentração industrial foram maiores do que os problemas por ela gerados.

Procurando responder a essa e outras perguntas, para a elaboração deste trabalho foram feitas entrevistas com moradores, industriais, pessoas ligadas à administração do município, e foi empreendida uma pesquisa através da aplicação de questionários, com o objetivo de chegar a uma melhor percepção do impacto da indústria na vida econômica e social da cidade.

Para a pesquisa de campo selecionamos dois aspectos extremamente importantes para a vida das populações urbanizadas e muito significativos dentro do processo desencadeado pela concentração industrial na área de Suzano: a mobilidade das populações, quer sejam as migrações internas, quer seja o movimento pendular dos trabalhadores, e as transformações que ocorreram nas condições sócio-econômicas da população urbana com a implantação da grande indústria.

Pesquisa de campo

Para levar a efeito a pesquisa, após o levantamento bibliográfico sobre a expansão urbano-industrial de São Paulo em direção aos principais eixos viários (especialmente em direção à estrada de ferro Central do Brasil, constata do o papel da indústria na organização do espaço e nas transformações sociais desencadeadas na Sub-Região Leste (1) da Grande São Paulo, fizemos uma busca de dados ligados às indústrias nos sindicatos de classe, no SENAI, no INPS e na Prefei

(1) A Grande São Paulo foi dividida pelo GEGHAN em sete sub-regiões: Centro (município da Capital); Sudoeste; Noroeste; Norte; Nordeste; Leste e Sudeste, pautando-se por critérios territoriais, administrativos e populacionais - 1968.

tura Municipal de Suzano. Como os referidos dados não foram coletados em anos coincidentes, surgiram problemas nas sua interpretação, razão pela qual serviram apenas para a elaboração de uma listagem das indústrias do município, dos respectivos endereços e da mão-de-obra ocupada. Devido a pouca adequação dos informes obtidos, em face aos objetivos do trabalho, houve necessidade de realizar uma pesquisa direta, constituída de três etapas.

- Aplicação de questionários às indústrias

Embora uma amostra estratificada por tamanho e gênero da empresa tivesse sido planejada, baseada na listagem apresentada pelo cadastro da Prefeitura (95 empresas) não foi possível ter acesso a certos empresários ou assessores. Desse modo, levantamos os dados apenas das 31 empresas que nos abriram as portas. Apesar de não atendermos aos critérios pré-estabelecidos pela amostra, foi possível entrevistar os empresários das indústrias que absorviam os maiores contingentes de trabalhadores. O inquérito destinado às indústrias continha questões que visavam a caracterização da atividade industrial em Suzano e a avaliação da capacidade que as empresas tinham de absorver a mão-de-obra local e dos demais municípios.

- Elaboração de amostragem sobre a mão-de-obra empregada nas indústrias e aplicação de questionários

Após constatarmos o número de empregados residentes em outros municípios, pudemos estabelecer a amostragem que seria válida para caracterizar essa população trabalhadora. Foram fixados os tetos mínimo e máximo: nas empresas que tivessem até 10 empregados residentes em outro município, todo o pessoal deveria responder aos questionários; na empresa de maior número de trabalhadores não residentes em Suzano foi estabelecido o teto de 60. Isto foi colocado em um gráfico

para que fosse encontrado o número de empregados a serem entrevistados nas indústrias intermediárias: no eixo da abscissa, o número de questionários e no eixo das ordenadas, o número de empregados.

Foram, no total, aplicados 251 questionários, abrangendo as diferentes categorias funcionais do pessoal ocupado, com o fim de compreender as características dessa parcela da força de trabalho e principalmente a sua mobilidade dentro da cidade e da "bacia de captação de mão-de-obra", constituída pelos municípios da Sub-Região Leste da Grande São Paulo .

- Elaboração de amostragem domiciliar na área urbana de Suzano e aplicação de questionários

A pesquisa junto aos domicílios foi a que apresentou maiores problemas. Como é basicamente de natureza urbana, foram selecionados apenas os setores censitários urbanos utilizados pela Fundação IBGE, para o Censo de 1970, e aqueles núcleos considerados urbanos pela Prefeitura de Suzano, de acordo com a lei municipal de 1971. A divisão censitária apresenta a planta de cada setor, acompanhada dos seguintes dados: total das pessoas recenseadas por sexo; número de prédios ocupados, fechados ou vagos. Os setores censitários foram delimitados em uma planta geral da área urbana, na escala de 1: 4000, 1967. Para cada unidade foram sorteados 10% dos quarteirões e 20% das casas existentes em cada um.

Cabe observar que 2/3 dos questionários foram respondidos por mulheres, as quais em muitos casos eram pessoas de baixo nível de instrução, que não tinham informações precisas sobre o marido e os filhos. Muitas das variáveis tiveram que ser anuladas devido à imprecisão das respostas.

Como pretendíamos que o chefe da família fosse a pessoa entrevistada, o elenco de questões elaborado foi deta-

lhado e refinado, principalmente no que concerne às suas origens, ao tempo de permanência no município, ao trabalho realizado nos últimos 10 anos, às condições da casa, da família, às suas expectativas de vida e formas de lazer. No entanto, como os homens dificilmente foram encontrados e pela dificuldade de retornar várias vezes aos domicílios, nos vimos na contingência de utilizar os questionários com observações incompletas. Como consequência, a análise dos dados na parte correspondente à família assumiu importância, por oferecer maior número de observações válidas.

Este questionário, aplicado em 219 residências, permitiu o levantamento das pessoas engajadas nos mais diferentes setores de atividades de Suzano e dos demais municípios da Grande São Paulo, assim como a caracterização sócio-econômica das famílias entrevistadas.

Na análise dos dados, sempre que possível, fizemos a comparação entre as duas amostras: a domiciliar e a obtida via indústria. Para as variáveis incluídas na pesquisa e que possuíam dados similares nos Censos de 1970, foram possíveis comparações interessantes em diferentes aspectos que complementaram a análise da pesquisa direta.

Além da pesquisa sistemática, as entrevistas feitas com pessoas das mais diferentes categorias foram de grande valia para o conhecimento de Suzano e de seus problemas.

Bases bibliográficas

Os recursos bibliográficos disponíveis para o estudo da área que nos propusemos são relativamente precários, no campo específico do objetivo central do trabalho. No entanto, existem referências úteis e publicadas há algumas dezenas de anos em diversos trabalhos geográficos e históricos, sobre

tudo do tempo em que Suzano ainda pertencia ao município de Mogi das Cruzes. Destaca-se nesse sentido o trabalho pioneiro de Aroldo de Azevedo, referente aos Subúrbios Orientais de São Paulo, em 1945, que deu início a outros estudos sérios sobre os subúrbios no Brasil, o qual, embora não tenha abrangido Suzano, deixou bases para a compreensão da infra-estrutura suburbana situada entre São Paulo e Mogi das Cruzes.

Outra obra importante para a compreensão da expansão radial-concêntrica da Grande São Paulo foi a "Cidade de São Paulo", publicada em 1958, em 4 volumes, escrita por geógrafos do Departamento de Geografia da USP, onde no volume IV é retomado o estudo dos subúrbios paulistanos, dando uma visão panorâmica da área suburbana e dos diferentes tipos de subúrbios: residenciais, industriais e agrícolas.

Em Mogi das Cruzes, Isaac Grinberg considerado como o historiador da cidade, entre outros livros publicou a "História de Mogi das Cruzes" (do começo até 1954). Embora seja um enfoque em forma de efemérides foi importante auxiliar na compreensão dos problemas enfrentados pela região de Mogi das Cruzes no momento da derrocada do café, iniciada no Vale do Paraíba na segunda metade do século XIX, e tendo o seu "xeque-mate" em 1930.

Como subsídios para a compreensão geral da estruturação da Grande São Paulo foi de muita valia o estudo feito por Langenbuch (1971) que tomou como base a expansão e intensificação da rede de transporte urbano para estabelecer os principais eixos e pólos da Grande São Paulo e uma tipologia dos subúrbios.

Recentemente, foi realizado por uma companhia de planejamento, através de um grupo de pesquisadores de diversas áreas, um diagnóstico e planejamento para 1975 e 1990, encomendado pela Prefeitura de Suzano ao escritório Neves & Pao

gliello Sociedade Civil Limitada, 1971. Trata-se de um trabalho que foi baseado nos estudos feitos pelo GEGRAN e que, entre outras coisas, apresenta contribuições relacionadas com as projeções calculadas a partir do crescimento populacional de Suzano nas décadas de 50 e 60.

Após a identificação da área, feita através dos estudos mencionados, procuramos obras que teorizassem sobre o processo de industrialização no Brasil, a partir de 1950 e sobre as migrações internas.

Com referência à industrialização podemos dar relevância, entre muitas outras obras lidas, às seguintes:

"A industrialização de São Paulo", de Warren Dean - 1971; "Estrutura e Expansão da Indústria em São Paulo", José Carlos Pereira - 1967; "Estado e Planejamento Econômico no Brasil", Octavio Ianni - 1971; "Industrialização e Concentração Econômica em São Paulo", Henrique Rattner - 1972; "Desenvolvimento Econômico e Evolução Urbana", Paul Israel Singer - 1968.

Em relação às migrações internas foram de especial valia os trabalhos do CEDEPLAR, "Migrações Internas e Desenvolvimento Regional", volumes I e II - 1973 e "Migrações Internas no Brasil, aspectos econômicos e demográficos", Milton da Mata e outros - 1973.

Ainda uma outra linha de pesquisa bibliográfica teve voltada para a análise da força de trabalho no Brasil. Nessa área de estudo foram relevantes as leituras dos livros e capítulos de diversas obras de Paul Israel Singer e o trabalho de Helga Hoffmann, "Desemprego e Subemprego no Brasil" - 1977.

SUZANO; bases históricas

Embora o processo de suburbanização tenha ocorrido em toda a Grande São Paulo, foi diferente de município para município porque a nova estruturação está ligada às condições apresentadas pela estrutura econômica pré-existente, pela distância horária em relação à Capital e pela acessibilidade aos principais eixos viários e ao porto de Santos. Desse modo, cada unidade urbana da Grande São Paulo apresenta problemas diferentes de organização e reorganização do espaço. Vamos neste capítulo tentar apresentar a posição de Suzano em relação à porção mais urbanizada e industrializada do País, isto é, a Grande São Paulo.

Suzano, situada na periferia de São Paulo, na Sub-Região Leste, a aproximadamente 38 km da Capital, no alto Vale do Rio Tietê, desde 1948 constitui-se num município autônomo de Mogi das Cruzes. (1) No entanto, deve-se ressaltar que até a década de 50, o seu desenvolvimento urbano esteve vinculado ao da cidade de Mogi das Cruzes. Mesmo na atualidade o

(1) A emancipação político-administrativa resultou de um plebiscito ratificado pela Lei estadual nº 233, promulgado pelo Governo do Estado, a 24 de dezembro de 1948.

Desenvolvimento urbano-industrial de ambos os municípios é complementar, não só pela contiguidade (15 minutos de centro a centro) como pela evolução da vida das duas áreas desde os tempos coloniais e pela posição que ambos ocupam na hierarquia urbana do Estado de São Paulo. De acordo com a "Divisão do Brasil em Regiões Funcionais Urbanas", (2) Mogi das Cruzes inclui-se na categoria de centro 4, isto é, centro local diretamente vinculado à Metrópole paulista, enquanto Suzano, conforme o mesmo trabalho estaria subordinada à Mogi das Cruzes.

Não resta dúvida que classificações gerais como essa, quando avaliadas através de pesquisa empírica e à luz de observações qualitativas, apresentam distorções muito significativas. É discutível a inclusão de Suzano ao lado de municípios como Biritiba Mirim, Salesópolis e Guararema, que não apresentam concentração industrial, e onde a atividade agrícola é predominante.

Até a década de 50, Suzano também tinha na agricultura seu principal ramo de atividade, quando integrava o cinturão verde da cidade de São Paulo, fornecendo produtos hortifrutigranjeiros também para o então Distrito Federal.

Após essa década transformações importantes ocorreram na vida de Mogi das Cruzes e de Suzano tornando essas cidades industrializadas e tendo os respectivos desenvolvimentos comandados pela Capital paulista. Note-se que ainda hoje, apesar de toda a fragmentação do cinturão verde, esses dois municípios continuam a ser importantes para o abastecimento da Metrópole devido à elevada produtividade de sua agricultura comercial.

(2) "Divisão do Brasil em Regiões Funcionais Urbanas", da Fundação IBGE, que usou como fonte o questionário CNG / IPEA, preenchido pelos Agentes Municipais de Estatística, Mogi das Cruzes, em 1966.

Da decadência do ciclo dos muares à instalação das rodovias.

A gênese do núcleo urbano de Suzano está intimamente relacionada ao fenômeno da estruturação ferroviária que pretendia ligar a cidade de São Paulo e o porto de Santos às áreas cafeeiras do interior da Província. Isto ocorreu no último quartel do século XIX, quando as transformações nos arredores de São Paulo começam a ter ritmo mais acelerado de crescimento. O papel econômico da cidade de São Paulo no Brasil Sudeste, fruto da importância da cafeicultura e da presença de imigrantes europeus, vai ser responsável pela estruturação dos transportes que visam articular melhor o centro de negócios com as áreas agrícolas, que a cada ano mais se distanciam. Até esse período não se pode falar em metropolização, pois, o desenvolvimento interno da cidade ainda não se realizara. Contudo, é digna de destaque a função comercial da cidade que vai promover a organização interna de seu espaço e estabelecer importantes e decisivas diretrizes, condicionantes da futura organização de sua periferia, com a definição de eixos, pólo e sub-pólos. (3)

Enquanto isto ocorria na Capital, as terras, onde mais tarde iria se constituir o município de Suzano, eram atravessadas por tropas de muares que se dirigiam à Capital paulista, ao porto de Santos ou, ainda, para o Vale do Paraíba. Estabeleceram-se alguns pousos de tropas ao sul no atual município, na área de colinas, no caminho para o alto da Serra do Mar, aproximadamente onde hoje se encontra a ro

(3) Juergen Richard Langenbuch; "A estruturação da Grande São Paulo, Fundação IBGE. Rio de Janeiro, 1971, p. 78.

dovia Suzano-Ribeirão Pires.

Na margem esquerda do rio Tietê, entre os Rios Guaió e Taiapuêba, havia terrenos planos constituídos de terraços fluviais e planícies que se alargavam na confluência dos rios, formando várzeas alagadas de difícil travessia, como assinou Saint Hilaire no relato de sua viagem à província de São Paulo. As tropas somente passavam pelas várzeas quando não havia outra opção. Até o século passado a área descrita era conhecida por "Campos de Mirambava", que já fora desbravada, desde o início da colonização do planalto, por predadores de índios; bandeirantes a caminho das Gerais; garimpeiros e milícias.

Essa região que era recoberta por matas, começou a ser devastada com a chegada da Estrada de Ferro do "Norte" de onde eram extraídos os dormentes e lenha necessários à construção da ferrovia. Estabeleceu-se aí um ponto de embarque de lenha para a estrada, que recebeu o nome de Piedade.

A instalação da ferrovia, em 1875, depois Central do Brasil, linha tronco, vai ser um agente orientador da reorganização do espaço de Suzano, provocando a decadência do transporte feito por muares que havia constituído certos pousos na porção sul, a exemplo do núcleo do Baruel.

A ferrovia em Suzano foi instalada no contacto entre o terraço fluvial e a planície do rio Tietê, diferentemente do que ocorreu com a área atravessada pela linha tronco até Poá, estação anterior à de Suzano, em que a ferrovia foi instalada mais distante do Tietê, na área de colinas terciárias da bacia sedimentar de São Paulo.

As terras de Suzano foram divididas pela ferrovia em duas porções distintas: a grande várzea do Tietê, ao norte, imprópria para a instalação de um núcleo urbano e, ao sul um terraço fluvial relativamente amplo, de terras enxutas, ade-

quando à implantação de um aglomerado urbano.

Ao ser instalada a ferrovia, já estava prevista a construção de uma estação ferroviária em Mogi das Cruzes e ainda não se cogitava da construção de uma parada de trens em Suzano. Mogi das Cruzes foi deliberadamente escolhida devido à existência de uma cidade, com vocações definidas e população relativamente grande para a época. (4) Constituía a única área do eixo leste que apresentava expressivo desenvolvimento ligado à agricultura comercial de exportação.

Suzano, nessa época, desenvolvia uma agricultura de subsistência e apresentava terras incultas do tipo descrito por Juergens ao caracterizar o cinturão caipira dos arredores de São Paulo. (5)

Durante a construção da ferrovia estabeleceu-se na área um funcionário da estrada de ferro, o português Antonio Marques Figueira, no que foi seguido por um seu irmão. Tornaram-se proprietários de terras e abriram caminho para a entrada de outras famílias. Formou-se, então, nos lados da ferrovia, um povoado de casas dispersas.

Os irmãos Marques e outros proprietários doaram uma área, ao sul da ferrovia, para fundar a Vila de Concórdia, tendo como padroeiro São Sebastião. Sua fundação deu-se a 11 de dezembro de 1890. Tinham certo senso do planejamento urbano, pois escolheram terraços fluviais para a instalação da vila em terras planas, a salvo das inundações periódicas; contrataram pessoas de gabarito para traçar a planta do aglomerado, o conde de Romariz. As ruas orientadas na direção norte-sul (ruas de sombra) foram dedicadas ao comércio, enquanto

(4) A população de Mogi das Cruzes em 1874 era de 11 460 habitantes, segundo Apontamentos de Manoel Eufrazio de Azevedo Marques, citado na Cidade de São Paulo, Vol. IV.

(5) Langenbuch, obra supra citada, p. 76.

as destinadas às residências eram orientadas na direção leste-oeste (ruas de sol). As ruas apresentavam um traçado em tabuleiro de xadrez, permitido pelo relevo do sítio. A vila passou a ser conhecida por Guaió.

Logo no ano seguinte os habitantes do local se depararam com um problema bastante sério ligado à criação da estação ferroviária em Guaió. No entanto, o engenheiro da estrada de ferro, Dr. Joaquim Augusto Suzano Brandão, interfeuiu junto à administração da ferrovia, que neste momento já fora encampada pelo governo republicano e se constituíra na Central do Brasil. (6) Em 1891, a vila passou a contar com uma estação ferroviária, constituindo mais um povoado-estação dentre os muitos que se formavam no cinturão caipira da cidade de São Paulo. (7) Somente em 1908, a vila passou oficialmente a ser chamada de Suzano, em homenagem ao engenheiro acima mencionado.

A parada de trens em Suzano permitiu a valorização das terras, e os imigrantes portugueses, seguidos por italianos e brasileiros, puderam desenvolver a agricultura comercial, devido à presença de destacado mercado consumidor, que a cada ano tornava-se maior, representado pela cidade de São Paulo, a uma distância horária de pouco mais de 1 hora. Portanto, já antes da entrada do imigrante japonês, a área de Suzano, além da agricultura de subsistência, se caracterizava por uma atividade agrária especificamente voltada para o

(6) Affonso A. de Freitas - "Geografia do Estado de São Paulo" cita os seguintes povoados-estação surgidos no final do século: Pirituba; Taipas (Jaraguá); Perus; Caieiras; Estação Juqueri (Franco da Rocha); Campo Limpo; Várzea (Várzea - Paulista); Itaquera; Lajeado (Guaianazes); Poá; Guaió (Suzano); São Caetano (São Caetano do Sul); Estação de São Bernardo (Santo André); Ribeirão Pires; Rio Grande (Rio Grande da Serra); Alto da Serra (Paranapiacaba); Barueri; e Estação de Cotia (Itapevi); apresentados em Juergens, p. 105.

(7) Suzano-São Paulo-Fundação IBGE Série Monografias, p. 2 e Levantamento da Prefeitura de Suzano para a instalação de Campus Avançado-1973.

abastecimento da Capital paulista e também do Rio de Janeiro. Com a instalação da ferrovia o transporte por tropas de mares perdeu sua importância regional, passando a ter apenas a tuação local,

A cidade de São Paulo, por essa época, ainda não ha via organizado o seu cinturão hortifrutigranjeiro, e o ritmo de crescimento populacional exigia cada vez maiores quantida des de gêneros alimentícios que provinham das áreas mais afas tadas da Capital. Neste contexto, Mogi das Cruzes e Suzano puderam ampliar sua agricultura comercial, mesmo antes da fi xação do imigrante japonês na área.

Suzano transformou-se em distrito de Mogi das Cru zes, em 1920, quando contava com 2 707 habitantes, o que re presentava a maior população dentre os distritos de Mogi das Cruzes surgidos na época.

A partir da década de 20, passaram a se fixar em Suzano os imigrantes japoneses que também se dedicaram à a gricultura comercial, a qual foi amplamente desenvolvida pe la introdução de novos produtos, técnicas apuradas, praticamen te de jardinagem e comercialização através de cooperativas. Não se pode precisar a natureza das transformações específi cas que ocorreram em Suzano até a sua emancipação político-ad ministrativa, porque as informações aparecem globalizadas, po dendo-se apenas analisar o que acontecia com o município de Mogi das Cruzes como um todo. Nesse período o município de Mogi das Cruzes era muito maior do ponto de vista território, abrangendo Poá, Suzano, Itaquaquecetuba, Biritiba Mirim e Fer raz de Vasconcelos.

EVOLUÇÃO DOS DESMEMBRAMENTOS DO MUNICÍPIO DE MOGI DAS CRUZES
1940-1967

1940	1950	1960	1967	
MOGI DAS CRUZES	MOGI DAS CRUZES	MOGI DAS CRUZES	MOGI DAS CRUZES	
			BIRITIBA MIRIM	
		ITAQUAQUECETUBA	ITAQUAQUECETUBA	
	SUZANO	SUZANO	SUZANO	
	POÁ	POÁ	POÁ	POÁ
			FERRAZ DE VASCONCELOS	FERRAZ DE VASCONCELOS

Extraído de Juergen Richard Langenbuch - 1971
"A estruturação da Grande São Paulo", p. 229.

Para a compreensão do tipo de organização que ocorreu na região há necessidade de identificar, mesmo superficialmente, as relações de Mogi das Cruzes com as áreas cafeeiras do interior de São Paulo, que sofreram o impacto da crise cafeeira de 1930 e o fenômeno da metropolização, a partir da cidade de São Paulo. Em relação às áreas do interior de São Paulo, cuja liberação da mão-de-obra refletiu-se na vida dos núcleos urbanos, destaca-se a Região do Vale do Paraíba, com a qual mantém importantes ligações econômicas e populacionais, desde a época colonial. Essas relações são bem evidentes na vida de Mogi das Cruzes, a ponto de Isaac Grinberg considerá-la como integrante do Vale. Se do ponto de vista de localização e de condições físicas as duas são muito diferentes, o mesmo não se pode dizer dos respectivos desenvolvimentos econômicos, pois Mogi das Cruzes foi, no século passado, área de expansão natural da economia cafeeira ,

que se deu no sentido Rio-São Paulo.

Mogi das Cruzes e Suzano, até o início do século, estavam integradas na denominada "Zona Norte" do Estado de São Paulo, que teve, em meados do século passado, o apogeu da economia cafeeira.

A análise de alguns dados apresentados por Sérgio Milliet sobre a economia cafeeira em São Paulo serve como auxiliar na compreensão do papel representado por Mogi das Cruzes, principalmente após a década de 1930,

Em 1836, para uma produção total de 590 066 arrobas, a "Zona Norte" da Província participou com 86,5%. Em 1886, quando a produção total alcançava 1 036 639 arrobas, o percentual de participação da "Zona Norte" era de apenas 20%. No início do século XX, a participação caiu para 5% e acabou completamente em 1935, com 1,7%. (8)

Ora, não é novidade que a decadência do café refletiu-se diretamente na vida dos campos porque liberou mão-de-obra para as cidades e diminuiu o movimento de negócios nos centros urbanos que floresceram com a economia cafeeira. Se isto pode ser válido por algum tempo para o Vale do Paraíba, não é contudo, um processo simples de ser analisado por envolver diferentes formas de desenvolvimento do capital, onde a acumulação apoia-se no crescimento extensivo da produção. (9)

Com a crise da década de 30, os grandes centros como São Paulo e Rio de Janeiro passaram a ser procurados por importante parcela da população liberada da força de trabalho do Vale do Paraíba e de outras regiões do Estado. As cidades

(8) Sérgio Milliet, "Roteiro do café e outros ensaios, São Paulo, 1941, citado por José Ribeiro de Araújo Filho, Boletim Paulista de Geografia, nº 23.

(9) Sérgio Silva, Expansão cafeeira e origens da indústria no Brasil - 1976, p. 76.

médias, ou que na época funcionavam como pólos ou sub-pólos, também sofreram o fenômeno da imigração, Mogi das Cruzes surgiu como um pólo secundário de certa importância na atração da população migrante do Vale, quer seja como um estágio ou escada para alcançar São Paulo, quer seja absorvendo e fixando os migrantes.

Em Mogi das Cruzes se iniciava, embora de forma incipiente, o processo de industrialização com base na existência de uma burguesia detentora de capitais; na matéria-prima existente na região e na presença de mão-de-obra recentemente saída dos campos. Tais trabalhadores e sobretudo estrangeiros abandonavam as fazendas ao fim do contrato de 1 ano para procurar novas plantações ou as cidades. (10) Houve então condições para que se expandissem as indústrias tradicionais de alimentos, bebidas e têxteis.

A migração para a região deve ter contribuído para estimular a indústria, oferecendo aos industriais mão-de-obra abundante e barata, tanto para a construção das fábricas como para o trabalho ligado à produção.

Nas primeiras décadas do século XX, Mogi das Cruzes procurou se desenvolver à custa da indústria, apoiada em capitais locais, de proprietários rurais, e do incentivo que o poder público local oferecia aos empresários paulistas que quiseram lá se instalar.

Nas primeiras décadas do século XX a circulação rodoviária ainda apresentava papel secundário na ligação entre a cidade de São Paulo e os núcleos urbanos de seus arredores. Este tipo de circulação somente se tornou de vital importância na década de 1950. Antes disso era um meio de transporte complementar, contribuindo parcialmente para o desenvolvimento suburbano já desenvolvido nas faixas ferroviárias.

(10) Sérgio Silva, obra supra citada, p. 51.

rias.

Os principais eixos rodoviários se irradiavam da Capital paulista. Inaugurou-se, na direção do Vale do Paraíba, em 1922, a rodovia São Paulo-Rio, passando por São Miguel Paulista, Suzano e Mogi das Cruzes e se prolongando até Jacareí. Em Suzano, o eixo rodoviário passou quase paralelamente ao ferroviário, o que não contribuiu para novas opções nos padrões de localização já existentes. O núcleo urbano permaneceu "amarrado" à estação ferroviária.

- III -

A atividade industrial em Suzano

- Localização industrial na Região de Mogi das Cruzes
- Localização industrial em Suzano
- A concentração industrial
- A mão-de-obra na indústria

A localização de indústrias na região de Mogi das Cruzes, nas duas primeiras décadas do século atual, somente pode ser entendida dentro da problemática do início da industrialização no Brasil. A indústria desenvolveu-se no País muito desigualmente e com forte tendência a se concentrar nas regiões produtoras de café, da qual Mogi das Cruzes era parte integrante.

Desde o início da produção de café houve a acumulação de capital. No entanto, só a partir de 1880, quando o desenvolvimento do capitalismo no Brasil, conduziu à ruptura das forças de acumulação baseadas no trabalho escravo - características da economia colonial - e a passagem para o trabalho assalariado é que as transformações econômicas e sociais se fazem sentir no País, partindo para novas formas de capitalismo muito mais eficientes em termos de acumulação. É neste contexto que surge a indústria e que assume importância vital o trabalho assalariado dos imigrantes estrangeiros.

Dentro do desenvolvimento do capitalismo propiciado pela economia cafeeira e a passagem para o trabalho assalariado incluem-se o desenvolvimento das estradas de ferro , a rede bancária, o comércio de exportação e importação e, inclusive, certa mecanização relacionada ao beneficiamento da produção. (1)

Logicamente, Mogi das Cruzes participou de toda essa evolução do capitalismo. Na região somente se verificou um certo surto industrial, no final da década de 1900-1910. Antes disso, o que existia era a produção ligada ao beneficiamento de produtos agrícolas nas propriedades rurais, como a fabricação de vinho, de cestaria, curtumes, etc. Nessa década é que a unidade de produção passou a se localizar na cidade, com aumento do número de trabalhadores assalariados, onde o proprietário não mais se ocupa diretamente da produção e a sua subsistência e o crescimento da empresa não dependem diretamente do seu trabalho. A fábrica localizada na cidade transformou-se na unidade de produção eminentemente capitalista.

A Câmara Municipal de Mogi das Cruzes, em 1909, no sentido de fomentar a instalação de indústrias no município, cedia terrenos para os industriais que o desejassem, concedendo isenção de impostos por 10 anos. Nesta época o governo municipal já começava a compactuar com os industriais no sentido de aumentar a arrecadação municipal e dinamizar a vida da cidade, pois Mogi das Cruzes necessitava de infraestrutura urbana: água, esgoto, calçamento, tudo ainda estava por fazer. Não se sabe até que ponto o desejo de atrair indústrias estava vinculado às necessidades de obras urbanas básicas ou aos interesses de defender a própria classe dominante da cidade (fazendeiros e donos de indústrias ligadas à

(1) Sérgio Silva, Expansão e origens da indústria no Brasil-1976, pp. 77-83.

alimentação, ao couro e cerâmica; que tinha nas mãos o poder administrativo do município.

Industriais e políticos de Mogi das Cruzes convidaram empresários de São Paulo para instalarem suas indústrias na cidade, exaltando as vantagens de que poderiam usufruir, principalmente, em relação aos seguintes aspectos: "operários ordeiros, terrenos grátis, isenção de impostos, água abundante, etc." Além de informar sobre a construção, baratíssima. (2)

A análise do crescimento populacional de Mogi das Cruzes revela que a população entre 1886 e 1900 sofreu decréscimo de -1,5% a.a., talvez como resultado do surto urbano-industrial da Capital paulista, que certamente atraiu migrantes dos arredores de São Paulo. No período seguinte de 1900 a 1920, Mogi das Cruzes apresentou um crescimento geométrico, de 3,15% a.a. A participação de estrangeiros que no período anterior era pequena passou a ter posição de destaque, a partir de 1900.

Esses dados nos mostram que a mão-de-obra existente em Mogi das Cruzes era abundante e já contribuía para que o município pudesse desenvolver-se dentro das novas formas capitalistas vigentes no País desde 1880.

Na década de 1910 entraram em funcionamento inúmeras indústrias têxteis, de algodão e seda, e de minerais não metálicos. O Poder Público local e a população colaboravam no sentido de atrair indústrias: o primeiro fornecendo certas facilidades e o segundo, constituindo com o seu trabalho, mão-de-obra abundante e barata. (3)

(2) Isaac Grinberg, "História de Mogi das Cruzes" (do começo a 1954). Em 1872 havia 9 fábricas de vinho; 2 curtumes; 2 olarias e 1 fábrica de cerveja. Na cidade havia 110 casas comerciais.

(3) Isaac Grinberg, Obra supra citada.

O prosseguimento da industrialização de Mogi das Cruzes a partir dessa década não era mais comandado pela própria cidade, mas sim pelas decisões tomadas no âmbito da Capital pelos grupos nacionais e estrangeiros que se organizaram no sentido de investir nessa atividade.

Quando esse comando mudou de direção é que Suzano passou a ser requisitada pelos mesmos grupos econômicos para o desenvolvimento da atividade industrial. Antes da década de 50, segundo informações de antigos moradores da área, Suzano destacava-se por sua produção agrícola, apresentando importantes áreas de produção, entremeadas por indústrias e olarias de pequena rentabilidade.

Localização industrial em Suzano

A intensificação do processo de industrialização em Suzano é recente (década de 50) e se fez por empresas de dimensões relativamente grandes, capazes de mobilizar elevado capital inicial.

Esse processo coincidiu com a fase de expansão industrial do Estado de São Paulo, que não se destacava do ponto de vista quantitativo, mas apresentava importantes transformações qualitativas: as novas indústrias instaladas eram bastante automatizadas e as antigas sofreram ampliações e adquiriram novos equipamentos, fator de fundamental importância no aumento da produção, então verificado. Nesse momento houve entrada maciça de capital estrangeiro. Certos grupos econômicos estrangeiros dominaram setores industriais que proporcionaram altos lucros, com significativas remessas para o exterior, a exemplo da Hoechst do Brasil, indústria quí

mica farmacêutica.

For que tais empresas deram preferência a Suzano, quando poderiam se beneficiar das facilidades já existentes no município de Mogi das Cruzes?

Para uma indústria, evidentemente a melhor localização é aquela que apresente as maiores vantagens relativas ao ramo particular a ser desenvolvido. Via de regra, a melhor localização é aquela que permite que a empresa cresça e passe a auferir maiores lucros. Este, pelo menos, é o objetivo das empresas que operam num sistema capitalista. Portanto, a grande empresa busca facilidades que, geralmente, já existem na área urbana.

Até que ponto Suzano atendeu, na década de 50, aos objetivos dos empresários para permitir a instalação de várias unidades de produção industrial no município?

Para tal compreensão faz-se necessário um estudo de vários fatores interrelacionados. Esse estudo tornou-se possível devido às entrevistas com os empresários e a análise da natureza dos principais ramos industriais ali instalados.

Em primeiro lugar deve-se lembrar que Suzano era um município novo, que tentava se autoafirmar e, que portanto, necessitava, para isso, de aumentar a arrecadação.

Tal como ocorreu com Mogi das Cruzes, no início do século, também a municipalidade de Suzano proporcionou facilidades à penetração das indústrias, assim como isenção de impostos e doação de terrenos.

Se forem analisados os ramos industriais que se instalaram na década de 50, veremos que os mais importantes estabelecimentos correspondiam ao ramo do Papel e Papelão, representada pela Cia. Suzano de Papel e Celulose, instalada em 1956 e pela Fábrica de Papel Rio Verde, comprada pela pri

meira em 1958; Hoechst do Brasil - Farmacêutica e Hoechst do Brasil Química. Estas quatro indústrias se instalaram em Suzano no curto período de 1956 a 1958. São as mesmas que em 1974, ocupavam a maior parte da mão-deobra empregada e apresentavam o maior valor da produção industrial.

Analisando o local de instalação desses estabelecimentos, às margens da ferrovia e da velha rodovia Rio-São Paulo, em terrenos planos e ainda não tomados pela expansão urbana, pode-se perceber que o fator poluição deve ter influenciado na escolha do local. Constituem indústrias incômodas à população devido ao mau cheiro que desprendem e aos detritos que despejam nas águas fluviais. Pode-se argumentar que na década de 50 o problema poluição ainda não estava em "moda" no Brasil, mas as indústrias aqui instaladas, com tecnologia transplantada dos países industrializados do hemisfério Norte, certamente já previam os problemas a serem enfrentados numa área do País em franco desenvolvimento urbano e industrial. Diferentes organismos já combatiam a poluição nas áreas dos complexos industriais dos Estados Unidos e da Europa, e mesmo no Brasil havia, já, algumas disposições legais a respeito, se bem que um tanto genéricas e, em alguns casos, com área restrita de aplicação (ex. o Código de Obras de Arthur Saboya).

No entanto, a localização em Suzano não privou as empresas do usufruto das economias externas já existentes:

- Energia - havia em abundância, fornecida pela Light;
- Eixos viários - estavam instalados já há algum tempo: a Estrada de Ferro Central do Brasil desde o século passado e a velha Rodovia Rio - São Paulo, desde quando, neste século, o automóvel, caminhão e ônibus passaram a substituir e a competir com o trem;

- O maior mercado consumidor - dessas indústrias era sem dúvida São Paulo, seguida de perto pelo Rio de Janeiro, que ainda usufruía do fato de ser o Distrito Federal, onde se concentrava toda a máquina administrativa do País;

A existência de dois aglomerados urbanos bem próximos, (Suzano e Mogi das Cruzes) com possibilidade de fornecer mão-de-obra abundante e barata, utilizando-se de meios de transporte bastante precários, mas a baixo custo. Não se pode esquecer que a Central do Brasil nunca se auto-sustentou, devendo sempre receber subvenções do Governo Federal, o que, entre outros fatores, contribuiu para a formação da "bacia de captação da mão-de-obra".

Outros fatores ainda podem ser citados, tais como: a existência de terrenos baixos e relativamente planos e enxutos, correspondentes aos terrenos fluviais, cortados transversalmente pelos afluentes do rio Tietê, sem atravessarem zonas urbanizadas ou agrícolas com adensamento de uso. Isto se revestia de certa importância porque as fábricas puderam lançar os dejetos diretamente nos rios sem grandes problemas de poluição. As áreas compradas pelas empresas ou obtidas através de doações sempre foram bem maiores do que as necessidades da época, o que permitiu que no decorrer das décadas seguintes, quando o custo da terra já era bem maior elas pudessem, sem maiores problemas, ampliar suas instalações.

Outras áreas do município foram escolhidas para a instalação de indústrias, porém sempre distanciadas da área de urbanização mais compacta.

Das indústrias pesquisadas somente uma havia se instalado na rodovia Ribeirão-Pires-Suzano (Indústrias Químicas Cubatão Ltda, pequena fábrica produtora de sulfato de alumínio), quando a área era eminentemente rural e a estrada não

era asfaltada. Outra área de escolha foi a margem direita do rio Tietê, próxima à divisa de Poá, onde se localizou a fábrica de papel Rio Verde.

Das 31 indústrias pesquisadas, 32,3% instalaram-se durante a década de 50, fase de grande desenvolvimento industrial, consolidando-se como principal eixo fabril os terrenos servidos pela Estrada de Ferro Central do Brasil e rodovia Rio-São Paulo. Também no interior da área urbanizada surgiram pequenas fábricas.

De acordo com a pesquisa, parece ter havido, na década de 60, um refluxo no crescimento da atividade industrial em Suzano, pois apenas 16,1% das unidades pesquisadas foram instaladas nessa época. No entanto, diversas fábricas pequenas se implantaram na época, mas devem coincidir com aquelas que negaram informações ou deixaram de existir. Entre as indústrias instaladas surgiram dois importantes gêneros industriais relacionados à demanda do mercado consumidor urbano que se desenvolve no Sudeste: o das têxteis, e o de minerais não metálicos, as últimas representadas pelas cerâmicas e indústria de vidros. É o caso da indústria Têxtil Tsuzuki Ltda; Tinturaria e Estamparia de Tecidos Suzano S/A; Vidros Corning do Brasil (bulbos de TV; Produtos de laboratório; lentes oftálmicas). Essas indústrias se localizaram, na década de 60, no principal eixo industrial constituído na década anterior. No eixo da Estrada de Ribeirão Pires instalou-se a Cerâmica Gyotoku, com capital de brasileiros descendentes de japoneses, radicados em Suzano há várias décadas. Desponta assim o segundo importante eixo industrial do município em área rural cujas vantagens para a indústria são evidentes, por manter ligações com o alto da Serra e através desta com o ABC e com o porto de Santos. O asfaltamento da rodovia, em meados da década de 50, serviu para atrair industriais, principalmente os da própria área, que conseguiram

excedentes de capital, fruto do desenvolvimento da agricultura comercial. No entanto, esse eixo não apresenta, ainda, as mesmas facilidades do mais antigo eixo localizado nas margens da ferrovia e rodovia que ligam o Rio de Janeiro à cidade de São Paulo. Na década de 1970 vários problemas existiam em relação a esse eixo: era difícil o acesso da mão-de-obra às fábricas; era constante a falta de energia elétrica e o serviço telefônico praticamente inexistente.

Das 31 empresas pesquisadas, 10 localizavam-se no eixo de Ribeirão Pires, portanto correspondendo a um percentual de 32,3%. O percentual seria mais elevado ainda se as demais indústrias ali instaladas tivessem fornecido os dados

No que se refere à tentativa de obtenção de dados, o caso de uma indústria localizada no eixo de Ribeirão Pires, ilustra bem um dos tipos de dificuldades que o pesquisador encontra no trabalho de campo. A direção da ManiKraft de papel ali localizada, recusou-se a responder ao questionário, apesar de toda a nossa insistência. A justificativa para a recusa prendia-se a aspectos diversos: já haviam tido sérios problemas com outra empresa fabricante de papel higiênico, o que resultou na perda de parcela importante no mercado consumidor; estranharam o conjunto de questões relativas aos japoneses e descendentes, porque sabiam do grande interesse das empresas de capital japonês e multinacionais de penetrar em alguns dos setores de crescente produtividade da indústria brasileira, tal como o representado pela indústria do papel; o último motivo, relacionava-se com as questões referentes à mão-de-obra. Afirmou ter grandes problemas na contratação e fixação do operariado. De acordo com a direção as pessoas chegavam sem experiência alguma e depois de adquirirem certo gabarito deixavam o emprego para trabalhar em outra empresa, melhor localizada ou que oferecesse salários mais altos.

Apesar de não dispormos de dados da empresa, as justificativas da recusa forneceram subsídios para que fossem identificados alguns problemas relacionados ao eixo da Suzano-Ribeirão Pires, e ao mesmo tempo, a oportunidade de notar como os empresários menores, mas em ramos importantes, temem a concorrência das empresas de grande porte, instaladas em áreas mais favorecidas do ponto de vista locacional, para o acesso dos trabalhadores.

Na área central da cidade também existem muitas pequenas fábricas que sistematicamente se recusaram a dar informações. No entanto, face ao crescimento urbano verificado é de se supor que muitas empresas mais tenham aí se instalado nessa década, tal como ocorreu com as duas gráficas incluídas na amostragem.

Das empresas pesquisadas, 51,6% instalaram-se no período de 70-74. Os gêneros industriais predominantes referem-se às indústrias têxteis e de minerais não metálicos, principalmente as cerâmicas.

Esse é o período em que a concentração industrial se intensifica, havendo investimentos provenientes de diferentes origens: quer sejam locais, nacionais ou internacionais.

Constitui-se uma nova fase do desenvolvimento industrial, quando a estrada de Suzano-Ribeirão Pires passa efetivamente a se tornar um eixo de grande importância pelo número e porte dos estabelecimentos industriais, e pelas ampliações efetuadas.

Os terrenos que até essa década eram ocupados pela atividade agrícola passaram a ter essa ocupação substituída por importantes áreas industriais, com melhoramentos efetuados pelo Poder Público local.

Poderosos grupos econômicos multinacionais e, pro

vavelmente, grupos japoneses menores ingressaram no processo de desenvolvimento industrial de Suzano. Indústrias radicadas em São Paulo e no ABC transferiram suas unidades para Suzano, "fugindo" dos diferentes tipos de congestionamento, das desapropriações e do alto custo da terra. Famílias do local que conseguiram acumular capitais à custa do trabalho agrícola passaram a investir na atividade industrial, principalmente nas cerâmicas. Pequenos proprietários de terras, na zona rural, associaram-se a pessoas da cidade e instalaram pequenas fábricas de blocos.

Na nossa convivência com a área, verificamos que proliferava este tipo de indústria, embora persistissem as olarias nas várzeas dos afluentes e subafluentes do Tietê, cujos donos jamais foram encontrados no local, o que impediu a análise dessa atividade.

No decorrer da pesquisa de campo (1974) muitas empresas industriais estavam em fase de instalação no município de Suzano e segundo informações dos assessores da Prefeitura local, a maioria delas eram constituídas por indústrias de grande porte. A título de informação e para futuras comparações incluímos a relação dessas indústrias e a respectiva localização:

1. Pioner do Brasil - Ind. Com. Ltda.
2. Aparelhos de som de alta capacidade - Estrada de Ribeirão Pires.
Eaton S.A.
Indústria de empilhadeiras e pás carregadeiras - Estrada Ribeirão Pires
3. Indústria Yamazato S.A. - material eletrônico - Estrada Ribeirão Pires
4. Nalco Produtos Químicos Ltda. - Estrada Ribeirão Pires
5. Komatsu FNV - Ind. equipamentos industriais S.A.-Estrada Ribeirão Pires
6. Friopeças - Ind.Com.Ltda. - auto peças - Estrada Ribeirão Pires

7. Kung Fu - Ind. de Produtos Alimentícios Ltda. - Estrada Ribeirão Pires
8. Brasmanco - Ind. Com. Ltda. Estrada Ribeirão Pires (calçados em cortiça e tamancos)
9. Mitutoyo do Brasil - Ind. Com. - Instrumentos de Precisão Ltda. - Estrada Ribeirão Pires
10. Probel S/A. Ind. e Com. Colchões de molas, espuma, móveis estofados, assentos e enostos para veículos.
11. Máquinas Piratininga S.A. Metalúrgica e Máquinas de alta precisão - Rodovia Rio-São Paulo
12. Cerâmica Jaçanã S.A. - Estrada do Rio Abaixo
13. Fábrica de Papel Formosa Ltda. - Estrada do Rio Abaixo
14. Estadela Ventura S.A. Ind. de auto-peças
15. Indústria Metalúrgica Liebau S.A. Máquinas para madeiras e metalúrgica
16. Yorkshire Anilinas do Brasil S.A. Ind. de Produtos Químicos

O eixo da estrada de Ribeirão Pires destaca-se pelo número de empresas que nele estavam se instalando e pela introdução da indústria mecânica, assim como da indústria de material de precisão e eletrônico. É relevante nessa nova fase o papel que o município vai representar em termos de produção de máquina, de auto-peças, de tratores, etc. A indústria de Suzano não mais irá se restringir a apenas três gêneros básicos: celulose e papel, têxtil e química.

No eixo que pode ser considerado como o "antigo", o congestionamento industrial tornou-se grande, o que impediu a instalação de estabelecimentos de grande porte, com exceção das "Máquinas Piratininga". No entanto, ao norte da estação

As indústrias numeradas de 14 a 16 ainda não apresentavam local definido para a instalação.

ferroviária, depois de atravessado o primeiro quarteirão fabril, corresponde à Av. Jorge Ben Maluf, representante dos primeiros industriais sírios-libaneses dedicados aos têxteis, estende-se na várzea da margem esquerda do Tietê, uma área de urbanização ainda frágil, ocupada por famílias de pequena renda. Essa área, em 1974, ainda era desprovida dos serviços básicos de saneamento, e funcionava como expansão da zona industrial mais antiga. Esse eixo sai das proximidades da estação ferroviária em direção ao conjunto residencial do SESC (Serviço Social do Comércio), na porção norte da cidade. Nessa avenida instalaram-se indústrias de porte médio, diversificadas e ocupando áreas relativamente extensas: Termocerâmica São Martinho S.A., que durante a pesquisa passou por problemas não declarados e, a seguir, foi vendida para um grupo econômico norte-americano; Indústria de Papel Formosa Ltda. e NSK do Brasil - Ind. Com. de Rolamentos Ltda., esta última de capital japonês.

Na área central da cidade, onde é grande a densidade de edificações, podem ser encontradas algumas indústrias que, embora no passado estivessem na periferia urbana, em 1974, se encontravam incorporadas pela área de maior urbanização.

Até 1974, havia em Suzano uma grande euforia em relação à ampliação da produção na grande maioria das empresas visitadas. Os empresários locais, previam que as ampliações seriam completadas até 1976. À exceção da Corning do Brasil, cujos assessores mencionaram a existência de um plano de ampliação da produção, plano este que foi abandonado, as demais empresas pretendiam ampliar suas instalações, aumentando a produção e oferecendo maior número de empregos.

Quanto a esse aspecto algumas considerações, no entanto, são necessárias, porque as respostas variaram de acordo com o ramo da empresa, a localização do estabelecimento e

a existência de área ociosa junto à fábrica que permitia ou não a expansão.

A maioria pretendia ampliar suas instalações no próprio município, com exceção de duas indústrias pequenas que optaram pelo município de Poá.

Algumas das fábricas médias e pequenas que estavam localizadas em áreas de expansão urbana, aparecendo ilhadas pelo casario, já tinham adquirido terrenos na zona sul da cidade, na proximidade da saída para Ribeirão Pires; outras deram preferência às novas áreas industriais que estavam se abrindo nas proximidades do Rio Tietê. Entretanto, as fábricas pretendiam ampliar suas instalações em terrenos maiores, localizados nas proximidades do centro.

Para essas indústrias, duas dificuldades básicas se colocavam: encontrar um terreno relativamente grande na área central da cidade e submeter-se a pagar preços bastante elevados devido à extrema valorização dos terrenos bem localizados. Mas tudo isso era preferível a ficar longe do consumidor.

As empresas grandes localizadas no principal eixo industrial da Rodovia Rio-São Paulo, já instaladas em grandes terrenos, não tiveram problemas para se expandirem.

Por outro lado, todas as empresas situadas em terrenos na Rodovia Suzano - Ribeirão Pires puderam facilmente se expandir porque estavam instaladas numa área rural em glebas bastante extensas, ou com a possibilidade de comprar terrenos contíguos, pertencentes aos agricultores.

Assim, a tendência atual é persistir a concentração industrial em Suzano, mas com certo remanejamento do ponto de vista locacional das indústrias, dentro do espaço interno do município, onde se nota a iminência da saída das indústrias ainda localizadas próximas à área central.

O eixo Suzano - Ribeirão Pires assume importância vital, nesse momento, e a estrada que liga a estação ao conjunto habitacional do SESC, área plana próxima do centro e das principais indústrias do município seria a segunda artéria escolhida para a localização industrial.

Esta segunda artéria apresenta vantagens em relação ao acesso para a mão-de-obra porque é servida pelos tradicionais meios de transporte (ferrovia e antiga rodovia Rio -São Paulo), enquanto o eixo de Ribeirão Pires não tem linhas de ônibus bem organizadas, pela baixa frequência, encontrando, as empresas, alguns problemas em relação ao acesso dos empregados e ao atendimento dos horários, rigidamente estipulados.

Mas existe um outro fator que deve ser considerado: a conexão mais fácil da Estrada Ribeirão Pires com o porto de Santos e o ABC, o que facilita a chegada das matérias-primas vindas de outras fábricas ou vindas de outras regiões do País ou do exterior através do porto de Santos.

Também não se pode prever o papel que irá desempenhar o ramal da Central do Brasil, inaugurado há menos de uma década, ligando Suzano ao município de Rio Grande da Serra. Este ramal instalou-se quase paralelamente à rodovia de Suzano-Ribeirão Pires, com a finalidade única do transporte de minério de ferro, do Quadrilátero Ferrífero para a COSIPA (Companhia Siderúrgica Paulista) em Cubatão-Léa Goldenstein -1972.

A concentração industrial

Apenas para enquadrar os fatos que estão sendo enfocados tentaremos apresentar, ainda que de modo sucinto, a política econômica encetada pelo governo brasileiro na época

da implantação de indústrias de grande porte no município de Suzano, que ocorreu na segunda metade da década de 50.

Por essa época estava em plena vigência no País o Programa de Metas, do Governo Kubitschek que visava a racionalização da política econômica governamental através de programas e projetos que iriam direcionar importantes setores da economia brasileira: energia, transportes, alimentação e indústria de base.

O Programa de Metas deveria transformar a estrutura econômica do País através da maior participação do Estado. No entanto, os países fortemente industrializados do hemisfério norte e, especialmente, os Estados Unidos aceitaram a política proposta porque chegaram à conclusão de que a maior participação do Estado na economia era mais uma garantia do que um risco para os investimentos e transações feitas pelos empresários estrangeiros no Brasil.

Dentre os muitos objetivos propostos os mais gerais estavam vinculados aos seguintes aspectos:

- investir na infra-estrutura do País, a fim de atacar os pontos de estrangulamento. Tais investimentos ficavam a cargo do Estado porque certamente não atraíam o setor privado;

- expandir a indústria automobilística, indústria pesada mecânica e de material elétrico, estimulando os investimentos nacionais e estrangeiros. Um dos pontos centrais do Programa era o de atrair o capital e a tecnologia estrangeiros.

A atração desses capitais foi feita sob a forma de investimentos diretos, de empréstimos a longo prazo ou, através de créditos comerciais, a médio prazo. (4)

(4) Octavio Ianni, "Estado e Planejamento Econômico no Brasil", (1930-1970), 1977, pp. 150-159.

É nesse contexto econômico brasileiro que se desenvolveu a indústria na Região de Mogi das Cruzes. Nota-se que enquanto em Mogi das Cruzes houve investimentos naqueles setores propostos pelo Programa de Metas, sobretudo na mecânica, em Suzano entraram indústrias estrangeiras ligadas ao setor químico e de capital nacional ligadas ao papel e papelão.

Nesse capítulo tentaremos caracterizar o desenvolvimento industrial da área de Suzano, de forma evolutiva utilizando dados obtidos de fontes variadas e muitas vezes incompletos e não coincidentes com a realidade constatada pela pesquisa de campo, pois muitas das pequenas empresas registradas em diferentes cadastros não foram encontradas nos endereços discriminados ou se achavam fechadas, isto ocorrendo até mesmo com duas indústrias cujo capital declarado, em 1973, era superior a Cr\$ 1 000 000,00.

A tabela apresenta o confronto entre os dados do Censo Industrial e da pesquisa de campo.

SUZANO: Pesquisa Industrial

Gênero Industrial	Censo Industrial 1970		Pesquisa de Campo 1974	
Gênero Industrial	Nº de estabelecimentos	Pessoal ocupado	Nº de estabelecimentos	Pessoal ocupado
Extração de minerais	11	117	1	33
Minerais não metálicos	84	1139	9	1664
Metalurgia	9	98	4	245
Mecânica	4	442	1	171
Mat.elétrico e de comunicações	2	X	-	-
Mat.de transporte	1	X	-	-
Madeira	4	24	-	-
Mobiliário	5	25	-	-
Papel e Papelão	4	1814	2	2478
Borracha	1	X	1	18
Couro, Peles e similares	1	X	1	280
Química	12	762	3	779
Prod.Farm.e veterinários	3	518	1	317
Perfumaria, sabões e velas	1	X	-	-
Prod.Matérias plásticas	1	X	-	-
Têxtil	4	1257	6	1419
Vestuários, calçados	2	X	-	-
Prod.Alimentares	14	69	-	-
Bebidas	4	70	-	-
Editorial e Gráfica	5	56	2	34
Diversas	7	28	-	-
TOTAL	179	6674	31	7438

Fontes: Censo Industrial - Fundação IBGE - 1970

Pesquisa de campo - 1974

Observação: O (X) que aparece no pessoal ocupado corresponde ao gênero que tendo apenas 1 ou 2 estabelecimentos, o IBGE não apresentou os dados para manter o sigilo.

lão, com a densidade de 301 pessoas empregadas por estabelecimento. Neste gênero industrial, a Cia. Suzano de Papel e Celulose contribui com a maior parcela de empregos, seguida pela Rio Verde, que embora seja outra unidade fabril, pertence ao mesmo grupo econômico.

A indústria têxtil, um dos primeiros ramos instalados no município, aparece no Censo representada por apenas 4 estabelecimentos, e apresentando uma densidade semelhante à do Papel e Celulose (300). No entanto, as têxteis de Suzano passaram por transformações radicais que os dados do Censo não permitem avaliar. Em 1960 instalou-se na principal área industrial de Suzano uma fábrica têxtil, com capitais japoneses, bastante moderna, com maquinaria adaptada à fabricação de tecidos sintéticos, tornando a manufatura mais fácil e barata, e exigindo menor quantidade de mão-de-obra.

Essa fábrica, segundo informações de empresários locais, passou a concorrer de forma bastante séria com as demais indústrias cujas máquinas obsoletas necessitavam de maior número de mão-de-obra e estavam adaptadas apenas a fios de algodão. Nessa fase, as antigas indústrias passaram a ter uma maquinaria ociosa e a alterar as formas de produção. A Têxtil Maluf, por exemplo, vendeu parte da sua maquinaria a outra indústria; extinguiu a estamperia e mudou o ramo da empresa, passando de têxtil para a produção de máquinas têxteis. Essa mudança foi realizada paulatinamente. Na década de 70, foram extintos todos os outros setores, ficando apenas com a indústria mecânica. As máquinas têxteis produzidas em Suzano são adaptações das construídas pelos europeus e encontram importante mercado no País.

Acreditamos que essas transformações não sejam peculiares ao município de Suzano. Mas o certo é que as mudanças no ramo têxtil aí verificadas ensejaram, na década de 70, o aparecimento de pequenas indústrias ligadas, principalmente,

à estamperia de tecidos, o que antes era feito por todas as grandes têxteis.

Apresentando ainda densidade elevada, ou seja, 168,7 pessoas empregadas por estabelecimento, vem a indústria farmacêutica, onde é flagrante o peso representado pela presença da Hoechst- Farmacêutica, instalada no final da década de 1950, que usa a matéria - prima da Hoechst Química do Brasil, também instalada no município.

No gênero das químicas, a Hoechst do Brasil é a que conta com maior número de trabalhadores, e as demais são indústrias pequenas, tanto em pessoal ocupado, como em capital, com a densidade de 36,3.

O gênero das mecânicas, representado principalmente, por duas indústrias produtoras de máquinas têxteis, ocupava posição de destaque em relação à densidade do pessoal por estabelecimento - 95,3.

Os demais ramos apareciam com grande número de estabelecimentos, mas com densidades que variavam de 3 a 15.

Note-se que todas as grandes empresas de Suzano, em relação ao número de empregos oferecidos, foram instaladas na segunda metade da década de 1950.

O Censo de 1970 omitiu os dados de gêneros industriais que apresentavam somente um estabelecimento industrial. Por isso não constavam os dados relativos ao " Curtume Arco e Flexa e Peles Polo Norte", também instalado no final da década de 50 e que absorvia grande número de empregados, conforme foi observado na pesquisa de campo.

Portanto, o início da industrialização de Suzano se fez basicamente com empresas de grande porte, a partir de grupos econômicos de São Paulo e de estrangeiros que, sem dúvida, tinham como centro de negócios a Capital. Os gêneros

industriais mais importantes eram representados, segundo a ordem de importância: Papel e Papelão, Farmacêutica, e Química, seguida, mais tarde pela Têxtil, implantada antes mesmo da década de 50, mas desenvolvida, principalmente na década seguinte com a participação da Indústria Tsuzuki.

Outro fato digno de registro, refere-se às ampliações. Todas as empresas instaladas na década de 50 vêm sistematicamente ampliando suas instalações e, de modo geral, oferecendo maior número de empregos.

No entanto, nos contatos mantidos com os empresários foram mencionados outros fatos em que mudanças tecnológicas - introdução de máquinas modernas - dispensaram parte da mão-de-obra empregada. Mas se forem consideradas de um modo global, as indústrias, com suas ampliações, sistematicamente aumentaram o número de empregos. A constatação desse fato não é suficiente para dizer que elas resolveram o problema do subemprego, ou do desemprego em Suzano, mas isto será tratado, na medida do possível, em capítulos posteriores.

Na década de 1960, notam-se diferenças nos diversos tipos de fábricas que são implantadas no município. São empresas que podem ser consideradas de porte médio em relação às implantadas na década de 50, ligadas aos minerais não metálicos, representados pelas cerâmicas e pelas fábricas de blocos de concretos. No início da década implantou-se a indústria têxtil Tsuzuki, já mencionada. Surgiram algumas empresas médias nos gêneros de papel; mecânica e metalurgia, além de uma gama de outras pequenas, ligadas ao desenvolvimento urbano do município.

Ao falarmos que em 60, há o surgimento de uma gama de indústrias pequenas, isto não quer dizer que no decênio 50-60, não existiam tais indústrias, o que certamente ocorreu é que muitas dessas não sobreviveram até a data da pesquisa -

(1974), devido às dificuldades financeiras, principalmente no que se refere ao crédito e à concorrência das grandes.

No período compreendido entre 70-74, a concentração industrial - foi de tal ordem que áreas até então rurais foram substituídas - por grandes construções destinadas às unidades fabris. Isto ocorreu principalmente nas áreas cortadas pela Estrada de Rodagem Ribeirão Pires - Suzano e na avenida que liga a estação ferroviária ao conjunto do SESC. De acordo com o Cadastro da Prefeitura Municipal, 55,2% das fábricas foram instaladas nesse período.

A concentração industrial persiste como fruto da política global do governo central, em relação ao desenvolvimento econômico do País, desde 1964 - Octavio Ianni - 1977- e facilidades fornecidos pelo Governo local e da nova dinâmica estabelecida em Suzano, com as transformações por que passaram os grupos sociais do município, com a emergência de uma classe média urbana, constituída pela pequena burguesia, enriquecida com a valorização das terras, antes dedicadas à agricultura ou mesmo com a capitalização conseguida através da agricultura comercial, cujos proprietários associaram-se em um sistema cooperativista.

Não constitui objetivo desse trabalho analisar a política do governo brasileiro após 1964, pois isso vem sendo feito por eminentes sociólogos, economistas e historiadores brasileiros. No entanto, a problemática de Suzano somente será entendida no quadro das principais diretrizes da Política Econômica do País, desde 1964. Nessa época, um dos grandes problemas do País era constituído pelos altos índices de inflação. No sentido de contê-la, o governo brasileiro optou por um verdadeiro "tratamento de choque", que determinava congelamento salarial; restrição do crédito; o aumento dos encargos tributários e fiscais.

Estas medidas tiveram repercussão imediata sobre as empresas, principalmente, as indústrias; em primeiro lugar o arrocho salarial diminuiu a demanda, e a redução dos recursos monetários, colocados à disposição dos empresários, sacrificou bastante a pequena e a média empresa. Assim muitas firmas entraram em falência ou se viram na contingência de fazer concordatas.

Enquanto a empresa nacional sofreu sob o impacto do elenco de medidas governamentais, que pretendiam racionalizar a economia e conter a inflação, as empresas estrangeiras expandiram suas atividades porque se apoiavam no Capital dos países em que tinham suas respectivas sedes. O capital sempre aparecia, sob a forma de empréstimos, avais, etc.

Esse fenômeno que foi geral para todo o País, também ocorreu em Suzano, onde desapareceram as empresas sem condições de atender às novas diretrizes determinadas pelo governo e, para substituí-las, surgiram outras maiores, cuja produção se destinava a uma classe de maior renda ou de maior poder aquisitivo ou ainda a outras indústrias responsáveis pelo produto final. Em Suzano na década de 70 passaram a entrar muitas empresas estrangeiras, com destaque das japonesas, talvez favorecidas pelos vínculos que o município mantém com o Japão devido à presença de importante contingente de imigrantes dessa nacionalidade e seus descendentes desde a primeira metade do século XX. Capitais japoneses são canalizados principalmente para o setor industrial e secundariamente para o bancário.

Por ocasião da pesquisa de campo estavam em fase de instalação a Komatsu, empresa multinacional com fábricas em 80 países do mundo conforme a propaganda feita através de revista de grande circulação em São Paulo e em várias regiões do Brasil com nomes bastante diferentes; a Mitutoyo do Brasil e outras já relacionadas anteriormente.

As medidas tomadas pelo governo no final da década de 60, atingiram Suzano somente no período 70-74 quando as empresas multinacionais ou grandes empresas estrangeiras ali foram instaladas. A partir de então Suzano passou definitiva - mente a participar do processo que ocorre no País no sentido de aumentar a dependência econômica do Brasil em relação aos grandes grupos das potências industrializadas do hemisfério Norte.

O Poder Público local colabora com a concentração de firmas estrangeiras e multinacionais que trarão aumento na arrecadação Municipal. De acordo com o assessor de indústria do Prefeito (1974), às empresas grandes são oferecidas certas facilidades tais como: pavimentação de trechos de estradas , quando o terreno estiver localizado a certa distância das vias principais de acesso; colaboração no sentido de encontrar terrenos adaptados às finalidades da produção indústrial; contactos com os proprietários rurais donos das glebas e, até mesmo, isenção de impostos por um certo prazo.

Por outro lado, a valorização das terras no município permitiu a formação de pequena burguesia local que passou a aplicar capital no comércio e nas indústrias urbanas, de produção para o consumo imediato. Surgiram também, nessa classe, grupos familiares que conseguiram maior capitalização, à custa da venda de glebas maiores, investindo capital no setor de minerais não metálicos, tal como ocorreu, com a Cerâmica Gyotoku e a Indústria de Cerâmica Suzano, famílias radicadas no município há mais de 40 anos.

No momento da pesquisa, a produção de blocos de concreto aparecia com certo destaque, na área atravessada pela Estrada de Rodagem Suzano - Ribeirão Pires, distribuída em pequenas fábricas de proprietários descendentes de japoneses; ou de associação entre pessoas da terra, donas da propriedade, com japoneses ou descendentes que entravam com o capital.

Resumindo, pode-se dizer que a concentração industrial, na década de 70, fez-se principalmente com base nas empresas estrangeiras e multinacionais, aproveitando-se das diretrizes econômicas do governo central e das facilidades oferecidas pelo Poder Público local.

A mão-de-obra na indústria

Os empresários orientam-se em suas escolhas de localização mais pelas vantagens materiais e sociais oferecidas por importantes áreas urbanizadas do que pela existência de mão-de-obra barata e abundante. (5) A mão-de-obra não atrai mas acompanha os investimentos onde quer que eles estejam. Basta para isso observar as correntes imigratórias que se efetuaram para o Estado de São Paulo, desde, aproximadamente a década de 40.

Suzano se encontra na Grande São Paulo, região de maior concentração econômica nos mais variados setores da vida urbana. No momento em que foi escolhida para a instalação de indústrias dinâmicas de grande porte, com importantes investimentos na área, a cidade passou a ser palco de dois tipos de mobilidade populacional: as migrações internas que, na década de 50 já apresentavam certo destaque, e a migração ligada ao trabalho, ou seja, o movimento pendular da população.

Nesse capítulo pretendemos tratar da mobilidade pendular porque está mais diretamente relacionada à presença das indústrias no município. A concentração industrial que se verificou entre as décadas de 50 e 70 intensificou as relações de Suzano com a Capital paulista e também com os municípios da Sub-Região Leste da Grande São Paulo.

O fluxo diário de trabalhadores que até o final da

(5) Henrique Rattner "Planejamento urbano e regional"-1974.

década de 50 era, a partir de Suzano, predominantemente centrífugo pela manhã e centrípeto à tarde, pois os principais núcleos de trabalho eram respectivamente São Paulo e Mogi das Cruzes, modificaram-se com a instalação das indústrias de grande porte.

O movimento pendular tornou-se mais complexo, porque as indústrias de Suzano inicialmente atraíram parcela importante da mão-de-obra de Mogi das Cruzes.

Se tomarmos como parâmetro a Cia. Suzano de Papel e Celulose, a maior indústria instalada na década de 50, exatamente na divisa de Suzano-Mogi das Cruzes, veremos que, de acordo com as informações prestadas pelos administradores dessa indústria, em 1959, foi contratada a primeira empresa de ônibus que realizava o percurso do centro de Mogi das Cruzes até a indústria. Somente em 1963 é que o número de trabalhadores residentes em Suzano comportou a contratação de uma segunda empresa de ônibus, ligando o centro de Suzano à indústria. Esse fato demonstra o maior vínculo da empresa com Mogi das Cruzes.

Outro fato que reforça essa observação é a de que a população de Suzano, na época, era pequena e não existia contingente razoável de mão-de-obra industrial. Por outro lado, em Mogi das Cruzes, onde o desenvolvimento industrial havia começado no início do século, embora lentamente, já existiam trabalhadores não propriamente especializados, mas com certa vivência no trabalho fabril. Até então, Suzano possuía indústrias pequenas principalmente têxteis, que ocupavam a mão-de-obra local.

As indústrias que foram implantadas em Suzano após a Cia. Suzano de Papel e Celulose deram preferência aos terrenos próximos e paralelos à ferrovia e à rodovia. Pois bem, até a década de 70, tais empresas não organizaram o sistema

de transporte para os trabalhadores, no sentido de oferecer melhores condições de acesso.

Há trinta anos, quando o município de Mogi das Cruzes abrangia as áreas de Suzano e Poá, os 60 mil habitantes da região dispunham de apenas dois meios de transporte para atingir a Capital e os demais municípios da Sub-Região Leste da Grande São Paulo; os trens da Estrada de Ferro Central do Brasil, que eram bastante utilizados, e a velha estrada São Paulo-Rio de Janeiro. Atualmente, os 270 mil habitantes que ocupam a região - agora dividida em três municípios - dispõem praticamente dos mesmos meios de transporte. O único melhoramento acrescentado foi a ligação Mogi das Cruzes - via Dutra que, no entanto atende mais à população residente na Capital, possuidora de condução própria e que trabalha, de preferência, em Mogi das Cruzes.(6)

A tabela elaborada a partir do questionário industrial demonstra a relação existente entre o pessoal que reside em Suzano e em outros municípios.

(6) O Estado de São Paulo - Fevereiro-1976

SUZANO, pessoal ocupado nas indústrias, segundo o município - de residência.

Gênero industrial	Direção e Administração		Planejamento e Controle		Produção e Manutenção	
	Suzano %	Outros %	Suzano %	Outros %	Suzano %	Outros %
Indústria extrativa e de minerais não metálicos	1,5	3,4	0,4	0,6	14,5	3,6
Metalurgia e Mecânica	0,5	0,9	0,1	0,1	3,7	0,6
Papel e Papelão	3,6	4,9	1,3	0,9	7,9	16,4
Couros	0,1	0,1	0,2	0,2	2,0	1,4
Química e Farmacêutica	0,5	0,3	0,3	0,2	8,2	1,7
Têxtil	0,7	0,2	1,4	0,1	11,3	5,5
Editoria e Gráfica	0,1	0,0	0,0	0,0	0,4	0,0
Borracha	0,0	0,0	0,0	0,0	0,2	0,0
Totais	7,0	9,8	3,7	2,1	48,2	29,2

Fonte: Pesquisa industrial - 1974

Total de observações = 7071

A análise da tabela mostra que 41,1% da população industrial de Suzano provém de outros municípios. As empresas não forneceram dados nominais sobre os municípios de residência.

A tabela revela também que entre o pessoal ocupado na direção e na administração da indústria, a maior parte provém de outros municípios. Nesses cargos, pesa muito a participação do pessoal residente na Capital, enquanto nos demais-Planejamento e Controle e Produção e Manutenção-há uma subdivisão entre a Capital e Mogi das Cruzes.

Ligadas ao Planejamento e Controle e à Produção e Manutenção sempre há o predomínio das pessoas residentes no próprio município de Suzano, o que confirma o papel de Suzano como área de grande concentração de mão-de-obra não especializada.

Se for observada a distribuição do pessoal residente ou não em Suzano, pelos diferentes gêneros industriais, nota-se que o gênero industrial que maior atração exerce sobre a mão-de-obra de outros municípios é representado pelo papel e papelão, pois, enquanto emprega 7,9% da população residente em Suzano, emprega 16,4% da população residente em outros municípios, considerando-se como universo 7071 trabalhadores.

Todos os demais gêneros industriais absorvem a maior parcela da mão-de-obra de Suzano. No entanto, as indústrias têxteis e de minerais não metálicos oferecem, respectivamente, 5,5% e 3,6% de empregos ao pessoal residente fora do município.

A localização das indústrias paralelas à ferrovia e rodovia São Paulo-Rio, e respectivo tamanho são responsáveis por essa maior absorção da mão-de-obra de fora. Assim, no gênero das têxteis pesam a Tsuzuki, e a Cia. Têxtil de Suzano. Em relação ao gênero de minerais não metálicos, a que absorve maior número de empregados de outros municípios é, sem dúvida, a Corning do Brasil, indústria de vidros, bastante moderna que exige maior número de pessoas com experiência no ramo, multinacional de cujo grupo faz parte a Vidraria Santa Marina, (7)

A localização da Rio Verde, ao norte da cidade, na várzea do Tietê, quase na divisa de Poá, está completamente à

(7) A Companhia Vidraria Santa Marina foi comprada pela Corning em 1945. Essa compra faz parte da desnacionalização que ocorreu e ainda ocorre no Brasil, de grupos locais por grupos estrangeiros, in Mauricio Vinhas de Queiroz e Peter Evans, 1977.

margem dos principais eixos viários, não sendo servida por nenhuma linha de ônibus. Daí a necessidade de ônibus especiais para o transporte dos operários.

Em relação a Iesco, indústria instalada em 1974, pretendendo fazer ampliações a curto prazo e para que os horários pudessem ser cumpridos, optaram pela instituição do transporte próprio.

Esta fábrica está localizada no eixo Suzano-Ribeirão Pires. Os depoimentos dos trabalhadores e dos empresários das indústrias instaladas nesse eixo mostraram que um dos principais problemas para ambos está na dificuldade do transporte.

As empresas ali instaladas até 1974 eram de dimensões médias e pequenas e não comportavam a contratação de ônibus especiais. Por outro lado, as empresas de ônibus não tinham interesse no desenvolvimento de linhas regulares, onde a urbanização era ainda incipiente. Para organizar melhor esse sistema havia necessidade de aumentar a frequência dos ônibus e pôr em circulação carros novos e isto não era rentável para as companhias até 1974.

Se para os empresários a situação não era das melhores devido aos constantes atrasos e ausências no trabalho, a situação para os trabalhadores era muitas vezes pior porque, embora a grande maioria residisse em Suzano, o tempo de deslocamento era grande devido aos problemas já citados.

Na época da pesquisa de campo, muitos empresários reclamaram da falta de mão-de-obra. Acreditamos que tal escassez esteja ligada ao problema dos transportes. A população operária de Suzano que podia facilmente chegar ao emprego a pé ou de bicicleta, certamente não se interessava por empregos no eixo Suzano - Ribeirão Pires. Segundo depoimentos era mais fácil o deslocamento para Poá ou Mogi das Cruzes, do que

ir trabalhar no eixo Ribeirão Pires - Suzano.

Entre as fábricas desse eixo havia um pequeno percentual de trabalhadores provenientes do ABC. Nesse caso as firmas mantêm peruas que faziam o transporte apenas de funcionários que respondiam por setores vitais de certas empresas.

A tabela mostra o tempo de deslocamento dos trabalhadores da residência para as indústrias de Suzano.

Movimento pendular da população : tempo de deslocamento.

TEMPO DE DESLOCAMENTO (MIN.)	%
0 _____ 15	15,5
15 _____ 30	39,6
30 _____ 45	18,0
45 _____ 60	17,5
60 _____ 75	1,2
75 _____ 90	4,1
mais de 90	4,1
	100,0

Fonte: Pesquisa de campo - 1974.

Amostra obtida via indústria.

Se for analisado o tempo de deslocamento dos trabalhadores da casa para o trabalho e vice-versa, veremos que mais de 50% demoravam até uma hora, o que em termos de desgaste do trabalhador não seria um tempo demasiadamente longo. No entanto, são subumanas as condições em que se efetuam e, certamente ainda, se efetuam tais deslocamentos, devido à precariedade dos veículos oferecidos à população, com pequeno número de carros, obrigando a maior parte dos usuá -

rios a fazer a viagem em pé.

A população que demorava tempo mais curto, certamente provinha de Poá e Mogi das Cruzes.

Para outros municípios o tempo de deslocamento era bem maior, sendo que 35,5% da população passava de 1 a 2 horas na condução. Ainda existia diminuta parcela dos trabalhadores que se sujeitavam a tomar duas conduções para chegar a Suzano.

As indústrias contavam com uma verdadeira "bacia de captação de mão-de-obra" sendo que o eixo fundamental era constituído pelos municípios servidos pela Estrada de Ferro Central do Brasil.

No sentido de evitar os longos e cansativos deslocamentos, muitas pessoas desejavam fixar residência em outro município, 60,5% desejam mudar para Suzano, e o motivo mais citado foi a minimização da distância em relação ao local de trabalho.

Para os trabalhadores, em geral, do município havia duas áreas preferenciais dentro da cidade. A primeira representada pela Zona Central e a segunda, pela Vila Amorim. Na Zona Central os problemas de habitação eram sérios devido à quase inexistência de terrenos baldios e aos altos preços de aluguéis das casas, que não eram fáceis de serem encontradas.

Na Vila Amorim concentravam-se as casas dos trabalhadores das indústrias e algumas pessoas preferiam essa localização devido aos vínculos de amizade e à proximidade das indústrias. Aí, em 1974, ainda existiam terrenos baldios, que poderiam ser ocupados. No entanto, essa zona operária não constituía a mais pobre da cidade.

Em relação às pessoas que trabalhavam em Suzano, mas que moravam em São Paulo, e que ocupavam cargos ligados à ad-

ministração ou ao planejamento, os depoimentos foram sérios no sentido de que os deslocamentos diários mesmo de automóvel , quer sendo pela antiga São Paulo-Rio, quer sendo pela Dutra, eram desgastantes. No entanto, diziam não ser fácil encontrar residência de construção razoável, a preço condizente com o próprio salário. Em Suzano, praticamente, não existia e em Mogi das Cruzes, desde que se transformou em Cidade Universitária, o problema da habitação tornou-se difícilimo. Os preços dos imóveis são semelhantes ou mais altos do que os da Capital paulista.

O que se observava, portanto, era o deslocamento das famílias em direção a Suzano, em função do fator "trabalho".

Essa tendência está sendo motivo de grande especulação imobiliária, o que certamente vai dificultar o processo de ocupação pelo menos para os trabalhadores, cujos reajustes salariais nunca correspondem ao índice de valorização da terra. O que deverá ocorrer é a expansão da cidade em direção a loteamentos já existentes, mas subocupados e de infraestrutura ainda bastante deficiente.

A dinâmica populacional e o desenvolvimento industrial em Suzano

- crescimento populacional
- composição etária da população
- migrações

O objetivo deste capítulo é o de analisar as migrações que estão se verificando em direção a Suzano e correlacioná-las com o fenômeno de concentração industrial e desenvolvimento urbano ocorridos a partir da década de 50. Devido às restrições da pesquisa empírica não foi possível avaliar a migração de retorno. Apenas pode-se deduzir o percentual da amostra relativa às pessoas que desejavam retornar às cidades de origem, que constituíam migrantes em potencial.

O estudo do crescimento populacional de Suzano, onde desempenha papel de relevância, o movimento imigratório está inserido no processo das migrações internas que ocorreram no País de forma acentuada desde o pós-guerra, paralelamente ao desenvolvimento industrial do Brasil.

Não resta dúvida de que o Brasil, nos últimos 30 anos teve um certo desenvolvimento, se for comparado à si-

tuação econômica e social de muitos países do Terceiro Mundo e da América Latina. No entanto, foi um desenvolvimento não planejado com efeitos bastante contraditórios: a indústria se concentrou em determinados espaços e a agricultura foi obrigada a se especializar. Isto acentuou os desequilíbrios regionais, pois o desenvolvimento não planejado tem reflexos sobre toda a economia do País, reduzindo certas áreas à condição de produtores de alimentos ou matérias-primas; privando-as do excedente que poderia ser acumulado e de sua força-de-trabalho.

Utilizando números para ilustrar a situação populacional e econômica do País no período de 40 a 70, Milton da Mata apresentou concomitantemente dados da população urbana; das migrações internas e da participação do produto industrial no PIB (produto interno bruto). Embora os dados não sejam de anos coincidentes é possível certas aproximações.

Período	População urbana %	Migrações internas	Participação do produto industrial no PIB - %
1920 - 1940	31% (1940)	1 448 000	17% (1947)
1950 - 1970	56% (1970)	mais de 7 000 000	23% (1969)

O acelerado movimento migratório registrado no período de 50-70 foi acompanhado pelo aumento da taxa de urbanização, no entanto a participação do produto industrial no PIB foi pequena, podendo-se deduzir que o setor terciário foi importante já que a maior parte da população tornou-se urbana.

Entre 1940 e 1970 foram adicionadas ao mercado de trabalho urbano 11,5 milhões de pessoas, mas a atividade industrial absorveu apenas 3,8 milhões, significando que diretamente deu emprego a uma parcela diminuta da população desloca

da do campo para as cidades. (1)

A população do Brasil, de modo geral, é menos con centrada em algumas poucas grandes cidades do que a maioria dos países da América Latina. Porém, comparando-se os dados de 1950 a 1970, percebe-se que nesses vinte anos foi crescen te a concentração populacional nas cinco maiores cidades do País (São Paulo, Rio de Janeiro, Recife, Belo Horizonte e Porto Alegre). 12,9% da população do Brasil era, em 1950, abrangida por essas 5 cidades, enquanto em 1970, o percen tual aumentou para 20,1%. Há assim indícios de que as metró poles nacionais e regionais aumentaram sua importância em re lação ao saldo migratório. (2)

Belo Horizonte apresentou uma taxa de crescimento de 5,7%, vindo logo após São Paulo com 5,1%. Se fossem soma dos os migrantes que se dirigiam para os municípios da Gran de São Paulo essa taxa seria maior.

Analizamos agora o caso de Suzano, município inte grante da Grande São Paulo. Enquanto a industrialização era incipiente, fruto da expansão industrial de Mogi das Cruzes, com rendas relativamente pequenas e a agricultura comercial era preponderante, a maioria dos migrantes que procurava Su zano se dirigia para as áreas rurais. Quando na década de 50, o comando da vida industrial passou a ser a Capital pau lista e o exterior, iniciando-se a concentração industrial, as correntes de migrantes nacionais que afluíram para Suza no passaram a ser intensificadas em volume e continuidade , procedentes sobretudo de áreas cuja especialização ou mecani zação da agricultura atendeu às novas contingências da eco nomia brasileira, mas liberou mão-de-obra.

(1) Milton da Mata e outros, "Migrações Internas no Brasil" -aspectos econômicos e demográficos- 1973, pp. 27-28.

(2) Fonte: Tabulações avançadas do Censo Demográfico - 1970

A compreensão das migrações internas para Suzano é de vital importância, após a década de 50, e o seu estudo reflete muitos dos problemas sociais enfrentados pelo próprio município e pelos demais da Grande São Paulo. No entanto, a problemática populacional de Suzano está ligada ao papel que o Estado de São Paulo e, especificamente, a Grande São Paulo representam no conjunto brasileiro.

Atendendo-se ao objetivo do capítulo, faz-se rápida descrição do crescimento populacional no período de 1920 - 1970, considerando a dinâmica da evolução da população e a distribuição entre os setores rural e urbano.

A seguir são analisados os dados do Censo demográfico para os municípios que fizeram parte da Região de Mogi das Cruzes até 1949, e comparativamente com a população migrante da Capital.

Sempre que possível os dados do Censo vão ser utilizados para o estudo global e comparados aos dados da pesquisa empírica que em certos aspectos é mais profunda.

Faz-se também um confronto entre a população fixada em Suzano e a das famílias dos trabalhadores residentes fora de Suzano, mas que têm aí o seu local de trabalho.

A análise da pesquisa empírica pretende caracterizar a direção dos principais fluxos dos migrantes, avaliando as motivações ligadas ao desenvolvimento histórico e econômico que algumas das regiões paulistas mantêm com Suzano. Utilizamos para essa caracterização a divisão do Estado de São Paulo em regiões administrativas.

Devido às limitações da pesquisa empírica, o critério utilizado para considerar a pessoa como migrante foi a de ter nascido em local diferente de Suzano. A única ressalva refere-se aos naturais de Mogi das Cruzes e de Poá, devido ao intenso relacionamento e proximidade que esses municípios man

têm entre si, pois até 1949 eram integrantes de apenas uma unidade administrativa.

Crescimento populacional

A análise da evolução populacional de Suzano pode ser iniciada pela comparação dos dados relativos aos municípios que compõem a Sub-Região Leste da Grande São Paulo que têm como principais eixos de ligação a E.F. Central do Brasil e a antiga rodovia Rio-São Paulo. Na tabela os municípios aparecem de acordo com a ordem decrescente de distância em relação à Capital paulista.

Município	População total	População urbana	Índice de urbanização
Ferraz de Vasconcelos	21 467	21 195	98,7
Itaquaquecetuba	29 114	22 085	75,9
Poá	32 373	31 722	98,0
Suzano	55 460	33 859	61,1
Mogi das Cruzes	138 751	110 162	79,4
Guararema	10 858	2 931	27,0
Salesópolis	9 557	3 277	32,3

Fonte: Censo Demográfico - 1970

F. IBGE

Dentre os municípios integrantes da Sub-Região Leste, Suzano com 55 460 habitantes coloca-se em segundo lugar em população total, depois de Mogi das Cruzes. Em direção à extremidade Leste, Mogi das Cruzes é o município que apresenta maior índice de urbanização. Após esse município as atividades rurais predominam sobre as urbanas. Os municípios em que a função dormitório tem grande expressão são constituí

dos dos mais elevados índices de urbanização. É o caso dos municípios de Ferraz de Vasconcelos e de Poá servidos pela Estrada de Ferro Central do Brasil e por grande número de linhas de Ônibus onde se concentram verdadeiras reservas de mão-de-obra para o trabalho na Capital e nos municípios mais industrializados da Sub-Região, como Suzano e Mogi das Cruzes .

É esclarecedora a análise do comportamento da evolução populacional de Suzano, desde o momento em que os Censos passaram a apresentar os dados desmembrados dos de Mogi das Cruzes.

Participação de Suzano na população da Sub-Região Leste

Anos	População total		População urbana		Grau de urbanização	Índice de crescimento
	Nº hab.	% SRL	Nº hab.	% SRL		
1920	2 707	-	-	-	-	-
1940	6 000	9,5	2 555	10,4	42,6	4,06
1950	11 157	11,0	5 369	10,4	48,1	6,40
1960	26 332	14,5	11 935	10,0	45,3	8,97
1970	55 460	18,6	33 859	15,0	61,1	7,73

Fonte: Censos Demográficos - 1970
Fundação IBGE

Conforme a tabela em 1920 a população de Suzano era de apenas 2 707 pessoas e teve em 1940 um índice de crescimento de 4,06% a.a., correspondendo a um total de 6 000 habitantes. Esse elevado índice de crescimento não pode ser explicado apenas pelo componente vegetativo, mas principalmente pelo componente migratório.

Tal crescimento certamente está ligado ao aumento da população rural de Suzano, representada predominantemente pelo imigrante japonês e descendentes. Corresponde à fase de expansão do "cinturão verde" da Capital paulista, e à diminuição neste período do significado da agricultura comercial de

exportação, constituída pela monocultura cafeeira, após a crise de 30.

Os colonos saídos das fazendas de café instalaram-se em várias áreas dos arredores de São Paulo, nas quais Mogi das Cruzes e Suzano tiveram expressiva participação. De início foram arrendatários e poucos anos mais tarde transformaram-se em pequenos proprietários.

É esse período que se intensificou a agricultura comercial voltada para o abastecimento urbano das cidades de São Paulo e do Rio de Janeiro, que fora iniciada no final do século passado por imigrantes portugueses.

No período de 1940-1950, o crescimento da população foi de 6,4 a.a., o que já refletia o processo de industrialização e de urbanização não tanto de Suzano, mas sim da cidade contígua de Mogi das Cruzes, onde se instalavam indústrias de grande porte e onde começou a diversificação do setor terciário.

No entanto foi no decênio de 1950-1960 que se verificou o mais elevado índice de crescimento da população de Suzano, ou seja, 8,97% a.a. Constituiu a fase da instalação da grande indústria. O crescimento industrial de Suzano nessa época destacou-se porque a indústria atraiu a mão-de-obra, muitas vezes com as respectivas famílias de diferentes áreas e, principalmente, daquelas com as quais o município mantinha vínculos mais estreitos, de diferentes naturezas.

No decênio 1960-1970, embora o índice de crescimento geométrico da população ainda tivesse sido elevado (7,73% a.a.) diminuiu em relação ao período anterior, o que pode estar relacionado com as medidas governamentais tomadas, após 1964, no sentido de conter a inflação. Isto deve ter ocasionado um refluxo na economia de Suzano e de todas as áreas do Brasil, já integradas numa economia de mercado.

A avaliação do grau de urbanização do município nas diferentes etapas poderia contribuir, até certo ponto, para aprofundar a análise da evolução populacional. No entanto, o critério de população rural e urbana adotado pelo IBGE no perímetro urbano oficialmente delimitado pela Prefeitura impediu uma melhor análise porque o grau de urbanização de 1960 apresentava-se inferior ao de 1950, respectivamente 45,3% e 48,1%. Ora, se esse período foi o de maior crescimento populacional pode-se inferir que também correspondeu à entrada de migrantes para os campos, o que certamente não ocorreu. Esta afirmação pode ser feita pelo conhecimento que se tem da estrutura fundiária de Suzano, baseada predominantemente na pequena propriedade, de exploração direta, com a utilização de poucos assalariados.

Se a população total cresceu muito no decênio 1950-1960, e houve decréscimo no grau de urbanização, isto só pode ser entendido por problemas ligados à delimitação do perímetro urbano, pois, a população migrante deve ter se instalado em áreas periféricas, ainda consideradas rurais, porém, próximas do eixo viário da velha estrada Rio-São Paulo e da Central do Brasil.

Por outro lado, o alto índice de urbanização de 1970 já reflete a ampliação do perímetro urbano, o que responde pela predominância da população urbana sobre a rural. Assim mesmo, não se conhecem os critérios pelos quais se pautaram os administradores da cidade para a definição do perímetro urbano. Este é um dos problemas que o pesquisador tem de enfrentar no momento de caracterizar inclusive o tipo de migração que se faz em direção a diferentes áreas do País, principalmente no Brasil em que a instabilidade da população é um fato, e as transformações dela decorrentes são difíceis de serem acompanhadas, havendo portanto dificuldade em se estabelecer um critério para o conceito do que é urbano.

Pode-se afirmar que, a partir da década de 50, aumentou o índice de urbanização de Suzano e mesmo os japoneses e descendentes que ainda permanecem na área rural, exercendo atividades agrárias, têm um modo de vida muito influenciado por hábitos e valores urbanos.

Composição etária da população

As pirâmides de idade dos quatro municípios já comparados em outros aspectos dão a idéia do que ocorria em 1970 com as respectivas populações e fornecem subsídios para se prever, pelo menos de forma qualitativa, as tendências da evolução populacional.

O exame das pirâmides demonstra que aqueles municípios considerados como subúrbios de São Paulo (Poá, Suzano, e Mogi das Cruzes) apresentam grandes semelhanças entre si e diferem bastante da pirâmide da Capital.

O conjunto das pirâmides dos municípios suburbanos apresentam bases bastante largas, indicando elevadas taxas de natalidade e de fertilidade, o que permite prever a continuidade do rápido crescimento populacional que os referidos municípios vivem. A base 0-9 anos é nitidamente maior, com degraus bem largos em direção às faixas superiores.

No caso da Capital, embora a faixa mais larga seja a correspondente a idade de 0-9 anos, ela apresenta percentuais em relação ao total da população bem inferiores aos dos municípios suburbanos, e com diferenças menores entre os estratos de 0 a 29 anos. Somente a partir dessa idade é que se acentuam as diferenças entre as faixas. Essa configuração da pirâmide da Capital denota uma diminuição nas taxas de natalidade em relação às taxas dos municípios suburbanos.

Portanto, enquanto há desaceleração no crescimento vegetativo da Capital, acelera-se esse crescimento nos subúrbios.

A quase homogeneidade dentre as dimensões dos estratos de 10 a 29 anos de idade demonstra que continua importante a participação dos migrantes para a Capital, principalmente, para as pessoas, que se encontram na idade ativa ou que, em breve, poderão participar da força de trabalho.

Se for comparada a divisão por sexos entre o conjunto das pirâmides analisadas, percebe-se que há ligeira predominância de mulheres na Capital paulista, certamente explicada pela maior oferta de serviços domésticos.

Em Suzano, devido aos baixos rendimentos da maioria da população e ao grande número de mulheres dedicadas às prendas domésticas são poucas as famílias que se utilizam dos serviços domésticos femininos. O mesmo deve ocorrer com os demais municípios aqui tomados como parâmetros, onde as características populacionais são bem semelhantes, notando-se nas pirâmides o ligeiro predomínio de homens.

A base extremamente larga das pirâmides suburbanas, constituindo grandes encargos para a população adulta permite avaliar os problemas que tais municípios vão enfrentar dentro de poucas décadas quando essa parcela da população estiver em idade de integrar da força-de-trabalho. Para a organização racional do espaço de Suzano e dos demais municípios que apresentam as mesmas condições há necessidade de que sejam consideradas as perspectivas de evolução da oferta de trabalho e da formação do pessoal em função das tendências econômicas da área.

Migrações

O estudo das migrações para Suzano vai ser examinado com base no Censo de 1970 e na pesquisa direta feita em 1974. De uma população total de 55 460 habitantes, Suzano

conta com 3 455 pessoas, ou seja, 6,2% de estrangeiros.

SUZANO: origem da população estrangeira - %

Japoneses	70,9
Portugueses	8,3
Espanhóis	2,3
Alemães	2,1
Sírios-Libaneses	1,5
Russos	1,4
Outros	13,5

Fonte: Censo demográfico-1970

F. IBGE

A tabela mostra a importância dos japoneses na área em relação aos demais grupos. Dentre os japoneses a maioria está vinculada às atividades agrárias. Porém, com a instalação em Suzano de indústria de capital japonês tornou-se crescente a participação de pessoas recentemente chegadas do Japão, ligadas à administração e direção de empresas. O português ainda é encontrado exercendo atividades rurais, mas não tem a expressão do passado, quando se sabe que foram os introdutores da horticultura em Suzano. A maioria dos demais grupos está vinculada às atividades urbanas: comércio, indústria e profissões liberais.

Estes dados justificam que o maior interesse da pesquisa se prenda aos migrantes nacionais instalados em Suzano, devido à sua grande expressão numérica e o papel que têm na organização do espaço da área e sobretudo o fato de refletirem a redistribuição populacional que ocorre no País em consequência da distribuição diferencial da renda.

Em Suzano as migrações internas ocorreram de forma extremamente rápida, acompanhando de modo marcante o crescimento econômico desse município. Evidentemente, isto não

é peculiar a Suzano, mas ocorre em todas as áreas que sofreram um processo de concentração de investimentos nas últimas três décadas.

De acordo com o Censo, 70,4% das pessoas provêm de município diferente de Suzano. Isto é significativo porque demonstra as dificuldades que se colocaram em menos de três décadas para uma cidade pequena, com infra-estrutura precária, impossibilitada de atender a uma população que cresce rápida e desordenadamente. Isto, visto do ponto de vista da organização do espaço e do bem-estar das populações; no entanto, para os empresários a mão-de-obra barata e acessível constitui um dos fatores que mais favorece a rápida acumulação capitalista.

Outro aspecto a ser analisado refere-se à procedência da população migrante segundo as zonas rural e urbana. O Censo mostra que 64,5% dos migrantes declararam ter vindo de área urbanas, isto nos coloca diante de um sério problema que os dados quantitativos dificilmente conseguem expressar. Frequentemente, as pessoas não conseguem definir bem a zona da qual procedem devido às circunstâncias que presidiam a sua morada anterior. Não se pode admitir que um bóia-fria seja considerado um cidadão. Este problema vai merecer maiores considerações no momento da análise dos dados da pesquisa direta.

No sentido de caracterizar a origem das correntes migratórias para Suzano são utilizadas na tabela as informações do Censo de 1970, e o município de São Paulo é comparado aos de Mogi das Cruzes, Poá e Suzano.

Origem da população de alguns municípios da Sub-Região Leste da Grande São Paulo

Município	Totais	Norte %	Nordeste %	Sudeste %	Sul %	Centro Oeste %
São Paulo	5 506 071	0,2	13,4	83,3	2,6	0,5
Mogi das Cruzes	130 908	0,1	3,4	95,0	0,6	0,4
Suzano	51 853	0,1	8,6	89,3	1,7	0,3
Poá	31 479	0,0	9,8	88,0	1,9	0,3

Fonte: Censo Demográfico - 1970
F. IBGE

A grande maioria dos migrantes que se encontram nos municípios relacionados na tabela provém dos Estados da Região Sudeste, demonstrando a predominância da imigração intra-regional, em relação à interregional, sendo que na última é relevante a participação do Nordeste. A intensidade dos movimentos internos reflete mais o dinamismo da Região Sudeste do que a estagnação de algum setor ou região.

Não existem diferenças significativas entre a estrutura dos migrantes presentes nos municípios mencionados, com exceção do baixo percentual de nordestinos presentes em Mogi das Cruzes, com a nítida diminuição destes, desde a Capital paulista até Mogi das Cruzes. É possível que isto decorra da existência de maiores oportunidades de emprego ou ocupações esporádicas na grande cidade.

A Capital paulista, além de ser importante centro de atração de migrantes nacionais, funciona como centro de redistribuição de parte desses migrantes para os demais municípios. Dos quatro municípios aqui tomados para efeitos de comparação nota-se que os mais próximos da Capital, onde a função dormitório é bastante expressiva, apresentam percentuais mais elevados de pessoas nascidas no Nordeste e Sul. À medida que a dis

tância aumenta ou que outro sistema urbano passa a polarizar os municípios, há alterações significativas nos percentuais. Acreditamos que se tivéssemos dados sobre os distritos paulistas de São Miguel ou de Itaim, os contingentes de migrantes nordestinos seriam bem maiores. Um dos fatos que pode corroborar com essa afirmação é a presença de número significativo de casas comerciais ligadas à venda de produtos nordestinos, de preferência, alimentos.

A presença de migrantes sulinos, ainda que modesta, pode ser explicada pelas últimas modificações nos sistemas agrícolas do Paraná, ou seja, a mudança de produtos agrícolas, que exigiam numerosa mão-de-obra, tais como café e algodão, para produtos como a soja e trigo que, por serem altamente mecanizados, dispensam grande parte da mão-de-obra.

A tabela seguinte revela a importância desempenhada pelas migrações de percurso mais restrito, no âmbito da mobilidade intra-regional, no interior do próprio Estado de São Paulo.

Estados da Região Sudeste com destino a alguns municípios da Grande São Paulo

Destino	Totais	Estados de Origem			
		Minas Gerais	Espírito Santo	Rio de Janeiro	São Paulo
São Paulo	4 592 453	9,8	0,3	1,2	88,7
Mogi das Cruzes	124 671	10,9	0,4	1,0	87,4
Suzano	46 321	11,2	0,4	1,0	87,4
Poá	27 699	16,2	0,5	1,7	81,6

Fonte: Censo demográfico
F. IBGE

Segundo a tabela a grande maioria dos migrantes se

deslocou do próprio Estado de São Paulo; no entanto, é significativa a presença de mineiros nesses municípios. Em Poá, onde a função residencial e de subúrbio dormitório é bastante expressiva, há mais mineiros do que nos demais. A Região da Grande São Paulo até recentemente constituía o pólo de atração dos migrantes mineiros. Entre 1960 e 1970, houve modificações devido à industrialização mais acelerada de Belo Horizonte e arredores. O elevado índice de crescimento populacional desta cidade (5,7% a.a.) foi maior do que o de São Paulo (5,1% a.a.), podendo-se inferir que a Capital mineira esteja atraindo parcela da população de áreas de menor desenvolvimento do Estado de Minas Gerais. A migração aí é decorrência dos baixos níveis de produtividade, dificuldade de acesso à terra e carência de empregos. (1)

Por serem globais, os dados relativos ao Estado de São Paulo não permitem a avaliação da procedência dos fluxos de população das diferentes regiões administrativas e dos respectivos municípios.

Entra aqui a análise dos dados obtidos na pesquisa de campo realizada em Suzano. Na amostra domiciliar feita na área urbana, nota-se que 74,2% das pessoas nasceram em municípios da Grande São Paulo e apenas 26,8% em outras regiões do Estado.

A tabela baseada na pesquisa de campo mostra que não existem grandes diferenciações entre a naturalidade das pessoas que residem em Suzano e a das pessoas que residem em outros municípios da Grande São Paulo.

(1) Milton da Mata e outros, obra supra citada, p. 36.

Naturalidade das pessoas residentes e não residentes em Suzano

Município de residência	Sudeste %	Nordeste %	Sul %	Centro-Oeste %
Suzano	91,2	6,4	2,0	0,4
Outros municípios da Grande São Paulo	90,0	8,5	1,3	0,2

Fonte: Pesquisa de campo - 1974
Amostras domiciliar e obtida via indústria

A diferença mais significativa a ser registrada é a maior participação dos nordestinos que trabalham em Suzano e que moram em outros municípios da Grande São Paulo. Embora a diferença não seja tão elevada (2,1%), talvez expresse a maior rotatividade de emprego entre esses migrantes. A mesma constatação pode ser feita em relação aos mineiros; 7,1% dos migrantes são mineiros enquanto 10,6% apenas trabalham nas suas indústrias.

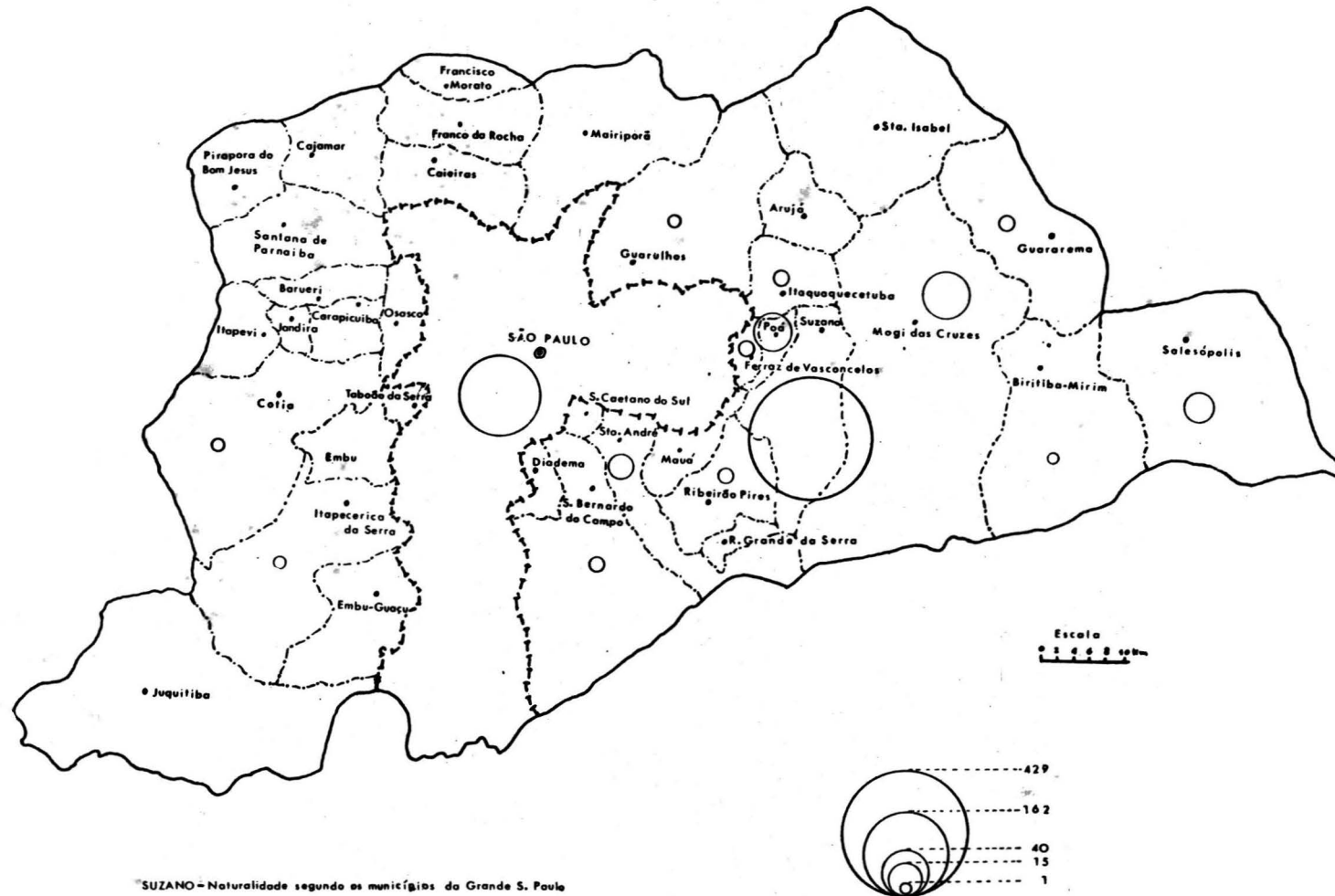
SUZANO: procedência dos migrantes, segundo os Estados da Região Sudeste

Estado	Nº	%
São Paulo	478	80,7
Minas Gerais	85	14,3
Rio de Janeiro	28	4,7
Espírito Santo	02	0,3
Total	593	100,0

Fonte: Pesquisa de campo - 1974
Amostra domiciliar

Da população migrante de Suzano, mais de 80,7% provém do próprio Estado de São Paulo. A seguir, é flagrante a participação de Minas Gerais e também do Estado do Rio de Janeiro, o que demonstra a grande concentração econômica por

MUNICÍPIOS DA GRANDE SÃO PAULO

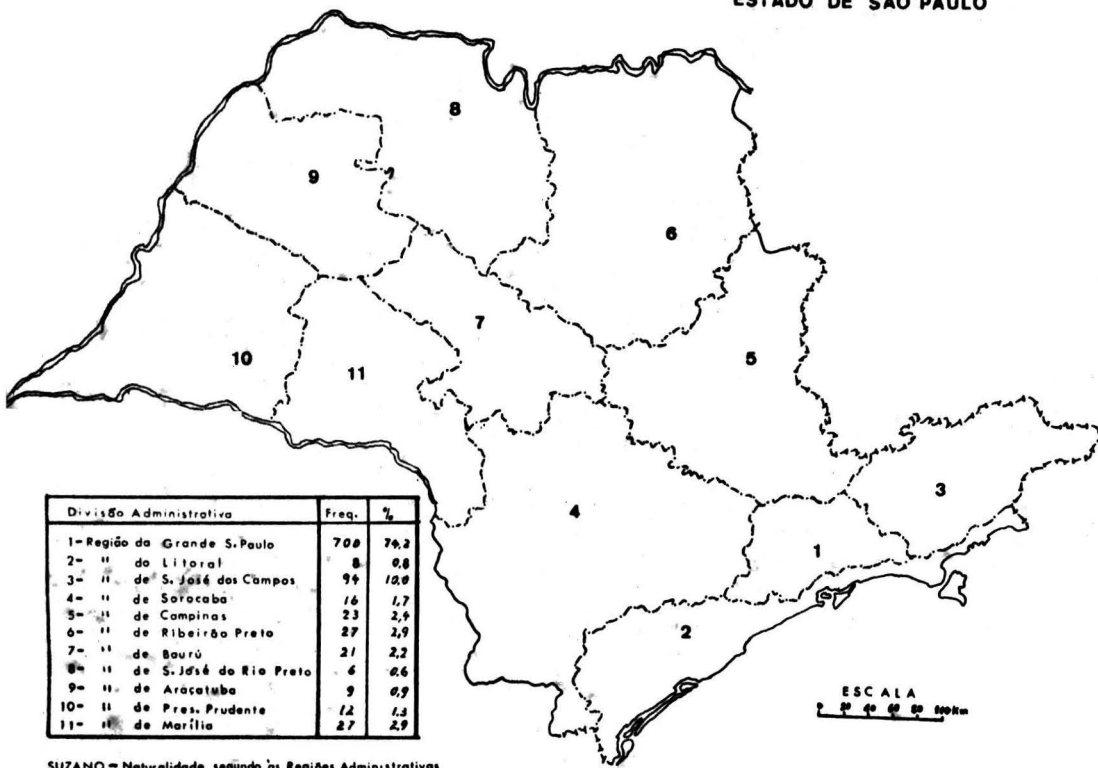


*SUZANO - Naturalidade segundo os municípios da Grande S. Paulo

FONTE - Pesquisa de Campo 1974

Amostra domiciliar

ESTADO DE SÃO PAULO



Divisão Administrativa	Freq.	%
1- Região da Grande S. Paulo	700	74,2
2- " do Litoral	8	0,8
3- " de S. José dos Campos	99	10,0
4- " de Sorocaba	16	1,7
5- " de Campinas	23	2,4
6- " de Ribeirão Preto	27	2,9
7- " de Baurú	21	2,2
8- " de S. José do Rio Preto	6	0,6
9- " de Aracatuba	9	0,9
10- " de Pres. Prudente	12	1,3
11- " de Marília	27	2,9

SUZANO = Naturalidade segundo as Regiões Administrativas

FONTE - Pesquisa de Campo 1974
Amostra domiciliar

que passa a Capital paulista atraindo até mesmo contingentes do Rio de Janeiro, antigo Distrito Federal. Entre as cinco maiores capitais do Brasil, o Rio de Janeiro foi a cidade que apresentou o mais baixo índice de crescimento anual da população (2,7%), no período de 1960-1970, bastante semelhante ao crescimento anual da população do Brasil (2,9%). (2)

Nas migrações que ocorrem no interior do Estado de São Paulo, em direção a Suzano, tomando-se como critério as onze regiões administrativas, observam-se três fluxos bastante destacados e outros de importância secundária provenientes de Sorocaba, Campinas e Presidente Prudente. Vamos nos restringir ao estudo dos fluxos de maior importância.

Fluxo proveniente dos municípios que integram a Grande São Paulo - Os mapas anexos apresentam a origem dos migrantes das regiões administrativas do Estado e dos municípios componentes da Grande São Paulo, de acordo com a pesquisa domiciliar.

Para a análise das migrações na Grande São Paulo, pode-se extrair as pessoas nascidas em Mogi das Cruzes porque Suzano pertenceu àquele município até o final da década de 1940 e em relação à distância física, Suzano pode ser considerada como extensão da própria cidade de Mogi das Cruzes.

Se acompanharmos essa linha de pensamento, o binômio Suzano-Mogi das Cruzes contribuiu em 1974 com 67% da população natural da Grande São Paulo, enquanto os demais municípios, com apenas 33%. O município de São Paulo sozinho participa com 23%, enquanto os demais, com apenas 10%.

Esta constatação pode ser explicada, em parte, pelo deslocamento da indústria da cidade "centro" para a periferia e mais especificamente em direção à Sub-Região Leste, atingindo seu extremo em Mogi das Cruzes.

(2) Milton da Mata e outros, obra supra citada, p. 36.

A migração da Capital para Suzano deve estar ligada principalmente a mudanças de trabalho, porque se estivesse ligada a problemas de moradia mais adequada à pequena renda familiar, certamente seriam encontrados terrenos e casas mais próximos do município da Capital. Embora a expansão urbana em direção aos diferentes eixos que se irradiam da Capital tenha como fator de grande importância o encarecimento dos terrenos para uso residencial, as camadas de poder aquisitivo mais baixo instalaram-se em pontos mais próximos e servidos por maior número de linhas de ônibus. (3) Outro dado que permite essa afirmação é a de que a maioria das pessoas, que em 1974 trabalhava em Suzano e desejava mudar de residência, colocou esta cidade como primeira opção.

Em relação aos demais municípios nota-se que estão representados os que mantêm maiores conexões com Suzano, sobressaindo-se os municípios dispostos no eixo da Central do Brasil e secundariamente o ABC, ligados a Suzano através da rodovia Ribeirão Pires-Suzano.

Fluxo proveniente do Vale do Paraíba - Estão incluídas as pessoas procedentes dos municípios ligados pelo rio Paraíba e por seus formadores (Paraibuna e Paraitinga).

Os vínculos históricos e econômicos que o Vale do Paraíba sempre manteve com a Região de Mogi das Cruzes desde os tempos coloniais explicam o grande contingente de migrantes vindos das mais diversas cidades do Vale em épocas bem diferentes. Como o questionário domiciliar foi aplicado apenas nas áreas urbanas não podemos fazer generalizações para todo o município, mas o que pudemos observar é que até 1945, embora a corrente migratória fosse bastante fraca e intermitente, predominava quase de forma absoluta a entrada de pessoas do

(3) Paul Israel Singer, "Recursos Humanos", p. 97.

Vale na área urbana. Após esta data a corrente imigratória paulatinamente foi se engrossando e Suzano passou a receber migrantes de outras regiões do Estado e inclusive da Capital. Isto ocorreu porque a Região de Mogi das Cruzes foi captada pela expansão urbano-industrial da Capital paulista. No capítulo II referente às "Bases Históricas" analisamos as relações dessa área com o Vale. Tais relações servem para explicar que 10% da população encontrada em Suzano (amostra domiciliar) era proveniente do Vale do Paraíba.

Fluxo proveniente das Regiões de Bauru, Araçatuba e Marília - As duas primeiras, servidas pela antiga Estrada de Ferro Noroeste e a última, pela antiga Companhia Paulista de Estradas de Ferro. O conjunto dessas regiões abrange 6,1 % dos migrantes.

Para se entender porque houve em Suzano a concentração de migrantes vindos dessas áreas, há necessidade de se remontar à localização dos imigrantes japoneses no Estado de São Paulo.

Segundo Teiiti Suzuki as áreas de concentração de japoneses se deslocaram sucessivamente, obedecendo certas fases: (4)

- Período de 1908 - 1922 - A área de maior concentração se achava na Zona Velha do Café. (5) e o segundo lugar passou de São Paulo para a Noroeste.

- Período de 1923 - 1947 - Por 25 anos a Noroeste manteve a primazia, seguida inicialmente da Zona Velha do café e, mais tarde, da Alta Paulista.

(4) Teiiti Suzuki, "Mobilidade Geográfica de Imigrantes Japoneses", in Hiroshi Saito e Takashi Maeyama, "Assimilação e integração do japoneses no Brasil".

(5) Obra supra citada p. 227. Zona velha do café coincide com as áreas de Franca, Ribeirão Preto, Araraquara, São Carlos, Jauú, Botucatu e Piraju.

- Período de 1948 - 1958 - Evidenciou-se a predomi-
nância do município de São Paulo e arredores e, secundaria-
mente, da Alta Paulista. (6)

O japonês, desde a década de 1930, passou gradati-
vamente a substituir o chacareiro português. Com suas plan-
tações nos arredores da Capital paulista, principalmente, em
Suzano, São Miguel Paulista, Mauá, Mogi das Cruzes, Coita, I
tapecerica da Serra, Mairiporã e outras, direcionou a migra-
ção que seria processada mais fortemente para essa Região, a
pós a implantação da grande indústria em certos municípios ,
como no caso particular de Mogi das Cruzes-Suzano.

A tabela apresenta os contingentes de japoneses en-
trados na área da Central do Brasil até 1940.

Japoneses nos subúrbios da Central do Brasil

Localidade	1930	1935	1940
Itaquera	30	65	110
São Miguel	10	10	20
Suzano	37	125	305
Mogi das Cruzes	91	240	325
Total	168	440	760

Extraído de Hiroshi Saito, O Japonês no Brasil - 1961.

Laços culturais e de parentesco serviram de atra-
ção dos descendentes de japoneses radicados nas regiões cita-
das acima, com destino a Suzano.

Muitos dos japoneses e descendentes instalados em

(6) No presente trabalho foram utilizados os nomes antigos
das estradas de ferro, no sentido de precisar a locali-
zação. Desde 1957, quando as ferrovias passaram à esfe-
ra governamental, os nomes foram mudados. Deste modo, as
ferrovias Central do Brasil e Noroeste integram a Rede
Ferroviária Federal S/A., respectivamente, sistema re-
gional Centro e Centro-Sul. A Companhia Paulista e ou-
tras integram a Ferrovia Paulista S/A.- FEPASA.

Suzano substituíram as atividades agrárias pelas atividades urbanas e, em 1974, se encontravam na cidade exercendo funções bastante diversificadas, de preferência, a comercial.

Dentre os fluxos migratórios secundários apresentados no mapa, destaca-se o proveniente da Região de Ribeirão Preto, no "Norte Velho do Café", estudado por Suzuki - 1973.

Finalizando podemos dizer que em 1974 predominava o tipo de migração urbana-urbana e os fluxos se faziam predominantemente de forma direta. Apenas 32,4% das famílias de migrantes deslocaram-se por estágios. Nesses, São Paulo representou ponto importante de convergência e de redistribuição da população migrante.

Suzano: análise sócio-econômica

- absorção da mão-de-obra na indústria
- reflexões sobre a população inativa
- problemas de habitação
- cotejo entre padrões sócio-econômicos diferenciados

As transformações econômicas por que passou o País, nas últimas décadas, alteraram a sua estrutura ocupacional. De acordo com o modelo de crescimento do mundo capitalista, à medida que o País se desenvolve, paulatinamente, diminui a parcela relativa do pessoal ativo engajado no setor primário, sobretudo ligado à agricultura. (1) No Brasil, o Censo de 1970 apresentou a predominância dos setores de atividade urbana (secundário e terciário) sobre o de atividade agrária (primário). (2)

Na Região Sudeste, onde o índice de urbanização é o maior do País, este fenômeno foi mais acentuado e seus reflexos estão presentes principalmente nas áreas mais industrializadas.

(1) Helga Hoffmann - Desemprego e Subemprego no Brasil, p.45, Editora Ática.

(2) Em 1940, no Brasil o setor primário correspondia a 64,1%, decrescendo para 44,6% em 1970 - Censos IBGE.

zadas, como na Região da Grande São Paulo. Isto também ocorreu com Suzano. Apesar de a agricultura comercial ainda ser expressiva, percentualmente, veio sofrendo diminuição decorrente da expansão urbana na área.

A análise da distribuição da população economicamente ativa (3) e inativa (Censo de 1970) revelou que somente 32% da população total de Suzano correspondia à população ativa, isto é, fazia parte da divisão do produto social. Este percentual é bastante semelhante ao da população economicamente ativa do Brasil que, em 1970, apresentou apenas 31,4%.

Apesar de Suzano apresentar em um total de 55 460, uma população válida (4) de 39 204 pessoas, a força de trabalho é de somente 17 766, devido a dois problemas básicos: o grande número de pessoas ocupadas em atividade individual, tais como donas de casa, estudantes e pessoas que embora tivessem idade de participar da força de trabalho, não tiveram nenhum tipo de ocupação remunerada.

O estudo comparativo da estrutura ocupacional das populações de Suzano, São Paulo, Mogi das Cruzes e Poá ajuda a compreender a posição de Suzano nessa problemática.

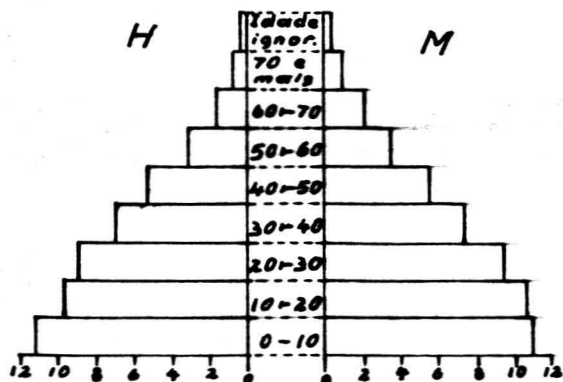
Enquanto Mogi das Cruzes e Suzano apresentam grandes semelhanças entre as respectivas estruturas ocupacionais, o mesmo não ocorre com os dois outros municípios.

Em São Paulo, cidade central da Região, a atividade primária quase desapareceu, enquanto o setor terciário desen-

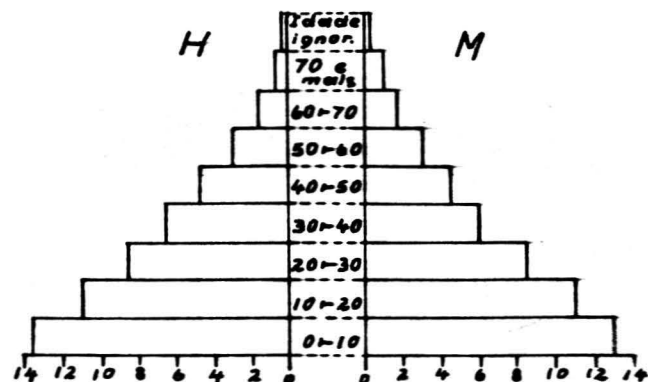
(3) Critério utilizado pelas Nações Unidas e adotado pelo IBGE desde 1950. Compreende as pessoas de ambos os sexos que concedem força de trabalho disponível para a produção de bens e serviços. O conceito de população ativa confunde-se com o de força de trabalho.

(4) População válida é constituída pelo conjunto de pessoas que têm condições de participar do produto social, ou seja, todas as pessoas de 10 anos ou mais. Paul Singer, em Recursos Humanos, p. 154.

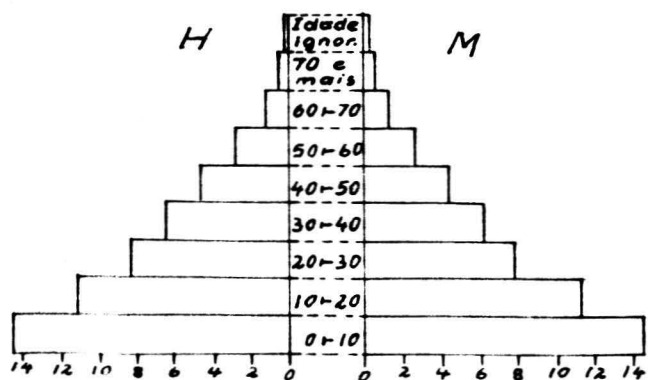
São Paulo



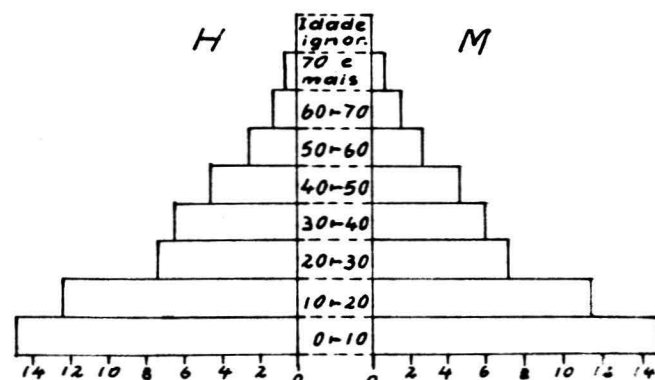
Mogi das Cruzes



Suzano



Poá



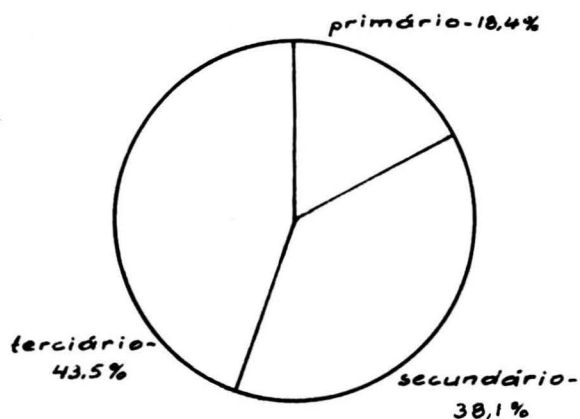
Suzano: - população economicamente ativa, por setor de atividade (comparado a outros municípios da Grande São Paulo)

São Paulo



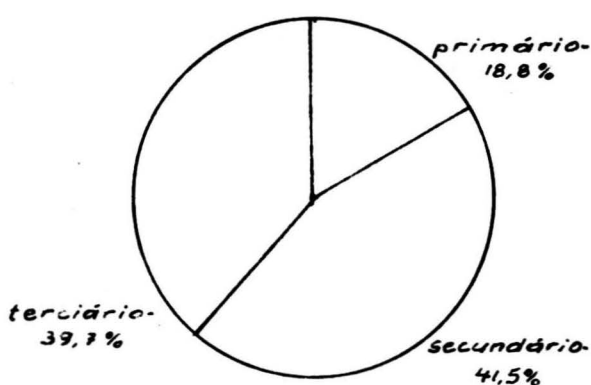
(Total de pessoal ocupado: 2 326 378)

Mogi das Cruzes



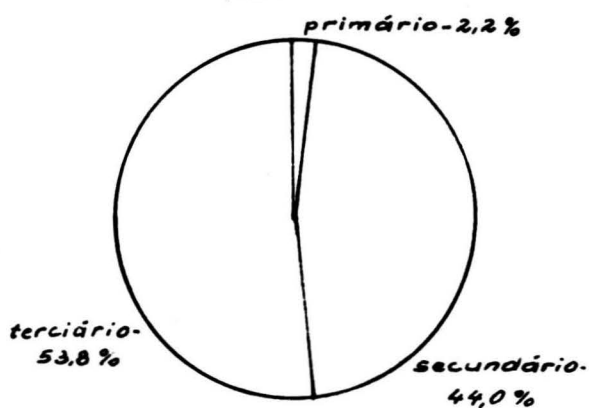
(Total de pessoal ocupado: 46 192)

Suzano



(Total de pessoal ocupado: 17 766)

Poá



(Total de pessoal ocupado: 10 324)

Fonte: F.I.B.G.E. - Censo Demográfico - 1970

volveu-se bastante. Embora se possa considerar que na cidade existe um problema de "inchaço" do terciário, não há dúvida de que como principal metrópole nacional, constitui o maior centro de negócios do Brasil e, portanto, apresenta um terciário bem desenvolvido.

Por outro lado, o município de Poá, contíguo a Suzano, com área diminuta, teve sua vida muito vinculada ao desenvolvimento urbano da Capital paulista, passando rapidamente do "cinturão caipira" para subúrbio-dormitório de São Paulo. Este processo intensificou-se a partir do funcionamento da "variante" da Estrada de Ferro Central do Brasil. Como as duas linhas "tronco" e "variante" dessa ferrovia confluem na estação de Calmon Viana, em Poá, houve duplicação dos horários de trens para esse subúrbio. (5) Isso certamente deve ter contribuído no sentido da captação de Poá pela cidade de São Paulo, porque se de um lado a distância era maior que a de muitos outros subúrbios, por outro lado, oferecia maiores opções em termos de horários de trem. Disso resultou a diminuição rápida da zona rural, tornando inexpressiva a população ocupada no setor primário em 1970 (2,2%).

Os municípios de Suzano e Mogi das Cruzes, a distâncias maiores, não eram servidos por grande número de trens, transporte mais barato, do que os ônibus. Isto certamente contribuiu para separar a Sub-Região Leste em subúrbios dormitórios mais fortemente satelitizados pela Capital, localizados entre os distritos orientais de São Paulo e o subúrbio de Poá, e subúrbios bem menos satelitizados constituídos por Suzano e Mogi das Cruzes, estes formando um outro sistema urbano.

Suzano-Mogi das Cruzes permaneceram por mais tempo

(5) A "variante de Poá" da Estrada de Ferro Central do Brasil foi inaugurada em 1932. Citação de Aroldo de Azevedo em "Subúrbios Orientais de São Paulo, p. 57.

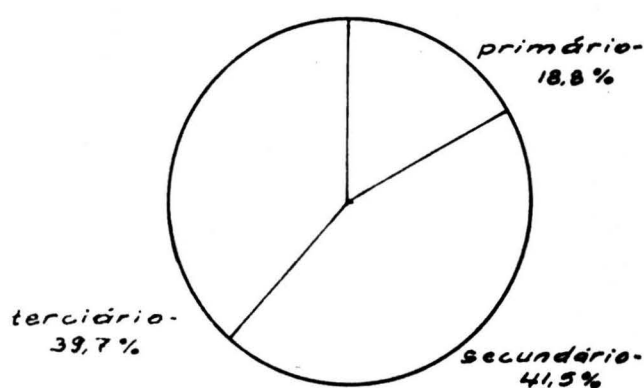
a salvo da grande satelitização. Pelos motivos acima descritos os trabalhadores tiveram interesse na fixação da residência no próprio local, sobretudo quando se deu a implantação industrial.

Enquanto em Poá a agricultura comercial praticamente desapareceu, em Suzano e Mogi das Cruzes ela ainda é significativa porque as áreas territoriais dos municípios são bem maiores e a expansão das atividades urbanas (indústria, comércio e serviços) permaneceram restritas às áreas de maior circulação junto às estradas principais, próximas das rodovias pavimentadas e do núcleo urbano.

Diferentemente do que ocorreu com Mogi das Cruzes, que tem o maior percentual de pessoas ativas ligadas ao terciário, Suzano apresentou, de acordo com os dados do Censo, maior expressão relacionada ao secundário, refletindo a maior concentração industrial que se verificou no município nas últimas décadas.

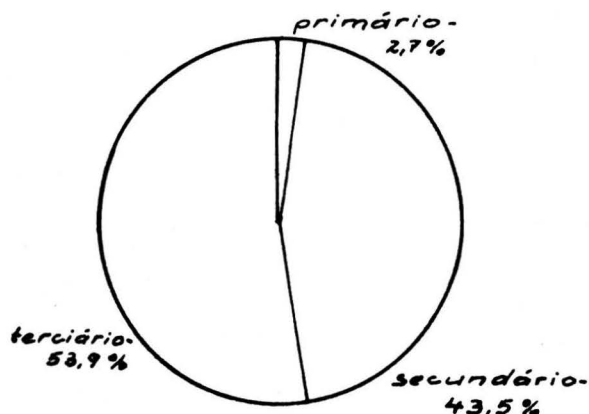
*Suzano - população economicamente ativa,
por setor de atividade*

1970



Fonte: F.I.B.G.E. - Censo Demográfico - 1970

1974



Fonte: Pesquisa domiciliar - 1974

A comparação entre o gráfico da estrutura ocupacional de Suzano, elaborado a partir dos dados do Censo de 1970, e o gráfico feito a partir da amostra domiciliar surgere inúmeras diferenças que devem ser analisadas.

Entre a coleta dos dados registrados em cada gráfico, a defazagem de quatro anos é bastante significativa, pois, a partir de 1970 se iniciou o período de maior euforia da expansão industrial no próprio município. Houve maior oferta de empregos porque inúmeras indústrias estavam em fase de instalação, demandando maior número de trabalhadores braçais.

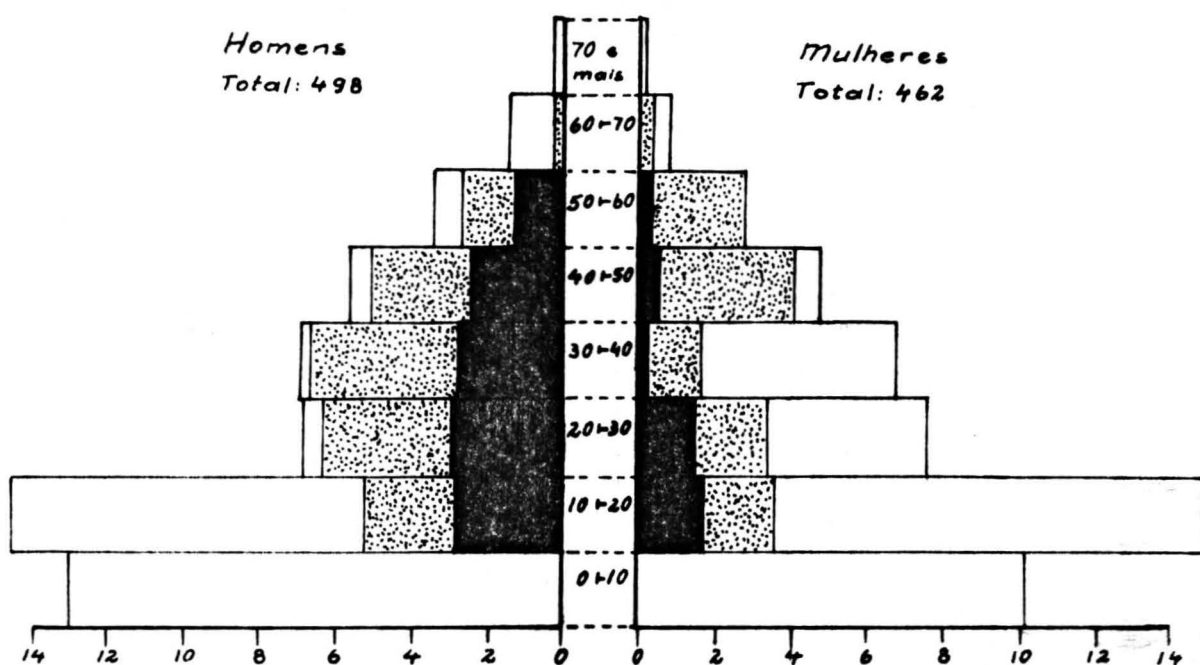
Outra consideração já mencionada mas importante para a interpretação dos gráficos refere-se à área que serviu de campo para a amostra domiciliar, ou seja, a zona urbana. Portanto o baixo percentual do setor primário, registrado no gráfico da amostra, representa tão somente os habitantes da cidade que trabalham como diaristas nas áreas rurais do município. O gráfico do Censo é mais fiel, pois mostra a população que se ocupa das atividades agrárias.

Ambos os gráficos destacam a importância dos setores urbanos que vêm crescendo sistematicamente nas últimas décadas.

Absorção da mão-de-obra na indústria

O conhecimento adequado das dimensões da força de trabalho em Suzano é dado pela comparação das pirâmides etárias, construídas a partir do Censo de 1970 e dos dados da amostra domiciliar, feita em 1974, sendo que na última foi registrada também a população participante da força de trabalho em relação às faixas etárias e ao sexo.

Suzano: pirâmide de idades -
população economicamente ativa,
por faixas etárias



-  Força de trabalho
-  Força de trabalho na indústria

Fonte: Amostra domiciliar - Pesquisa de campo - 1974

Na comparação dos gráficos, constata-se que a pirâmide correspondente a 1970 apresenta a faixa de 0 a 9 anos de idade bem mais larga do que a de 10 a 19 anos. Isto também pode ser explicado por ter sido excluída da amostra domiciliar a população rural do município, mas não impede de mostrar o quanto é jovem a população.

A inclusão da pirâmide de idade acoplada com a força de trabalho permite avaliar a força de trabalho em relação à população válida. Em que medida a indústria conseguiu absorver essa população, segundo o sexo e as diferentes faixas de idade?

Começemos a análise da pirâmide pela força de trabalho feminino. Apesar de se saber que as taxas de participação das mulheres na força de trabalho são bem maiores nas áreas urbanizadas do País, ou seja, nas grandes áreas metropolitanas, pelas maiores oportunidades de trabalho e pela menor resistência por parte das mulheres e das respectivas famílias à sua participação na produção social, ainda é muito grande a diferença registrada entre a força de trabalho feminina e masculina.

A pirâmide de Suzano mostra como é pequena a participação das mulheres no produto social, tal como ocorre na maior parte do País. A análise da participação das mulheres em relação à idade demonstra que as faixas mais jovens, ou seja, de 10 a 29 anos são mais espessas que a da população feminina superior a 30 anos. Duas hipóteses podem ser levantadas para explicar este fato. A primeira estaria relacionada com a maior oferta de emprego para mulheres solteiras, já que eximiria as empresas dos problemas criados pela mulher responsável pela família, em que os encargos sociais existem e são frequentes as faltas, atrasos, etc. Outra hipótese está relacionada com problemas específicos que a dona de casa deve enfrentar no sentido do papel que ela representa dentro

de um País com sérios problemas, em que as crianças não recebem assistência nenhuma até os 7 anos, com a inexistência de creches, parques infantis, pré-escola e outras instituições que poderiam liberar a mulher no sentido de que ela pudesse participar do produto social.

Por outro lado, num País como o nosso, em que as taxas de crescimento de emprego são bem inferiores às taxas de crescimento populacional, se as mulheres estivessem liberadas das obrigações do Lar, certamente iriam concorrer com os empregos dos próprios maridos e filhos.

O problema é, portanto, complexo e global, estando ligado ao desenvolvimento do conjunto do País, onde as medidas parciais não constituem solução.

O maior percentual das mulheres empregadas é absorvido pelo terciário e não pela indústria,

Na pesquisa de campo, notamos que as grandes indústrias de Suzano oferecem pouquíssimos empregos às mulheres aí residentes. Tais empresas buscam em Mogi das Cruzes a mão-de-obra melhor qualificada. Assim, no secundário, as mulheres são ocupadas principalmente nas indústrias têxteis de Suzano e absorvidas pelo setor terciário como empregadas domésticas em Suzano, Mogi das Cruzes e até mesmo em São Paulo.

As mulheres são encontradas à testa de casas comerciais e como professoras, sendo esta última a única função que exigia certa especialização.

Com a força de trabalho masculina, as condições são bem diferentes. A população de 20 a 59 anos apresenta-se grandemente utilizada, sendo muito baixos os percentuais correspondentes à população inativa, em cada uma das faixas. Sempre predomina a população efetivamente ocupada. É interessante notar também que o percentual de homens empregados

no secundário não varia muito, existindo apenas diminuição sensível na faixa etária de 50-59 anos. Nessas faixas sempre o terciário absorve mais pessoas do que o secundário.

Há duas faixas de exceção que merecem ser estudadas: a primeira corresponde à dos jovens de 10-19 anos que perfaz 14,5 da amostra, sendo que 9,3% está integrado na população inativa. Desta, 7,2% são estudantes, ocupados apenas em atividades discentes, e os restantes 2,1% estão à espera para ingressar na força de trabalho, sem antes ter tido experiência de trabalho e sem escolaridade suficiente.

Nesta faixa etária, a absorção de pessoal pela indústria é maior do que pelo terciário. Isto leva-nos a pensar no problema do menor. Para eles as empresas podem pagar salários inferiores ao mínimo. Em princípio o salário do menor deve ser o salário mínimo regional que funciona para o adulto. No entanto, se a firma registrar um menor como aprendiz, a empresa poderá pagar um salário inferior. Para isso ela precisa ter uma licença especial da Delegacia Regional do Trabalho. Tal licença somente é obtida se existir um programa de aprendizagem conforme as normas do SENAI (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial), com um prazo nunca superior a 3 anos. Todas as grandes empresas industriais de Suzano têm essa licença do DRT, no entanto, nem sempre as condições impostas pelas leis são obedecidas.

Existe uma reserva potencial de mão-de-obra constituída pelos estudantes que poderão entrar no mercado com certa qualificação e pelos jovens não estudantes que constituem a mão-de-obra braçal.

A pesquisa de campo não nos deu subsídios para avaliar a parcela de estudantes que estaria disposta a trabalhar se tivesse oportunidade.

A segunda faixa é constituída pela população que o-

cupa o ápice da pirâmide (60-69) anos), onde predominam as pessoas sem ocupação que não apresentam condições físicas ou mentais de realizar um trabalho com horários rígidos. Mesmo assim foram encontrados alguns velhos que trabalham como diaristas na agricultura, nos dias em que a saúde o permite. Além dos 70 anos não foi registrado nenhum trabalhador.

Reflexões sobre a população inativa

A tabela referente à população inativa de Suzano é bastante expressiva e complementa o que foi exposto na análise de trabalho.

Suzano - População inativa

Categoria dos inativos	Homem		Mulher	
	Nº	%	Nº	%
Crianças com menos de 10 anos	125	20,6	96	15,7
Estudantes	69	11,3	85	14,0
Prendas domésticas	-	-	140	22,9
Desocupados	32	5,3	39	6,5
Aposentados	10	1,6	1	0,2
Doentes - INPS	7	1,2	-	-
Vive de renda	4	0,7	-	-
Total	247	100	361	100

Total da população inativa = 608

Resquisa de campo - 1974

Amostra domiciliar

Cabe acrescentar algumas observações sobre os desocupados que perfazem 11,8% dos inativos e que são mais numero

so entre 10 e 19 anos. Parece que esta faixa é a preferida pelas empresas industriais que só não absorvem mais adolescentes porque as Leis Trabalhistas estipulam que pode ser utilizado um teto de até 5% do total dos empregados. A permissão de o jovem trabalhar com 14 e, atualmente com 12 anos (6) é um dos fatores que contribuem para a evasão escolar. Na faixa dos desocupados 3,3% correspondem a pessoas das faixas superiores da pirâmide. Não se pode esquecer que desses 1,8% é representado por mulheres. Não foi possível detectar se elas desejariam trabalhar se tivessem oportunidade.

Concluindo podemos dizer que, em Suzano um trabalhador é responsável pelo seu próprio sustento e de mais duas pessoas inativas, e que não é a indústria o setor que oferece maior número de empregos para os trabalhadores de Suzano, mas sim o terciário. Podemos ainda afirmar que não é no terciário de Suzano que a maioria das pessoas trabalha, mas sim, no de Mogi das Cruzes e de São Paulo. O terciário de Suzano ainda é incipiente, sendo exercido pelas famílias nas quais a maior parte dos membros trabalha.

Por outro lado, percebe-se que grande número de força de trabalho de outros municípios é absorvida pelas indústrias de Suzano. O município que mais envia trabalhadores é Mogi das Cruzes seguido de Poá, ambos contíguos a Suzano. Logo a seguir, vem o município da Capital com um percentual de 20,1%, que é elevado pois a Capital está a mais de 1 hora de distância de Suzano, tanto por trem, como de ônibus ou de automóvel. Isto se não for considerada a demora provocada pelos congestionamentos nas horas de "rush". No entanto, muitos dos trabalhadores braçais vêm dos distritos

(6) Segundo o Código das Leis Trabalhistas - CLT - ao menor entre 12 e 18 anos é permitido o trabalho, mas não em indústrias insalubres ou em horário noturno.

da Capital localizados na Central do Brasil, tais como, Guaia nazes, Ermelino Matarazo e Itaim. O pessoal ligado a cargos de direção das empresas vem de bairros tradicionais de São Paulo. Os vizinhos municípios de Itaquaquecetuba e de Ferraz de Vasconcelos também têm representantes no operariado de Suzano.

O estudo da mão-de-obra não residente em Suzano, ocupada nas suas indústrias apresenta o relacionamento da cidade com os demais municípios em termos de movimento pendular e serve para demonstrar a facilidade que as indústrias têm de sempre contar com a mão-de-obra abundante, quer seja de Suzano ou dos demais municípios e distritos da Capital, ligados pelos eixos viários da Sub-Região Leste.

Antes de realizar o estudo é importante que se tenha idéia do local de residência dos trabalhadores absorvidos pelas indústrias de Suzano.

Local de residência das pessoas absorvidas pelas indústrias de Suzano

Município	Frequência	%
Mogi das Cruzes	104	42,7%
Poá	65	26,7
São Paulo	49	20,1
Ferraz de Vasconcelos	14	5,7
Itaquaquecetuba	4	1,6
Outros	9	3,2
Total	244	100,0

Fonte: Pesquisa de campo - 1974

Amostra obtida via indústria

No sentido de avaliar a rotatividade no emprego foram colocadas algumas questões que visavam conhecer as características e o local de trabalho das pessoas integrantes das

duas amostras, nos últimos 10 anos, e as mudanças verificadas entre diferentes setores de atividade. Com relação a este último, notamos que dificilmente as pessoas mudam de setor de atividade, girando em torno de 84% a 90% daquelas que, embora mudando de emprego, mantêm-se no mesmo setor.

SUZANO: Nº de empregos nos últimos 10 anos

Nº	Amostra I %	Amostra II %
1	60,1	35,7
2	22,6	29,9
3	12,9	15,6
4	2,2	7,0
5	-	6,1
mais de 5	2,2	5,7
	100,0	100,0

Pesquisa de campo - 1974

Amostra domiciliar I

Amostra, via indústria II

Cabe aqui observar que os dados contidos na Amostra I estão prejudicados porque as respostas raramente foram dadas pelo chefe da casa. Nesta Amostra, a maior parte dos trabalhadores, 60,1%, teve apenas 1 emprego e 95,6% até 3. Os percentuais elevados podem estar relacionados com a juventude da população entrevistada nos domicílios.

A amostra II permite a análise da rotatividade do emprego existente nas atividades industriais, em 1974.

Excluindo as pessoas que tiveram apenas 1 emprego porque certamente tinham ingressado na força de trabalho, há poucos anos, a observação da tabela sugere que a mobilidade

no setor industrial é a regra. Isto vem de encontro a observações feitas por industriais da área. Um dos empresários do gênero têxtil afirmou que, mensalmente, despedia 21 empregados e absorvia 22. Outra observação sobre a rotatividade era a de que havia um acordo tácito entre os grandes empregadores de Suzano, no sentido de não admitir imediatamente pessoa recém desligada da indústria do próprio município.

Tais declarações supõem que os desempregados procurassem empregos em outros municípios da Grande São Paulo, o que vem reforçar a complexidade dos movimentos pendulares na área.

Como isso se reflete na vida do trabalhador? Há um risco para os trabalhadores da indústria ao tentar se fixar em um dos municípios, pensando em aproximar a residência do local de trabalho porque não existe garantia de que ele vai permanecer no emprego daquela localidade.

Assim do ponto de vista da indústria não há intenção de absorver os operários dos locais mais próximos, contribuindo para a estabilização maior da população o que seria em termos comunitários o desejável no sentido de formar uma comunidade atuante e capaz de participar na solução dos problemas locais.

Problemas da habitação

Diante das condições materiais de grande parte da população, o fato de possuir um pequeno terreno, onde quer que seja, até mesmo na várzea, não servida pelos serviços públicos, sem calçamento é sinal de ascensão social.

Esta interpretação pode ser confirmada pelo elevado índice de pessoas que em Suzano tinham casa própria apesar da baixa renda, ou seja, 63,5%.

A casa própria era e certamente continua a ser a meta da população de baixa renda que até 1974 comprava a preço relativamente baixo, a prazo, um terreno nas áreas de várzea, ao norte da estação ferroviária e na zona sul, nas colinas terciárias, área de sítio bom para se construir uma casa, mas sem os serviços de infra-estrutura urbana.

Após a obtenção do terreno, o proprietário conseguia a planta na Prefeitura, que tem alguns tipos de casas populares já padronizados e, a seguir, inicia a construção. Essa planta somente é fornecida ao proprietário do terreno, se ele colocar uma placa na frente da casa, com os seguintes dizeres: Casa Econômica - Prefeitura Municipal de Suzano. A placa deveria permanecer afixada na frente da casa até conclusão das obras. O proprietário pagava uma taxa mensal pelo uso da placa. As casas populares de Suzano são de alvenaria e construídas na base do mutirão familiar ou com o auxílio de vizinhos.

Esse mutirão é facilitado pela presença numa mesma rua de várias famílias de migrantes vindos de um mesmo Estado; ou até mesmo de uma mesma cidade. A pesquisa de campo mostrou que há concentração em determinadas ruas, especificamente de mineiros, especificamente de baianos e ainda, na Estrada de Ribeirão Pires, junto à Produquímica, foi encontrado um conjunto chamado "Vila Cunha", constituído por famílias vindas da área rural de Cunha através dos laços de parentesco, ou através dos "compadres". Segundo informações do proprietário, as pessoas aí residentes pediam para que os conterrâneos viessem e as famílias recém-chegadas se "amontoavam" na casa de um deles, para dar aos poucos, nas terras do proprietário, início a uma construção bem simples, muito semelhante à da área rural.

Em bairros muito heterogêneos do ponto de vista da origem da população, sem órgãos assistenciais que visem

a integração das pessoas que chegam, a única coisa que resta às famílias é a proximidade dos conterrâneos; cuja solidariedade, embora com sérias tensões, existe até mesmo na construção das casas.

O índice de casas alugadas na época da pesquisa era bem pequeno, constituindo apenas 26,5%. Existe uma minoria que ainda declarou viver somente de rendas, o que já foi apresentado na tabela correspondente à população inativa.

O valor médio do aluguel situava-se aproximadamente em Cr350,00, quase 1 salário mínimo da época. No entanto, 70% das famílias pagavam aluguéis abaixo da média. As casas melhor situadas e de mais elevado padrão de construção são difíceis de serem encontradas e quando o são os preços são muito altos. Algumas pessoas ligadas à administração de empresas manifestaram o desejo de habitar em Suzano, mas não foi possível encontrar casa dentro dos padrões e preços por eles almejados. Saíram de São Paulo para habitar em Mogi das Cruzes, embora o local de trabalho seja Suzano.

A difusão do sistema de financiamento da casa através de bancos e companhias de financiamento não havia atingido Suzano até o momento da redação deste trabalho, quando em novembro de 1978, a imprensa de São Paulo anunciou o plano de construção de casas populares pelo BNH. (7)

O sistema de compra dominante era feito até essa data através de pequenas imobiliárias localizadas na área central de Suzano e de particulares através de contatos diretos. O valor das prestações vistos independentemente da renda familiar poderiam ser considerados baixos. 72,7% das prestações eram inferiores a 1 salário mínimo e apenas 9,1% superior a

(7) Folha da tarde, 2/11/1978 - "Um convênio no valor de 50,1 milhões de cruzeiros, foi assinado na sede do BNH em São Paulo, para implantação do Projeto Cura (Comunidade Urbana de Recuperação Acelerada) em Suzano.

2. No entanto, se isto for correlacionado aos rendimentos da população de Suzano, o sacrifício para a aquisição da casa será realmente muito grande.

Uma das hipóteses que poderia ser levantada para explicar a não difusão dos financiamentos para casa própria seria a de que os baixos rendimentos da população não eram suficientes para que as famílias arcassem com a responsabilidade de uma dívida corrigida anualmente e cujas taxas de aumento estão muito acima dos respectivos reajustes salariais.

Na pesquisa de campo com relação à infra-estrutura de serviços principalmente urbanos constatamos que 94,5% das residências visitadas eram servidas de energia elétrica, enquanto a rede de esgotos atingia tão somente 44,5%. A água encanada correspondia ao percentual de 67%. A luz elétrica atingia quase a totalidade da área pesquisada e, inclusive, foram encontrados loteamentos extremamente mal feitos, distantes dos eixos servidos pelos transportes de maior frequência que, ainda assim, apresentavam luz com lâmpadas de mercúrio e guias. Nesses loteamentos houve o total desmatamento dos terrenos o que estava permitindo que a erosão agisse livremente, abrindo crateras em ruas muito mal trabalhadas e nos próprios lotes.

Esse serviço será por muito tempo o único que a população a habitar os novos loteamentos terá, porque parte considerável da área mais próxima do centro ainda não tinha serviço de esgoto e de água encanada. A SABESP estava na época dessa pesquisa iniciando os trabalhos de canalização - junto à área de maior urbanização.

Apesar dessa situação, o nível de aspiração das pessoas entrevistadas era bastante restrito. A maioria de mostrou certa conformidade com a situação sócio-econômica em geral.

Em relação à moradia, no momento em que foi perguntado se de sejava mudar de residência, 74,8% da população afirmou estar satisfeita e, apenas, 24,3% demonstrou o desejo de mudança. Entre os últimos, a maior parte pretendia mudar de residência, mas não deixar o município. Queriam morar na área central de Suzano, o que demonstrava evidentemente o desejo de usufruir dos serviços gerais e da infra-estrutura viária, além de certa mudança de "status", que pode ser dada pela vizinhança com as famílias de maior renda.

Entre os trabalhadores nas indústrias alguns citaram como opção para morar na Vila Amorim, situada bem próxima da mais importante área fabril do município, evitando as sim os grandes deslocamentos para o trabalho.

De modo geral, foram apresentados como motivos para o desejo de mudança os seguintes: aquisição da casa própria; precárias condições da construção e aproximação ao local de trabalho.

Por outro lado, 26,4% das famílias desejavam mudar de município, constituindo os migrantes em potencial.

Alguns desejavam fazer uma migração de retorno às áreas de origem: 8% para o Rio Grande do Norte; Alagoas; Rio de Janeiro e Paraná.

Em relação aos municípios da Grande São Paulo houve prioridade para a Capital (12,3%) e Mogi das Cruzes (4,1%), estando vinculados principalmente a aproximação ao local de trabalho.

Resumindo, podemos dizer que a principal motivação responsável pela mobilidade espacial que existe na área de Suzano é o trabalho.

Este município, por oferecer grande número de empregos, embora não compatível com o crescimento populacioo

nal, constituía o local de preferência da maior parte das pessoas. Aos poucos deverá se verificar verdadeira redistribuição interna, de acordo com o aumento da renda familiar e da disponibilidade de terrenos que existem nas proximidades da área central e da Vila Amorim.

As áreas pior localizadas, mas cuja densidade de ocupação não é grande vão ser escolhidas pela população de baixa renda e certamente será ocupada dentro dos próximos anos. A área sul, na periferia da cidade, estava em 1974 em processo de ocupação por uma classe média urbana que coexistia com as famílias que haviam se instalado há alguns anos em terrenos de baixo custo, quando a cidade ainda estava muito "amarrada" à estação.

Por outro lado, pessoas que moram em Suzano e trabalham em municípios diferentes desejam mudar a sua residência para as proximidades do trabalho.

Poucas famílias queriam retornar às regiões de origem, abandonando para sempre as condições de vida encontradas na Grande São Paulo.

SUZANO

ALGUNS ÍNDICES SÓCIO-ECONÔMICOS COMPARATIVOS DA AMOSTRA DOMICILIAR E INDUSTRIAL, 1974.

AMOSTRA		Amostra I Domiciliar	Amostra II Via indústria
Características			
População jovem 0 - 9 anos		20,9%	17,1%
Analfabetos na população com mais de 10 anos		16,2%	8,4%
Primário		64,8%	59,2%
Ginásio		9,7%	16,7%
Colégio		4,4%	11,1%
Superior		2,9%	3,6%
Proporção dos que moram em casa	PRÓPRIA	63,5%	54,7%
	ALUGADA	26,5%	32,9%
	AQUISIÇÃO	5,9%	5,2%
Número de pessoas por residência		5,4%	4,2%
Ocupação de população ativa	Secundário	43,4%	79,2%
	Terciário	53,9%	20,1%
Trabalham	Em Suzano	74,1%	20,1%
	fora de Suzano	25,9%	30,8%
Desocupados		12,1%	5,5%
Salários médios das pessoas (até 10 salários mínimos)		Cr\$909,00	Cr\$934,00
Famílias que possuem carro		27,5%	36,1%
Famílias que possuem televisão		80,3%	84,1%
Famílias que possuem máquinas de lavar		10,1%	19,7%
bicicleta		29,8%	30,9%
geladeira		59,2%	71,9%

Fonte: Pesquisa de campo - 1974

Cotejo entre padrões
sócio-econômicos di-
ferenciados

A comparação dos padrões sócio-econômicos das amostras revelam que a população atraída pelo trabalho que se realiza em Suzano apresenta um nível superior ao da população aí residente. No entanto a defazagem entre eles não é muito discrepante.

Nesse cotejo a amostra domiciliar sempre será chamada de Amostra I e a amostra obtida via indústria de Amostra II.

Na tabela são apresentados de forma comparativa alguns índices levantados na pesquisa de campo, que mostram diferenças significativas merecedoras de atenção por parte do pesquisador urbano.

Assim havia na população infantil (0-9 anos), 20,9% na Amostra I e 17,1% na Amostra II. Em relação ao número de pessoas por residência, 5,4% figuraram na Amostra I e 4,2% na Amostra II. Esses dados permitem inferir que as condições de moradia em Suzano são pouco inferiores aos da população que trabalha em Suzano e mora fora do município. No entanto não são diferenças extremamente marcantes.

A análise desses dados nos faz pensar sobre a polêmica que existe entre os estudiosos das ciências humanas sobre as famílias numerosas, com grande número de filhos. Será que o número menor de filhos diminuiria o encargo das pessoas ativas ou será que a sobrevivência da família com problemas de renda insuficiente somente é possível devido à existência de vários membros de um mesmo lar, o que permite verdadeiro revezamento entre as pessoas que trabalham, no momento em que as firmas dispensam seus serviços? Infelizmente

esse problema nos surgiu depois de termos realizado a pesquisa de campo. Seria valioso se tivéssemos incluído no elenco de questões, algumas que permitissem o esclarecimento desses pontos de vista.

O nível de qualificação da população pode ser analisado pela escolaridade: na Amostra I, 16,2% da população de 10 anos e mais é analfabeta, enquanto na Amostra II apenas 8,4%. As empresas industriais, de modo geral, não empregam pessoas que não saibam ler e escrever. As poucas pessoas analfabetas são antigas na firma e exercem funções bastante humildes. E assim mesmo esses percentuais correspondem aos familiares e não às pessoas empregadas no município.

A população da Amostra II apresenta escolaridade mais prolongada, ou seja, há maior número de pessoas que têm o colegial e cursos superiores completos. O melhor nível de escolaridade sugere maior qualificação da mão-de-obra. As grandes empresas que absorvem a maior parte dessa população é que usufruem do trabalho dessa população melhor qualificada.

Contrastes análogos encontramos ao analisar o nível ocupacional e o rendimento médio mensal dos trabalhadores nas duas amostras. Em relação à ocupação da população ativa dos setores, foram encontradas diferenças bastante significativas, pois enquanto na Amostra I, entre o setor secundário e o terciário, há uma diferença de apenas 10,5%, favorável ao terciário, no caso da Amostra II, a diferença é de 59,1%, favorável ao setor secundário.

A princípio a diferença nos pareceu muito grande, o que nos levou a refletir mais e a analisar melhor os questionários. Após essa análise, concluímos que as indústrias em Suzano selecionam os operários que têm certa experiência. Numa mesma família foram encontrados vários membros de trabalhadores nas indústrias de Suzano.

A proporção de desocupados é significativamente maior na Amostra I, 12,1%, contra 5,5% na Amostra II. Isto pode expressar o fato de a primeira Amostra representar realmente a situação da sociedade que está presente no município e a segunda ter sido elaborada com uma parte selecionada da sociedade correspondente ao operariado principalmente na área Suzano-Mogi das Cruzes-Poá e outros.

Sobre os rendimentos das duas amostras é bom que além dos dados globais que constam da tabela sejam apresentadas outras tabelas mais detalhadas.

As pessoas incluídas na Amostra II tinham um salário médio seguramente maior do que o percebido pelas pessoas da Amostra I.

RENDIMENTO MENSAL - 1974

Nº Salários	Amostra I		Amostra II	
	Frequência	%	Frequência	%
Menos de um salário	72	19,7	38	13,8
1 - 5	237	65,0	198	71,9
5 - 10	36	9,9	27	9,8
Acima de 10	20	5,4	12	4,5
Total	365	100,0	275	100,0

Fonte: Pesquisa de campo - 1974

Amostra domiciliar e

Amostra obtida via indústria

Nas duas amostras a maior parte dos trabalhadores percebem entre 1 e 5 salários mínimos. No entanto na Amostra II o percentual é superior em relação ao da Amostra I. Enquanto a Amostra I apresenta percentual superior de baixos salários, ou seja, quase 20% da população efetivamente ocupada

percebia, em 1974, menos de 1 salário mínimo. A situação da população residente em Suzano, em termos de rendimento médio é inferior ao da população trabalhadora nas indústrias, mas não residentes. Os baixos salários da população residente em Suzano pode ser explicado pela utilização da força de trabalho do menor que percebe salários abaixo do mínimo permitido pelas leis trabalhistas e pela população engajada no terciário inferior em serviços domésticos.

Nos níveis superiores, ou seja, acima de 5 salários mínimos as diferenças são menos significativas. A situação se inverte nos salários superiores a 10, pois, o percentual maior corresponde à Amostra I. Em média as pessoas ligadas à comercialização dos produtos agrícolas, ao comércio urbano e às profissões liberais em Suzano tinham, em 1974, rendas maiores do que as pessoas engajadas nas indústrias, ocupando cargos da alta administração.

Salários baixos e famílias numerosas demonstram o baixo nível da população quanto aos aspectos sócio-econômicos, isto vai ser responsável por um padrão de consumo também muito baixo. No inquérito foi perguntado sobre os tipos de veículos que a população possuía, tais como, carro, bicicleta, moto, telefone e aparelhos eletro-domésticos para avaliar o padrão de consumo das populações incluídas nas amostras.

Dentre os veículos o mais difundido é a bicicleta que, no caso das pessoas residentes em Suzano, serve como meio de transporte para o trabalho. As médias e grandes indústrias têm no pátio, área especial para a sua guarda.

36,1% na Amostra II declarou possuir 1 ou mais carros, enquanto na Amostra I, o percentual era de 27,1%.

O telefone apesar de estar incluído no inquérito não serviu para medir as características sócio-econômicas por

que em Suzano a Empresa da Borda do Campo, responsável pela instalação da rede não havia atingido as residências. A instalação dos aparelhos estava sendo feita segundo uma ordem de prioridade, em que as indústrias e casas comerciais foram as primeiras beneficiadas. Não houve muita diferença entre os percentuais apresentados pelas duas amostras, 6% na Amostra I e 6,8% na II.

Dos eletro-domésticos utilizados, dois merecem especial atenção porque servem para indicar de modo aproximado os níveis mais baixos e elevados da população em termos de consumo: o primeiro é constituído pela televisão. A comparação das amostras indica que praticamente não há diferença entre elas, apenas 4% a mais para a Amostra II. Sendo a televisão o eletro-doméstico de uso mais generalizado, as famílias que não têm esse aparelho são as de mais baixa renda e também aquelas cujas casas não possuem energia elétrica. Isto corresponde a aproximadamente 20% das famílias entrevistadas no caso de Suzano.

Outro eletro-doméstico é representado pela máquina de lavar roupas. Em relação a este aparelho há uma correlação muito interessante. Tanto as famílias de Suzano como as de outros municípios que declararam possuir máquina de lavar, utilizam-se dos serviços domésticos de terceiros, isto dá a dimensão do padrão de consumo das famílias de maior renda da área. Suzano apresenta nessa situação 10% do universo da amostra, enquanto nos demais municípios a situação é melhor, com 19,7%.

No confronto entre as duas populações, notamos que sempre as condições sócio-econômicas da população de Suzano eram em 1974 inferiores às da população absorvida pelas empresas industriais desse município.

As indústrias de grande porte de Suzano ofereciam aos trabalhadores do próprio município, empregos com funções

e salários muito baixos, enquanto absorvia a população melhor qualificada vinculada à produção e à administração nas cidades de Mogi das Cruzes e também de São Paulo, que se enquadram numa hierarquia superior. Isto pode ser inferido da análise de todos os índices apresentados na tabela.

O único índice que não apresentava grande defazagem, embora fosse superior na Amostra II era representado pelo rendimento médio dos trabalhadores que percebiam até 10 salários mínimos, pois, enquanto a Amostra I apresentava salário médio mensal de Cr\$908,00 a Amostra II apresentava um salário de Cr\$961,00.

Apesar disso a situação do grupo componente da Amostra II revelava-se bem mais satisfatória nos demais índices. O fato de ser uma população mais qualificada garante maior estabilidade no emprego, além de serem amparados pelas leis trabalhistas, como 13º salário, férias, etc., o que não ocorre com parcela significativa da força de trabalho de Suzano empregada no terciário, que se vê obrigada a mudar constantemente de empresa, e os serviços domésticos nem sempre se pautam pelas leis trabalhistas.

As transformações sociais
e a grande indústria

- os grupos sociais
- reflexões sobre o uso do sólo urbano
- considerações finais

Para caracterizar as transformações que ocorreram nos grupos sociais nas duas últimas décadas, faz-se necessário conhecer a estrutura social de Suzano antes da implantação de indústrias dinâmicas no município, quando o pequeno núcleo urbano ainda estava muito "amarrado" à estação e quando a sua economia era basicamente agrícola.

Ligados ao setor rural foram identificados dois grupos sociais:

- pequenos proprietários e arrendatários (estes proprietários em potencial), trabalhando a terra com a ajuda da família e de alguns poucos assalariados (caipiras). Desenvolviam a agricultura comercial e estavam associados em cooperativas;
- posseiros, dedicados à agricultura de subsistência, comercializando pouco ou nada de sua produção.

Observação: Na área rural havia ainda o grupo de trabalhadores das olarias localizadas nas proximidades dos pequenos rios, afluentes e subafluentes da mar

gem esquerda do Tietê.

Ligados ao setor urbano encontramos os seguintes grupos:

- pequenos comerciantes, que atendiam ao comércio local, constituídos por antigas famílias da localidade. Entre eles, havia proprietários que arrendavam terras principalmente aos agricultores japoneses e, em menor número, aos italianos e portugueses e seus descendentes;
- operários, que se empregavam nas indústrias tradicionais existentes em Mogi das Cruzes e, secundariamente, devido à dificuldade de acesso, procuravam empregos nas indústrias da Capital. Somente a partir da década de 50, a Capital passou a atrair a mão-de-obra de Suzano e Mogi das Cruzes. Multiplicaram-se as linhas de ônibus e aumentaram o número de trens que atingiam Mogi das Cruzes. Anteriormente, a maioria dos trens ia até Calmon Viana, no atual município de Poá. Portanto, não chegavam à estação de Suzano.

Desses grupos, apenas dois tiveram possibilidade de acumular um certo capital que seria, mais tarde, na década de 60, investido em outras atividades: os proprietários de terras radicados na área rural e os comerciantes que também eram proprietários mas que arrendavam suas terras.

Com a forte valorização das terras, relacionada principalmente com a função industrial houve verdadeira dinamização nas atividades urbanas; multiplicaram-se as indústrias de âmbito local e o comércio se ativou. Os proprietários de terras bem localizadas, em relação aos principais eixos viários, tiveram condições de transformá-las em capital e de se dedicarem a atividades mais lucrativas ligadas ao comércio ou à indústria ou, mesmo, à especulação imobiliária. Surgiu uma pequena burguesia local.

Apesar da implantação industrial ter sido comanda

da por grupos capitalistas provenientes da cidade de São Paulo, as repercussões sobre a população local foram marcantes. Uma rápida verificação na área comercial de Suzano permite a afirmar que a grande maioria das casas comerciais está, na a tualidade, nas mãos de descendentes de japoneses. Embora visivelmente ativo, constitui um comércio onde estavam ausentes, à época da pesquisa, os grandes supermercados e as grandes empresas comerciais que já se encontravam instalados em Mogi das Cruzes, cidade pertencente a uma categoria urbana superior.

Essa transferência dos descendentes de imigrantes de atividades rurais para atividades urbanas comerciais foi possível pela capitalização obtida através da venda de suas terras. Este mesmo processo ocorreu com algumas famílias, em relação à indústria;

- o grupo dos operários, que na década de 50, era pequeno, passou a se destacar (nos últimos 25 anos), representando expressiva parcela da população ativa local. Constituiu-se sobretudo de migrantes provenientes das mais variadas regiões do País, mas principalmente do interior do Estado de São Paulo, com destaque o Vale do Paraíba. Os operários absorvidos pelas indústrias são aqueles que tinham, pelo menos, o curso primário e que já adquiriram certa vivência urbana em outras áreas ou mesmo em Suzano, onde estão radicados há algum tempo. Deve-se destacar que este grupo apresenta grande mobilidade em relação ao trabalho, podendo estar empregado ora em Suzano, ora em Mogi das Cruzes ou em outros municípios próximos. É comum que se desloquem para trabalhar nos bairros da zona leste da Capital, área atravessada pela antiga Central do Brasil;

- o grupo dos subempregados e dos desempregados, constituído por migrantes recentes que chegavam após longos deslocamentos pelo interior do País, sem possibilidade de encontrar tra

balho fixo, devido a suas precárias condições de saúde e de escolaridade. Constituíam o grupo que aumentava a cada ano, engrossado por pessoas que vinham atraídas por uma esperança de trabalho, às vezes, apoiadas tão somente na presença de um parente que, em inúmeros casos não tinha possibilidade de encontrar ocupação nem mesmo para si próprio. A industrialização emergente continua a atrair pessoas, mas não consegue absorvê-las. Eram esses migrantes que formaram "bolsões de pobreza" dentro de uma cidade que pode ser considerada pequena, relativamente próxima da Capital.

- o grupo dos profissionais liberais, principalmente descendentes de japoneses, cujas condições econômicas e culturais permitiram que seus filhos fossem além da escolaridade primária. Na pesquisa de campo foram poucos os japoneses e descendentes encontrados na condição de operários. Geralmente apareciam como elementos engajados na parte administrativa das indústrias, sobretudo nas de capital japonês, como profissionais liberais, como comerciantes e, até mesmo, como industriais;

- grupos tradicionais do setor rural. O grupo dos pequenos proprietários japoneses com tendência à diminuição dentro da nova conjuntura econômica estabelecida pois, com a implantação de indústrias dinâmicas, as atividades rurais passaram para plano secundário, embora ainda tenham certa importância como uma das poucas áreas que, dentro da Grande São Paulo, contribuía para o abastecimento da Capital paulista.

O grupo do setor de subsistência tendia ao total desaparecimento, no entanto, nas áreas rurais mais distantes ainda subsistiam pessoas que se dedicavam ao auto-consumo e que, por vezes, se empregavam nas propriedades agrícolas voltadas para a comercialização.

Reflexões sobre o uso
do solo urbano

O trabalho desenvolvido através da pesquisa de campo nos permitiu concluir que a concentração industrial em Suzano provocou inúmeras transformações que atingiram não apenas o município, mas importante parcela da população da antiga Região de Mogi das Cruzes. A concentração industrial, que para muitos é considerada como indicador de progresso, não contribuiu para o desenvolvimento da população em termos de elevação dos padrões sócio-econômicos. Pelo contrário, agravaram-se os problemas de habitabilidade no próprio município em decorrência do crescimento acelerado da população, sem condições de encontrar empregos estáveis para todos os membros da mesma família.

A localização das indústrias em Suzano permitiu que as empresas passassem a contar com verdadeira "bacia de mão-de-obra", podendo manter alta rotatividade em relação aos trabalhadores, amparados agora pelo Sistema de Fundo de Garantia, que dá ao operário uma pequena importância em troca de um bem maior constituído pelo emprego. As grandes indústrias de Suzano têm condições de absorver a parcela de mão-de-obra mais qualificada dos municípios de São Paulo e de Mogi das Cruzes.

As condições analisadas neste trabalho se refletiram muito no uso do solo na área urbana de Suzano. Assim a homogeneidade que muitos afirmam existir nos subúrbios da Grande São Paulo é ilusória, pois o estudo mais profundo das características da área demonstraram a existência de contrastes, presentes na própria paisagem urbana.

O mapa anexo procura mostrar, de modo geral, a distribuição dos diferentes bairros, em que os aspectos qualita

tivos da população em termos sócio-econômicos são bastante evidenciados.

Teria sido desejável a elaboração de um tratamento estatístico em que muitas variáveis fossem correlacionadas e que aliadas às observações empíricas servissem de base para a melhor caracterização dos bairros de Suzano quanto ao nível de renda familiar, às condições de habitação e aos padrões de consumo. No entanto, na impossibilidade de se planejar uma programação em linguagem de computador cujos resultados tivessem validade, optamos por uma caracterização empírica baseada na vivência com a área e com as diferentes camadas da população.

Certamente constitui uma caracterização incompleta, sujeita a críticas. No entanto optamos por sua inclu-são no sentido de contribuir para o esclarecimento de vários pontos sobre o uso do solo urbano e levantar questões que de algum modo possam auxiliar a população com a qual tivemos contacto durante a pesquisa de campo. Essa popula-ção heterogênea, com hábitos e valores bastante diferenciados, sem laços comunitários, desconhecendo até os seus direitos de cidadão tem necessidade premente de encontrar meios para trabalhar, instruir-se e aproveitar as horas de lazer.

Esse problema não pode ser tratado apenas do pon-to de vista urbanístico, é preciso que seja considerado dentro do processo global de desenvolvimento do País.

O estudo do uso do solo em Suzano não pode ser feito isoladamente, desconsiderando os eixos e pólos que estruturaram não só a vida local, como também a dos municípios - com os quais mantém grandes relacionamentos em termos de dependência ou de interdependência quer sejam econômicas ou administrativas, dentro da Grande São Paulo e do Brasil Sudeste.

De acordo com o estudo empírico as áreas de Suzano podem ser delineadas no espaço da seguinte maneira:

- Bairros extremamente pobres, com alguns "bolsões de miséria"
- Bairros operários
- Bairros da pequena burguesia
- Bairros em fase de organização onde coexistem o setor pobre e o setor da classe média urbana
- O centro comercial
- Os eixos de maior concentração industrial.

Bairros pobres com alguns "bolsões de miséria". Em certos setores da cidade, concentraram-se parcelas importantes de migrantes vindos há menos de 5 anos, depois de terem feito grandes incursões pelo País. Em alguns setores também a população de origem negra é bastante significativa. Embora esses bairros estivessem localizados à pequena distância dos eixos viários, apresentam condições extremamente precárias. O único serviço que parte desses bairros usufrui é a energia elétrica. Aí se encontram famílias com grande número de crianças sem escolaridade ou em séries muito aquém de sua idade cronológica e ruas sem pavimentação, não servidas por água ou esgoto. As casas são diminutas e a população passa a maior parte do tempo fora delas.

Esse é o caso dos bairros situados ao norte da estação ferroviária, na várzea do Tietê, onde ainda existem áreas desocupadas ou reflorestadas com eucaliptos; o caso dos loteamentos destinados às populações de baixo poder aquisitivo, em área "prensada" entre a Estrada de Ferro e a antiga rodovia Rio-São Paulo; e também na divisa de Poá, nas proximidades da várzea do Rio Guaió.

Bairros operários - apresentam uma situação um pouco diferente da categoria anterior. Correspondem a seto-

res da cidade servidos por luz, água, parcialmente pela rede de esgotos e estão relativamente próximos da mais importante área fabril; são contíguos à área central da cidade e estão à pequena distância dos principais eixos viários. As casas possuem terreno maior, com pequenos jardins e quintais. As construções estão aos poucos recebendo benfeitorias por parte dos moradores.

O principal bairro operário é sem dúvida Vila Am^orim, imediatamente ao sul da Rodovia e bem próximo do centro. Pessoas que moram em setores distantes do centro ou mesmo fora de Suzano manifestaram o desejo de fixar residência nesse bairro. Aí são encontrados numa mesma família, vários membros ligados ao trabalho industrial.

Bairros da pequena burguesia - Imediatamente após o centro comercial de maior importância inicia-se o setor residencial, onde habita a maior parte da pequena burguesia, surgida em Suzano e já mencionada anteriormente. Esse setor envolve o centro de negócios, sendo o único a apresentar condições melhores, quer quanto à habitação, quer no sentido da infra-estrutura de serviços. Abriga parcela da população que mora há muitos anos na cidade e que participa da vida econômica local e dos seus problemas comunitários, usufruindo do pouco que a cidade oferece em termos de sociedade recreativa (clubes e associações). Aí o valor dos imóveis é alto e são poucas as casas de aluguel, pois a população é bastante estável.

Pode ainda ser incluído nessa categoria um bairro bem mais distante do centro, situado nas colinas terciárias da margem direita do Tietê, o chamado SESC. Aí habitam muitas das autoridades administrativas do município. É o bairro da população motorizada, da população de elevado "status" social.

O conjunto habitacional foi planejado e construí-

do pelo "SESC"-Serviço Social do Comércio, apresentando ruas pavimentadas que lembram os "bairros-jardins" da Capital, por suas sinuosidades e arborização, com casas de excelente padrão para a área. A maioria da população desse bairro planejado trabalha em São Paulo. Portanto, a construção do conjunto não está vinculada ao desenvolvimento do núcleo urbano de Suzano. O bairro, embora isolado, foi anexado à Prefeitura de Suzano, tendo em vista a necessidade de usufruir de serviços municipais, principalmente no que se refere à água e esgoto.

Bairro em fase de organização - Ao sul da cidade, logo após os bairros que circundam a área central, estão localizados os bairros de baixa densidade de ocupação, onde coexistem setores de residências de populações mais pobres (os primeiros ocupantes da área) e setores de loteamentos de classe média, de pessoas ligadas a profissões liberais e ao comércio.

A tendência é a expansão da cidade nessa direção, pois antes da expansão do casario, as indústrias já tinham se instalado a poucos quilômetros, no eixo Suzano-Ribeirão - Pires, em plena zona rural.

O crescimento da cidade em direção ao Sul permitiu uma nova e eficiente forma de exploração capitalista ligada à especulação imobiliária desenfreada, nos limites do perímetro urbano da cidade, onde ainda existem granjas e fundos de vale aproveitados pela horticultura.

O Centro comercial - A mesma área planejada no final do século passado, nas proximidades da estação, continua a manter a função comercial como principal atividade. São duas ruas que saem da velha rodovia Rio-São Paulo, na frente da Estação Ferroviária, no sentido Norte-Sul e que se prolongam por aproximadamente 1000 metros de casas comerciais de va

rejo e algumas poucas de atacado, estabelecimentos bancários, despachantes e representantes, onde o descendente de japônês desempenha importante papel. Aí não existem áreas por serem ocupadas e os preços dos imóveis são bastante elevados. Pode-se dizer que Suzano apresenta somente esta área comercial na zona urbana. São encontrados pequenos embriões de comércio nos núcleos servidos pelo eixo Suzano-Ribeirão Pires.

Os eixos de maior concentração industrial - Sobre eles já dissertamos no capítulo referente à localização industrial. A indústria, se concentrou em áreas restritas do município, mas alterou toda a dinâmica da população e da economia.

Considerações finais

O estudo empírico da realidade representada por Suzano, ou por qualquer outro município industrial da Grande São Paulo ou do Brasil de Sudeste, onde o processo de acumulação capitalista brasileiro foi extremamente grande, serve para identificar os problemas econômicos vividos pelo País e que vêm se refletindo nos padrões sócio-econômicos da população brasileira.

O descongestionamento industrial da Capital paulista em direção aos municípios periféricos com a implantação da grande indústria tornou essas áreas palco dos problemas que, até há poucas décadas, restringiam-se à cidade central, com o crescimento acelerado da população e o engrossamento crescente das correntes imigratórias.

A análise do desenvolvimento urbano-industrial de Suzano revela que os problemas aí gerados decorrem de uma interação de variáveis econômicas e de decisões externas aos poderes locais. Assim a cidade controla apenas em parte a organização de seu espaço e os problemas de sua população. Os poderes locais sofrem restrições em virtude do que se decide ao nível regional, na Grande São Paulo e ao nível nacional em Brasília. Por outro lado a decisão das empresas multinacionais de se instalarem em Suzano extravazam o âmbito de influência nacional para o internacional. Assim muitos dos problemas criados em Suzano são decididos em países estrangeiros, apoiados pela política do governo central do País.

A implantação de indústrias de grande porte reestruturaram toda a vida da população de Suzano e contribuem para o seu crescimento acelerado. Dentre as colocações feitas para justificar a sua presença destacam-se: a ampliação do

mercado de trabalho e o aumento da arrecadação do município. Após o estudo das condições sócio-econômicas existentes em Suzano, esses argumentos tornam-se inconsistentes. Com o aumento da população de Suzano a oferta de mão-de-obra também foi maior e não de forma compatível com o número de empregos oferecidos. A rotatividade persiste porque sempre há pessoas à espera de um emprego e as indústrias mantêm mecanismos para continuar com a rotatividade contando para isso com mão-de-obra de Suzano e dos municípios da Sub-Região Leste.

Se é verdade que tais indústrias contribuem para o aumento da renda do município, elas também estão usufruindo dos seus serviços. Os poderes públicos locais recebem, em Suzano, praseirosamente as grandes indústrias quer sejam nacionais ou multinacionais, sem a necessária visão das repercussões futuras para a população de Suzano e para os brasileiros em geral. Os poderes públicos locais facilitam a entrada das grandes e dificultam a entrada das pequenas empresas. Rattner-1974 ao estudar um outro município da Grande São Paulo com problemas talvez mais sérios que os apresentados por Suzano fez a seguinte observação: "Um conhecimento mesmo superficial da Grande São Paulo e de Osasco, em particular, revela todavia índices preocupadores de desigualdade na distribuição dos frutos do progresso, trazidos pela industrialização. Entendemos por progresso não apenas aqueles aspectos puramente materiais como, por exemplo, o afluxo maior de bens de consumo, postos à disposição da população e sim as possibilidades de auto-realização humana, por via de maiores e melhores condições de educação, saúde, trabalho e lazer."

A idéia de que onde há indústria, há trabalho contribui para que os migrantes afluam para Suzano encontrando, entretanto, uma cidade despreparada para recebê-los e as indústrias, por seu lado, já têm um contingente de mão-de-obra

operária que podem utilizar à vontade. Há pessoas de outros municípios com certa categoria industrial que, ao encontrar trabalho em Suzano, transferem sua residência para essa cidade. No entanto, não existe garantia de que aí permaneçam empregados por muito tempo.

O desenvolvimento urbano de Suzano criou novas necessidades de consumo que permitiu a saída de pessoas das atividades agrárias para as urbanas, formando-se assim uma classe média urbana que havia conseguido alguma poupança com o trabalho da terra em moldes capitalistas, baseado no sistema de cooperativas. Foi o único grupo da área que se beneficiou com a expansão urbana acelerada pela implantação da grande indústria. Os proprietários de terras desocupadas passam agora a especular e aplicar o capital em atividades de maior lucratividade. Isto, porém, vai ocorrer com uma parcela diminuta da população local.

Alguns dos grupos econômicos nacionais principalmente de São Paulo, que iniciaram suas atividades industriais em Suzano, conseguindo acumular capitais à custa da atividade industrial baseada no uso de uma mão-de-obra abundante e barata, tornaram-se também grandes proprietários de terras e atualmente obtêm fabulosos lucros através de loteamentos aprovados pela Prefeitura local. A organização do espaço continua caótica, a população de baixa renda se endivida para ter sua casa própria.

A organização do espaço e os padrões sócio-econômicos da população são presididas pelos grupos econômicos que encontram formas variadas e flexíveis para acumular os respectivos capitais. O poder local compactua com esse processo quando pressiona os proprietários rurais a venderem suas terras para transformá-las em áreas industriais, quando atende às solicitações de melhoramentos no sentido de lotear áreas distantes do centro, onde a densidade de construção é

nula ou de pequena densidade, deixando atrás grandes espaços vazios; quando gasta a maior parte do orçamento municipal em melhorias que atendem os diferentes grupos econômicos, deixando a população cada vez mais carente de organismos que visem atender às crianças, aos jovens e aos doentes e com a criação de áreas de lazer e outros muitos benefícios.

A evolução do desenvolvimento industrial de Suzano se insere no desenvolvimento da evolução do capitalismo no Brasil e na divisão internacional do trabalho que torna o País cada vez mais dependente das grandes empresas multinacionais e dos países industrializados do hemisfério norte. Os grupos econômicos nacionais, por seu lado, se aproveitam dos efeitos multiplicadores criados pela concentração urbano-industrial que a implantação da grande indústria proporcionou, especulando sobre as terras agora extremamente valorizadas, à custa do endividamento da população de baixa renda.

Bibliografia

- A CIDADE DE SÃO PAULO, vários autores sob à direção de Aroldo de Azevedo, 4 volumes, Companhia Editora Nacional , São Paulo, 1958.
- ARAÚJO FILHO, José Ribeiro de.- O Café, riqueza paulista, in Boletim Paulista de Geografia, nº 23 - São Paulo, 1956.
- AZEVEDO, Aroldo de.- Subúrbios Orientais de São Paulo, São Paulo, 1945.
- CANO, Wilson.- Raízes da Concentração Industrial em São Paulo, Editora Difel, Rio de Janeiro - São Paulo, 1977.
- CEDEPLAR.- Migrações Internas e Desenvolvimento Regional , Vols. I e II, Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional da Universidade Federal de Minas Gerais - Belo Horizonte, 1973.
- CHAPOUTOT, J.J. e GAGNEUR, J.- Mobilisation de la Force de Travail et Gestion des Transports Urbains, in La vie urbaine, Tome 52-53-54, Paris, 1976.
- DEAN, Warren.- A industrialização de São Paulo (1880-1945), Difusão Européia do Livro - EDUSP, São Paulo, 1971.
- ESTALL, R.C.- e BUCHANAN, R.O.- Atividade Industrial e Geografia Econômica, Traduzido do original Industrial Activity and Economic Geography, Londres-1965, Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1971.
- FUNDAÇÃO IBGE. - Divisão do Brasil em Regiões Funcionais Urbanas, CNG/IPEA, Rio de Janeiro, 1966.
- FUNDAÇÃO IBGE. - Geografia do Brasil. Região Sudeste, Vol.3, Rio de Janeiro, 1977.
- FUNDAÇÃO IBGE.- Suzano-São Paulo, Coleção de monografias Nº 553, Rio de Janeiro, 1973.
- FUNDAÇÃO IBGE.- Recenseamentos gerais e Censos Demográficos e industriais.
- GEGRAN - Caracterização preliminar da Região da Grande São Paulo, 1968.

- GEORGE, Pierre.- A ação do homem, Difusão Européia do Livro, traduzido do original L'Action humaine, São Paulo, 1974.
- GEORGE, Pierre.- Geografia Urbana, Ediciones Ariel, Barcelona, 1964.
- GEORGE, Pierre.- Problemas, doutrina e método, in A Geografia Ativa, Difusão Européia do Livro, São Paulo, 1973.
- GEORGE, Pierre.- Sociologia e Geografia, Editora Forense, Rio de Janeiro - São Paulo, 1966.
- GRINBERG, Isaac.- História de Mogi das Cruzes (do começo a 1954), São Paulo, 1961.
- GOLDENSTEIN, Léa.- A industrialização da Baixada Santista; estudo de um centro industrial satélite. USP/GEOG., São Paulo, 1972.
- HOFFMANN, Helga.- Desemprego e Subemprego no Brasil, Editora Ática, São Paulo, 1977.
- IANNI, Octavio.- Estado e Planejamento Econômico no Brasil - (1930-1970), Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1977.
- KAYSER, Bernard.- Migracion de Main d'oeuvre et marchés du travail, OCDE, Paris, 1971.
- LANGENBUCH, Richard.- A estruturação da Grande São Paulo, Fundação IBGE, Rio de Janeiro, 1971.
- LUZ, Nícia Vilela.- A Luta pela Industrialização do Brasil, Editora Alfa-Omega, São Paulo, 1975.
- MADEIRA, Felícia R. e SINGER, Paul I.- Estrutura do emprego feminino no Brasil: 1920-1970; Caderno CEBRAP, nº 13, São Paulo, 1973.
- MATA, M.da, CARVALHO, E.W.R.de, SILVA, M.T.I.I. de C.- Migrações internas no Brasil - aspectos econômicos e demográficos, IPEA/INPES, 1973.
- MUNOZ, H; OLIVEIRA, O; SINGER, P. e STERN, C.- Migracion y Desarrollo - consideraciones teóricas, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, Buenos Aires, 1972.
- O DESAFIO METROPOLITANO, Secretaria de Estado dos Negócios Metropolitanos, EEMPLASA, São Paulo, 1976.

PEREIRA, José Carlos.- Estrutura e Expansão da Indústria em São Paulo, Editora Nacional, 1967.

PETRONE, Pasquale.- As Indústrias Paulistanas e os Fatores de sua Expansão in "Boletim Paulista de Geografia nº 14, São Paulo, 1953.

Plano de desenvolvimento local integrado do município de Suzano - 4 volumes, Neves & Paoliello Sociedade Civil Ltda. , , Julho de 1970.

QUEIROZ, M.V.de, EVANS, P., MANTEGA, G., SINGER, P., Multina-cionais: internacionalização e crise, Caderno CEBRAP, nº 28, Editora Brasiliense, São Paulo, 1977.

RATTNER, Henrique.- Industrialização e Concentração Econômica em São Paulo, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, - 1972.

RATTNER, Henrique.- Planejamento Urbano e Regional, Editora Na-cional, São Paulo, 1974.

SAITO, H. e MAEYAMA, T.- Assimilação e Integração dos japone-ses no Brasil, Ed. Vozes - EDUSP, São Paulo, 1973.

SAITO, Hiroshi.- O Japonês no Brasil - Estudo de mobilidade e fixação - Editora Sociologia e Política, São Paulo, 1971.

SAMPAIO, Sílvia Selingard.- Geografia Industrial de Piracica-ba: um exemplo de interação indústria-agricultura, IBEOG-USP., São Paulo, 1976.

SANTOS, Milton.- Por uma Geografia Nova, Editora Hucitec - EDUSP, São Paulo, 1978.

SILVA, Sérgio.- Expansão Cafeeira e Origens da Indústria no Brasil, Editora Alfa-Omega, São Paulo, 1976.

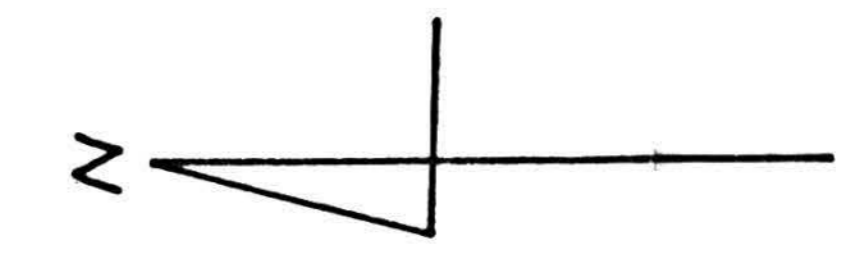
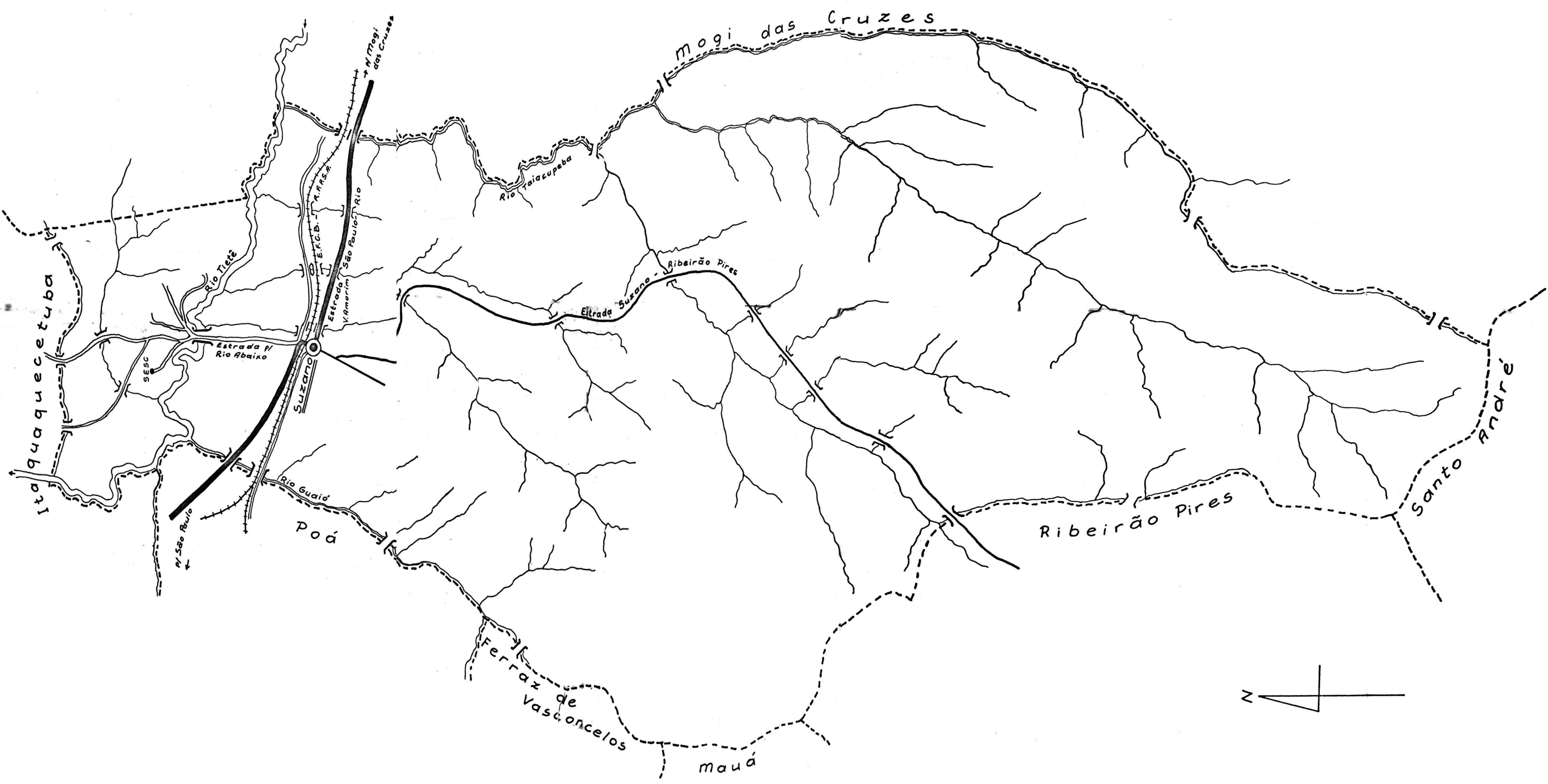
SINGER, Paul Israel.- Desenvolvimento e Crise, Difusão Euro-péia do Livro, São Paulo, 1968.

SINGER, Paul.- Desenvolvimento Econômico e Evolução Urbana, Com-panhia Editora Nacional - EDUSP, São Paulo, 1968.

SINGER, Paul.- Dinâmica Populacional e Desenvolvimento, Tese de Livre Docência, Edições CEBRAP, São Paulo, 1970.

SINGER, Paul Israel.- Força de Trabalho e Emprego no Brasil: 1920-1969, Caderno CEBRAP, nº 3, São Paulo, 1971.

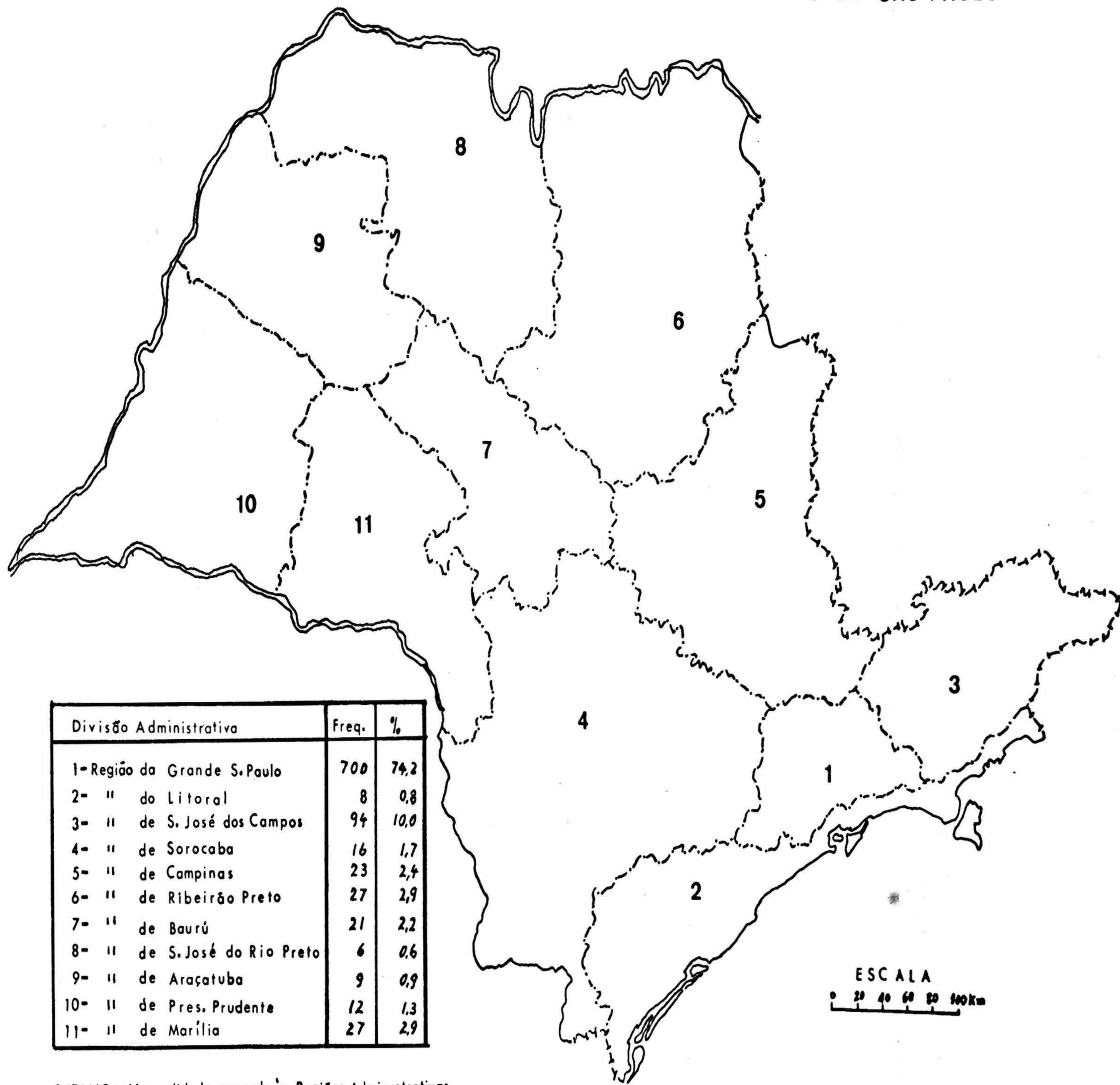
MUNICIPIO DE SUZANO



Escala apr. - 0 500m 1Km

Fonte: Carta da Seção de Obras da Prefeitura Municipal de Suzano

ESTADO DE SÃO PAULO



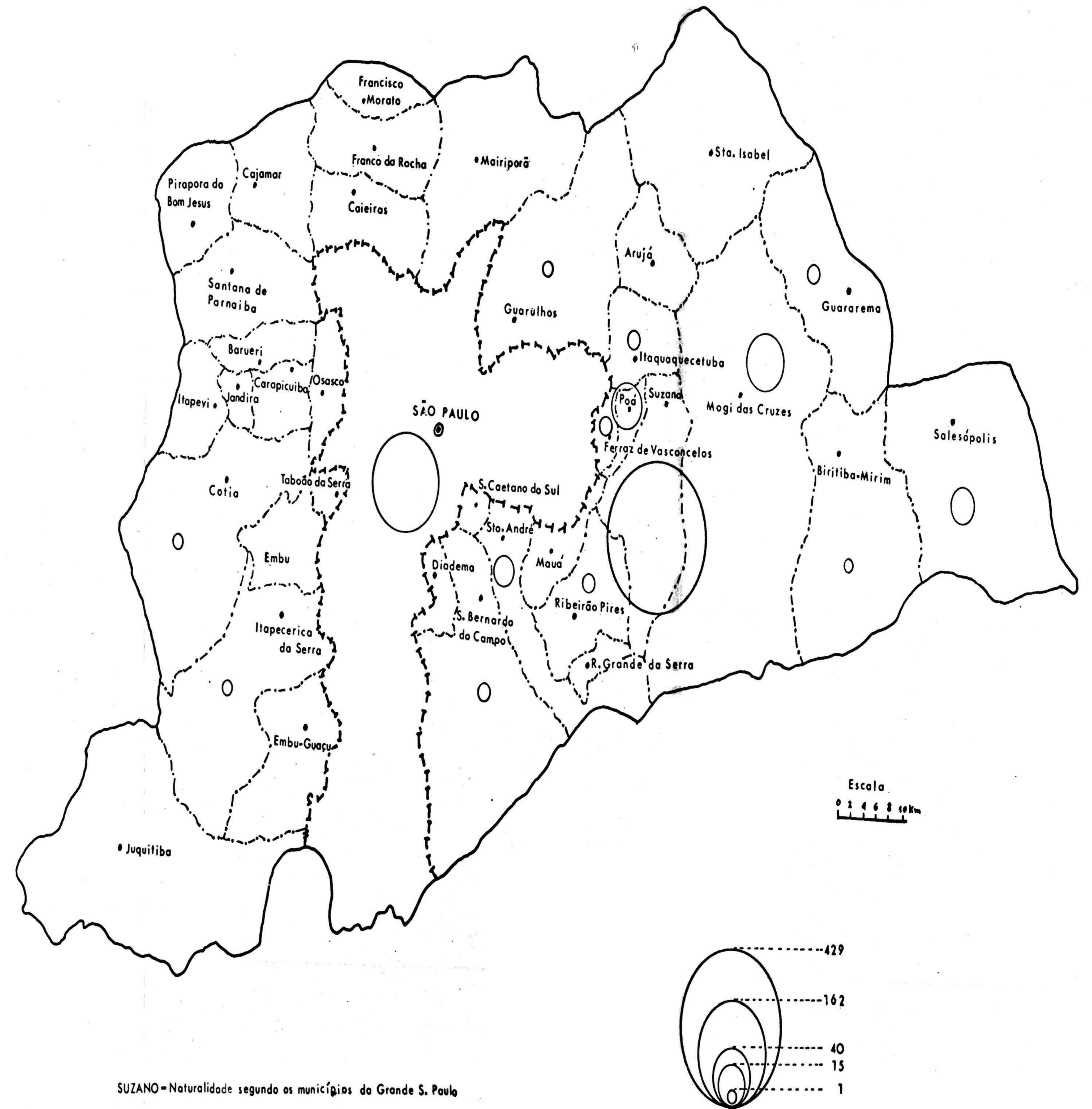
Divisão Administrativa	Freq.	%
1- Região da Grande S. Paulo	700	74,2
2- " do Litoral	8	0,8
3- " de S. José dos Campos	94	10,0
4- " de Sorocaba	16	1,7
5- " de Campinas	23	2,4
6- " de Ribeirão Preto	27	2,9
7- " de Baurú	21	2,2
8- " de S. José do Rio Preto	6	0,6
9- " de Araçatuba	9	0,9
10- " de Pres. Prudente	12	1,3
11- " de Marília	27	2,9

ESCALA
0 20 40 60 80 100km

SUZANO = Naturalidade segundo as Regiões Administrativas

FONTE = Pesquisa de Campo 1974
Amostra domiciliar

MUNICÍPIOS DA GRANDE SÃO PAULO



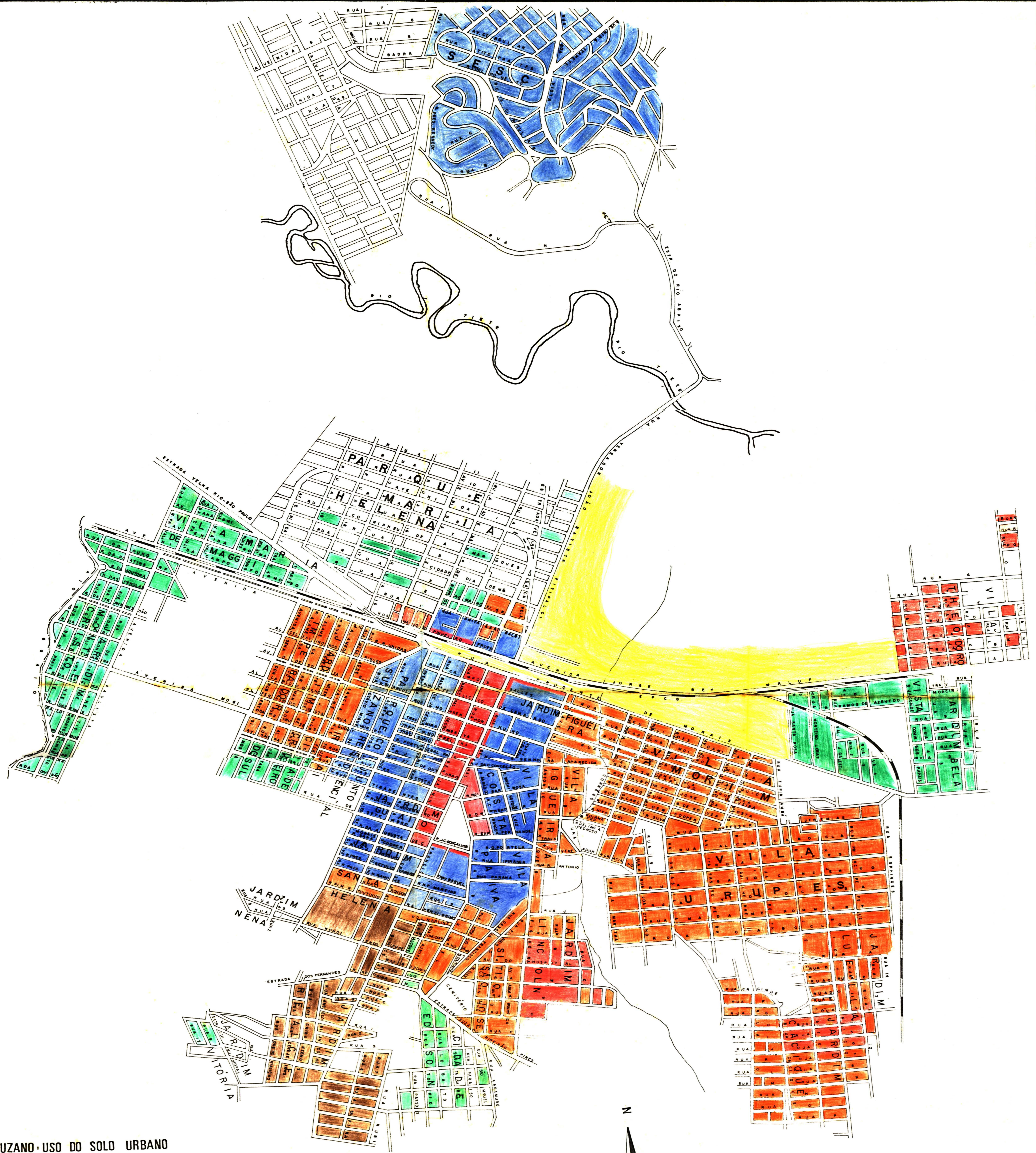
Escala
0 2 4 6 8 10km

SUZANO = Naturalidade segundo os municípios da Grande S. Paulo

FONTE = Pesquisa de Campo 1974
Amostra domiciliar

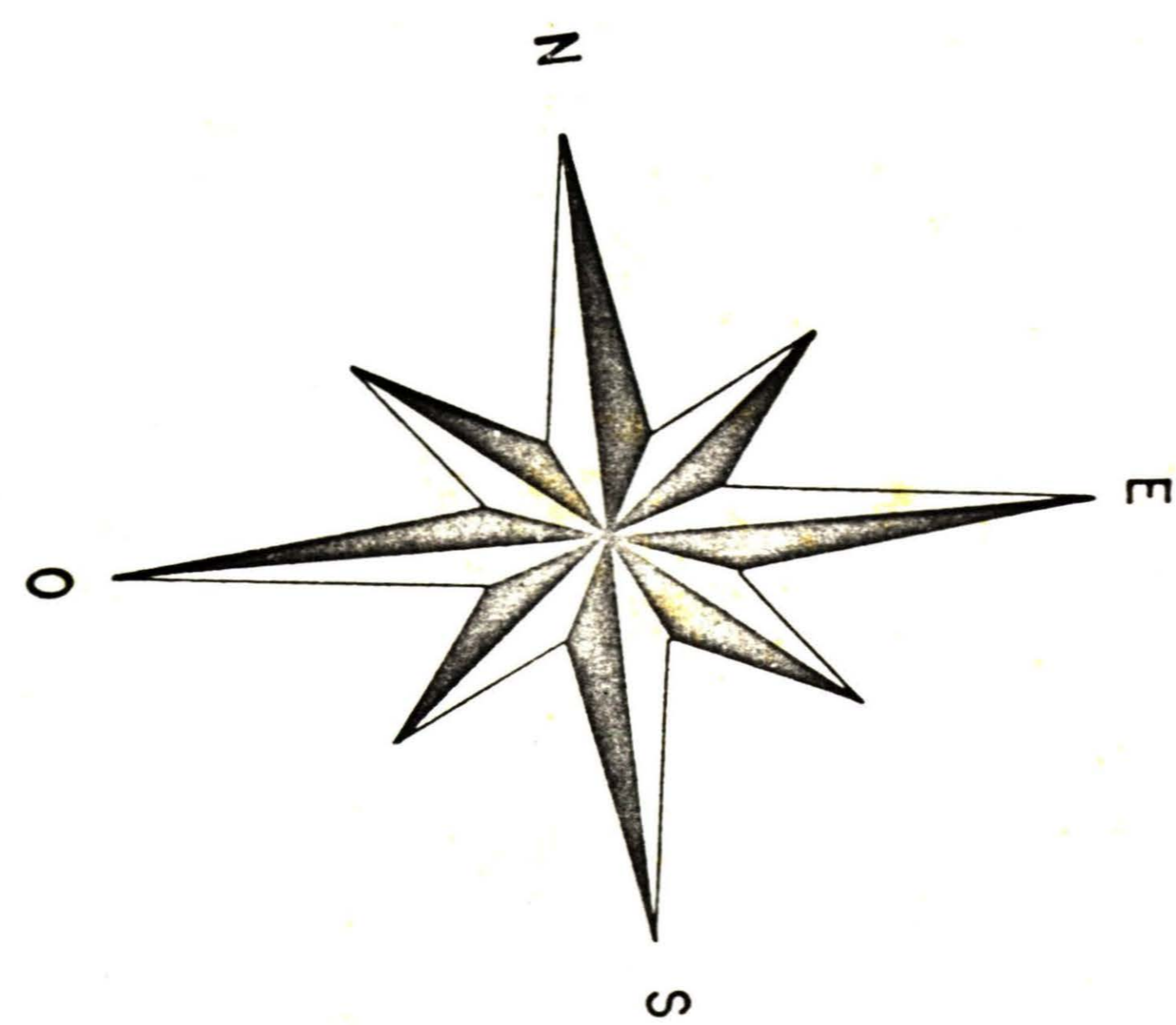
SINGER, Paul.- Recursos Humanos, Secretaria do Planejamento do Estado de São Paulo, 1976.

TÍRICO, José Domingos.- A Região do Alto Curso Superior do Tietê, in Revista Brasileira de Geografia, Out-Dez-1960.



SUZANO- USO DO SOLO URBANO

- zona residencial operária
- zona residencial pobre com alguns "bolsões de miséria"
- zona residencial da pequena burguesia
- zona residencial onde coexistem setores pobres e de classe média
- zona comercial
- zona de concentração industrial



Escala aprox. 1:13500
1974

A digitalização deste documento foi possível graças ao investimento do Programa de Pós-graduação em Geografia Humana (PPGH-FFLCH-USP) e realizada com recursos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. Essa ação integra as atividades de comemoração dos 50 anos do PPGH no ano de 2021. Para mais informações sobre o PPGH e sua história, visite a página do programa: <http://ppgh.ffeilch.usp.br/>.

